

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

Jéssica Lopes de Assis

O ASSOCIATIVISMO NEGRO NO VALE DO PARAÍBA - O CLUBE PALMARES
DE VOLTA REDONDA (1940-1970)

Juiz de Fora

2024

Jéssica Lopes de Assis

**O ASSOCIATIVISMO NEGRO NO VALE DO PARAÍBA - O CLUBE PALMARES
DE VOLTA REDONDA (1940-1970)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestra em História. Linha de pesquisa: Narrativas, Imagens e Sociabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Souza Melett Brum

Juiz de Fora

2024

Jéssica Lopes de Assis

**O ASSOCIATIVISMO NEGRO NO VALE DO PARAÍBA - O CLUBE PALMARES
DE VOLTA REDONDA (1940-1970)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestra em História.

Aprovado em __/__/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra Souza Melett Brum
Orientadora Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Ana María Sosa González
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico aos meus pais

Creuza e Elcio

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar perseverança para ter chegado até aqui.

Quero saudar àqueles que vieram antes de mim e que tanto me inspiraram a escrever essa dissertação como: o Mestre em História Social Eduardo Ângelo da Silva *in memoriam*; Gladys Guimarães *in memoriam*; os sócio-fundadores do Clube Palmares: Maria da Glória, João Laureano *in memoriam*, Nazário Dias *in memoriam* e sua esposa Maria Eunice da Silva Santos Dias *in memoriam*. Um agradecimento especial aos atuais representantes do clube que me receberam de braços abertos.

Agradeço meus pais Creuza e Elcio e a minha avó Agostinha pela paciência, apoio e incentivo a estudar desde sempre e por permitirem que eu concluísse mais uma etapa da minha carreira acadêmica/profissional. Agradeço aos meus irmãos Juliana e Vitor, pelo carinho e amizade desde sempre.

Um agradecimento aos meus amigos Maria Eloah Bernardo e Wilson Carlos que me acompanham desde a iniciação científica na época da graduação; ao Chrigor Libério pela troca diária durante o período do mestrado; aos colegas Leonardo Ângelo e Thompson Clímaco pelo suporte que me deram ao longo das minhas pesquisas.

Agradeço à minha orientadora da graduação, Profa. Dra. Fabíola Amaral Tomé de Souza, que me ajudou a montar o projeto de mestrado e me incentivou a não desistir. Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Alessandra Souza Melett Brum pela orientação, aprendizado e atenção durante o meu processo de escrita. Gostaria também de agradecer a Profa. Dra. Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro e ao Prof. Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim, por participarem da minha banca de qualificação. E agradeço imensamente a Profa. Dra. Ana María Sosa González e, novamente, a Profa. Dra. Hebe Mattos, por aceitarem o convite para participar da banca da minha defesa.

Gostaria de agradecer a Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, por ter me dado a oportunidade de realizar essa pesquisa. Vale ressaltar que essa dissertação não seria concebível sem o suporte que recebi da agência de fomento CAPES, reconheço, portanto, o quanto foi imprescindível para a materialização da minha pesquisa.

*[...] Estamos chegando do alto dos morros
Estamos chegando da lei da baixada
Das covas sem nome chegamos
Viemos clamar*

*Estamos chegando do chão dos quilombos
Estamos chegando no som dos tambores
Dos novos palmares nós somos
Viemos lutar*

A de ó

Milton Nascimento - A de Ó (Estamos chegando).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o lazer no município de Volta Redonda, através do processo de formação do Clube Palmares. O clube, fundado no ano de 1965, tinha como um de seus principais objetivos incluir o negro na sociedade, pois, devido à discriminação racial, o mesmo era impedido de ter acesso a alguns clubes associativos vinculados à Companhia Siderúrgica Nacional - CSN. Além disso, o que se pretende com este trabalho é compreender como um clube voltado para pessoas negras e que denunciava o racismo constantemente, conseguiu se manter em um local que, na década de 1970, foi considerado Área de Segurança Nacional. O trabalho desenvolve-se alicerçado na análise de entrevistas realizadas pela historiadora Gladys Guimarães e, estende-se a uma análise quantitativa e comparativa das edições dos jornais *O Lingote* e *O Fluminense*, periódicos em que o Clube Palmares foi mencionado.

Palavras-chave: Associativismo, Discriminação, Segregação.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze leisure in the municipality of Volta Redonda, through the process of formation of Clube Palmares. The club, founded in 1965, had as one of its main objectives the inclusion of black people in society, as, due to racial discrimination, they were prevented from having access to some associative clubs linked to the Companhia Siderúrgica Nacional – CSN. Furthermore, the aim of this work is to understand how a club aimed at black people and which constantly denounced racism managed to remain in a place that, in the 1970s, was considered a National Security Area. The work is based on the analysis of interviews carried out by historian Gladys Guimarães and comparative analysis of editions of the newspapers O Lingote and O Fluminense, periodicals in which Clube Palmares was mentioned.

Keywords: Associativism, Discrimination, Segregation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI - Ato Institucional

AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras

ASI - Assessoria de Segurança e Informações

BIB - Batalhão de Infantaria Blindada

CFCSN - Clube dos Funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CP - Clube Palmares

CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

CTG - Centro de Tradição Gaúcha

FEM - Fábrica de Estruturas Metálicas

GACEMSS - Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva

Judica - Juventude Diocesana Católica

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

SNI - Serviço Nacional de Informações

SRO - Serviço de Recreação Operária

TEN - Teatro Experimental do Negro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Clubes Associativos de Volta Redonda e seus respectivos fundadores (1940-1960)	52
Tabela 2 - Clubes Sociais de Volta Redonda mencionados pelo Jornal <i>O Lingote</i> (1960-1970)	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de divisão regional do Rio de Janeiro	15
Figura 2 - O plano urbanístico e a planta industrial da usina eram apresentadas em um plano geral	26
Figura 3 - Conselho Deliberativo, Instruções para votação da Assembleia Geral, 1969	40
Figura 4 - Engenheiro José Elias de Souza e o Coral Palmares	41
Figura 5 - “Rainha da Imprensa de 1966”	57
Figura 6 - “Náutico Faz Festa Para a Imprensa”	58
Figura 7 - “Eleição <i>Miss Colored</i> 1967”	59
Figura 8 - “Concurso Mini Rainha Palmares”	59
Figura 9 - “Baile Mensal”	61
Figura 10 - “Almôço da Amizade”	62
Figura 11 - “Embaixador do Senegal: VR é outra abolição”	63
Figura 12 - Relação dos Associados Contribuintes do Clube Palmares (Participantes)	71
Figura 13 - Maria da Glória, Marlene Balbino e Cléia Lúcia de Paula	72
Figura 14 - Coral Palmares	73
Figura 15 - Relação dos Associados Contribuintes do Clube Palmares.....	74
Figura 16 - “O Homem e (hoje, também) a Mulher no trabalho”	79
Figura 17 – Florisbela Malta de Oliveira, Maria José, Elza do Carmo Fernandes Tedesco e Clarice Mat’oli Zucari.....	80
Figura 18 – Esmeralda Pinheiro Pereira e Anália Veiga.....	81

Sumário	
Introdução	14
Capítulo 1 “Volta Redonda: um sonho feito de aço e ousadia” ... e exclusão	20
1.1 O processo de formação da cidade – quando tudo começou	20
1.2 “Ô Nazário, por que a gente não funda um Clube?”	29
1.3 O lazer na cidade de Volta Redonda: alguns apontamentos	46
1.1.3 O lazer em Volta Redonda através das fontes	54
Capítulo 2 Um Palmares na Cidade do Aço – Representatividade e Resistência	65
2.1 O Associativismo Negro no Vale do Paraíba	65
2.1.1 A participação feminina no Clube Palmares	70
2.2 Associativismo ou Movimento Social?	87
Considerações Finais	97
Referências Bibliográficas	101

Introdução

“O silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”.

POLLAK, Michael.

A presente pesquisa teve início no meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, em que analisei o Movimento Negro e as Religiões Afro-brasileiras na cidade de Barra Mansa, durante o regime militar. Na ocasião, não havia encontrado nenhum tipo de movimento que se configurasse como resistência negra, o que acabou me levando ao conhecimento do Clube Palmares, no município vizinho. Esta dissertação também é uma continuação de pesquisas sobre o Clube Palmares de Volta Redonda, iniciadas pela historiadora Gladys Guimarães e que não foram concluídas.

Ademais, este trabalho objetiva analisar o associativismo negro na cidade de Volta Redonda através do processo de segregação da cidade e, conseqüentemente, dos espaços de lazer entre as décadas de 1940 e 1970. Compreendendo, desta forma, dois momentos na História do Brasil em que o discurso sobre o mito da democracia racial era constantemente propagado pelo Estado, gerando uma série de episódios de discriminação por parte das instituições.

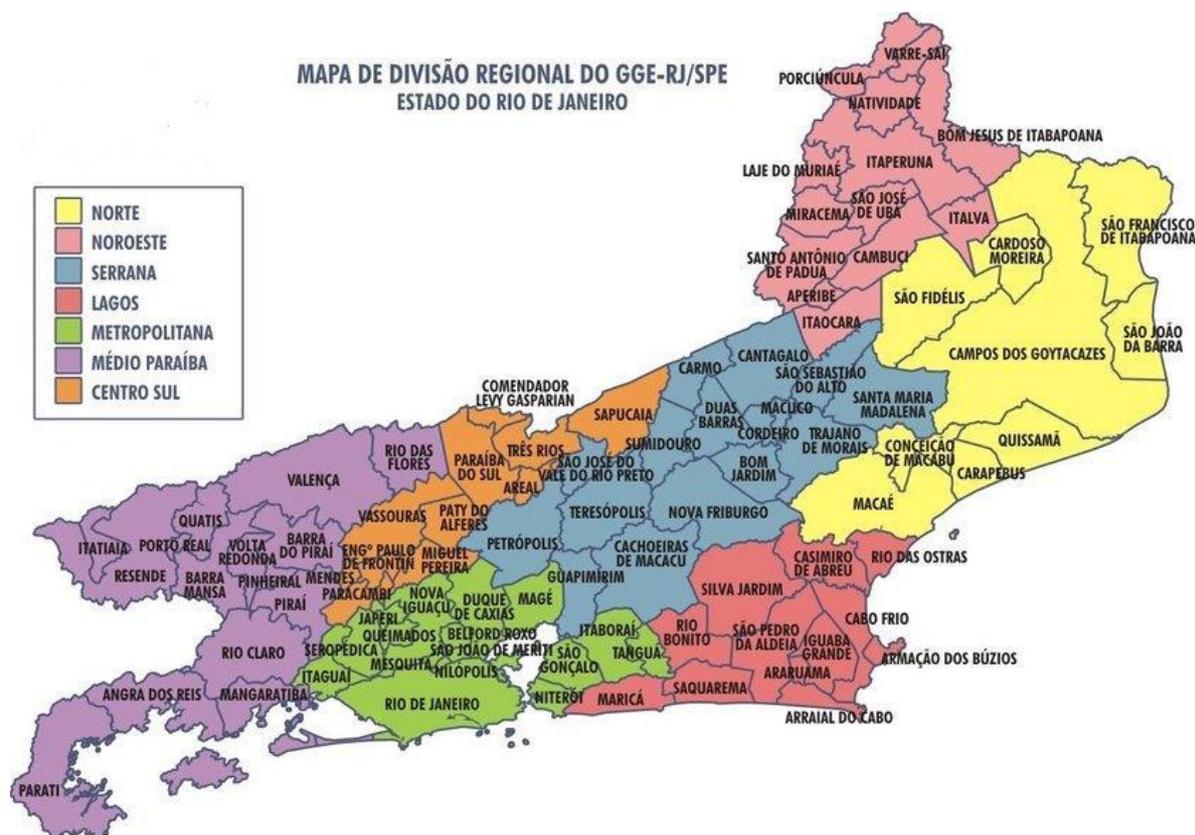
A cidade de Volta Redonda é um município brasileiro do estado do Rio de Janeiro, região sudeste do país, compondo o Médio Paraíba Fluminense. De acordo com o historiador Gunnar Sotero Ferreira Gomes,

falar de Volta Redonda é olhar o histórico de uma cidade que surge na curva do caudaloso Rio Paraíba do Sul, que graciosamente curva-se na localidade, construindo um formato de U. Uma localidade que, povoada por índios, depois jesuítas, após isto, brasileiros que levavam uma vida pacata, no que em 1926, tornou-se o oitavo Distrito da cidade de Barra Mansa¹.

¹Sobre isso, ver mais em: GOMES, Gunnar Sotero Ferreira. *Faço e Traço: a produção cultural de Volta Redonda e a construção das identidades na Cidade do Aço – 1954 - 2020*. Disponível em: <https://www.voltaredonda.rj.gov.br/8/3086/>. Acesso em: 06/03/2024.

A partir de 1941, Barra Mansa entra na rota da política econômica do nacional-desenvolvimentismo do então presidente Getúlio Vargas, transformando-se em um grande canteiro de obras com trabalhadores que migraram de várias regiões como Minas Gerais, São Paulo e cidades do Nordeste, para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)². Seus novos moradores começaram a perceber a desvantagem da dependência do distrito para com o município-sede em 1954 e, conquista sua emancipação em 17 de julho após uma série de marchas políticas, marcando um novo ciclo no desenvolvimento da sua história³.

Figura 1 – Mapa de divisão regional do Rio de Janeiro



Fonte: ResearchGate

Com relação ao tema que estamos propondo, a população negra de Volta Redonda tem sido bastante explorada em pesquisas recentes no campo da História. Porém, com a nossa análise, lançaremos luz sobre o processo de formação de um espaço associativo negro que

²Sobre isso, ver mais em: GOMES, Gunnar Sotero Ferreira. *Faço e Traço: a produção cultural de Volta Redonda e a construção das identidades na Cidade do Aço – 1954 - 2020*. Disponível em: <https://www.voltaredonga.rj.gov.br/8/3086/>. Acesso em: 06/03/2024.

³Informação retirada do site da Prefeitura Municipal de Volta Redonda. Disponível em: <https://www.voltaredonga.rj.gov.br/cidade/8-interno/12-historia/>. Acesso em: 06/03/2024.

sempre lutou contra o racismo e que, ao longo do tempo, transformou-se em um movimento social de resistência e luta contra o regime militar, durante um período em que a cidade foi transformada em Área de Segurança Nacional.

E é com base nesta afirmação que nossa intenção é construir um trabalho dedicado a discutir de forma interdisciplinar a centralidade de marcas distintivas do lazer em Volta Redonda, algo que acreditamos que deva ser explorado, assim como, apontar questões que ainda não foram abordadas e contribuir com a agenda de pesquisa sobre o tema. O que pretendemos é apresentar uma abordagem do que ainda não foi produzido para reforçar a perspectiva de que a história do Clube Palmares deve ser tratada de maneira processual, assumindo os fenômenos ocorridos no Estado Novo e na Ditadura Militar, orientados por diversos encadeamentos, pois, no nosso entender, as diferentes tonalidades de resistência negra tiveram um grau de destaque durante as décadas de 1960 e 1970.

Assumiremos assim, com a realização desta pesquisa abrir um novo leque de investigações e, entre as questões que vão nos orientar estão: se havia um sentimento de família siderúrgica⁴, discurso criado pela própria CSN, quem é que fazia parte? Qual a relação da Companhia com os clubes associativos da cidade? O que levou um grupo de pessoas a formar um espaço próprio para o lazer? Como o Clube Palmares conseguiu se manter durante um dos períodos mais repressivos da história do país em plena Área de Segurança Nacional?

O historiador Carlos Fico (2014), em um seminário sobre aparatos repressivos do regime militar, afirmou que “alguns historiadores apontaram que os primeiros anos do golpe não foram violentos. Equívoco: houve prisões, torturas, mortes, arbitrariedades e violência institucional desde os primeiros momentos após o golpe”⁵. O especialista sobre o assunto ainda mencionou que o debate sobre o nome – militar, civil-militar – não é frutífero, pois, a repressão vai muito além das torturas e assassinatos⁶. Contudo, nesta pesquisa optamos por adotar o termo ditadura militar, do mesmo historiador, sem o acréscimo do civil, pois, “existiram interferências diretas dos militares na política brasileira antes de 1964” (FICO, 2004). Ou seja, durante o Estado Novo, período que também estamos trabalhando, os militares receberam

⁴Expressão que aparecia com bastante frequência nos documentos e jornais internos da Companhia e consistia em um projeto para além da construção de uma forma de recrutamento e formação de uma força de trabalho, pois implicava também uma tentativa de disciplinamento e domesticação dos trabalhadores que extrapolava o espaço fabril. Sobre isso, ver mais em: SILVA, Eduardo Ângelo da. “Arigós” e “peões” na “Cidade do Aço”: experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda-RJ, 1970-1980). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2010.

⁵Sobre isso, ver mais em: 1964 - Seminários. Aparato repressivo do regime militar – Carlos Fico. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/34956_1964-aparato-repressivo-do-regime-militar-carlos-fico.html. Acesso em: 09/01/2024.

⁶Idem.

grande destaque a ponto de ocuparem altos cargos dentro da CSN, uma prática que perdurou ao longo do regime militar.

Em outro momento do seminário, Fico fez a seguinte observação:

o discurso da vitimização, ao erigir como fenômeno emblemático o confronto entre luta armada e repressão, deixa de incluir no hall das vítimas, pessoas comuns que não eram da esquerda, muitas delas apartidárias, mas que também foram atingidas pela repressão e/ou pela violência e nem sequer sabem disso⁷.

A população negra de Volta Redonda, especificamente, sofria com um tipo de violência que ia para além da repressão no seu sentido físico: o silenciamento, a invisibilidade e o apagamento, sintomas do racismo presente na sociedade. Os integrantes do Clube Palmares talvez não percebessem o racismo como algo repressivo, mas sim, como parte da estrutura social, ou seja, o modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas⁸.

No Brasil, a memória classificada como oficial silenciou a população negra a partir do “mito das três raças”, defendido por Gilberto Freyre (1933), que enaltecia os três troncos raciais que teriam formado o país, porém, reforçando as hierarquias existentes. Uma mestiçagem a brasileira, na qual negros e indígenas eram bem-vindos, desde que abraçassem sem questionar, os lugares e os limites sociais impostos por essa democracia racial, que nunca precisou de leis explícitas como a Lei Jim Crow, nos Estados Unidos, ou o Apartheid, na África do Sul, para segregar⁹.

O discurso utilizado pelo Estado nas décadas de 1940 e 1970, apesar dos diferentes contextos, enalteciam esta harmonia racial como uma importante estratégia para a inclusão sistemática da população negra em todos os setores sociais através de ideologias que moldaram o seu imaginário sobre o Brasil. Em sua obra “*Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)*” (1997), Carlos Fico apontou que o “ponto de vista otimista” de certos grupos sociais brasileiros que pertenciam à elite dos centros urbanos, contribuiu para o surgimento de um sentimento de otimismo em relação ao país

⁷⁷Sobre isso, ver mais em: 1964 - *Seminários. Aparato repressivo do regime militar – Carlos Fico*. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/videos/34956_1964-aparato-repressivo-do-regime-militar-carlos-fico.html. Acesso em: 09/01/2024.

⁸Sobre isso, ver mais em: ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).

⁹Sobre isso, ver mais em: SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Racismo brasileiro: Uma história da formação do país*. – 1. ed. – São Paulo: Todavia, 2022.

durante 1968-73, época do chamado “milagre econômico” (FICO, 1997). A perspectiva otimista, nas palavras de Fico “serviu como propósito ideológico e construiu a base de uma significativa rede de auto-reconhecimento social” (FICO, 1997, p.17), ou seja, todo mundo era brasileiro.

A filósofa, escritora e ativista antirracismo Sueli Carneiro, atribuiu a esse silenciamento e apagamento o nome de Epistemicídio, baseando-se no conceito cunhado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (1940-) e afirmou que o termo é

para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc (CARNEIRO, 2005, p.97).

O objetivo desta pesquisa é analisar o lazer na cidade de Volta Redonda a partir do processo de formação do Clube Palmares, um espaço associativo voltado para a população negra, no ano de 1965. Com relação aos objetivos específicos, vamos expor o projeto de exclusão social dos negros através do Plano de Vila Operária; evidenciar como a discriminação racial contribuiu para a formação de um núcleo como o Clube Palmares; analisar a participação da mulher negra dentro desse clube associativo; e compreender os sentidos atribuídos aos conceitos de Associativismo e Movimento Social.

O foco central de nossa análise está nos depoimentos dos sócio-fundadores do Clube Palmares coletados no ano de 2012, pela historiadora Gladys Guimarães e que, atualmente, se encontram no documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, de Thompson Clímaco (2022) e que foram transcritos¹⁰ neste trabalho. De acordo com José Carlos Sebe B. Meihy

¹⁰De acordo com a pesquisadora Marcela Boni Evangelista, um texto transcrito tem um maior potencial de divulgação para diferentes públicos, pois sua leitura é facilitada pelo fluxo narrativo, diferente do característico da transcrição, que é mais literal, comum à maior parte de projetos com tais características. EVANGELISTA, Marcela Boni. *Segredos compartilhados: a transcrição como recurso narrativo em histórias sobre aborto*. X Encontro Regional Sudeste de História Oral, Educação das Sociabilidades: Violência, desafios contemporâneos. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 2013.

e Fabíola Holanda, “a transcrição é um fundamento-chave para a história oral, pois, sendo ela aplicada aos estudos de grupos, comunidades e indivíduos, abandona os estritos caminhos da racionalidade e se abre às convenientes dimensões subjetivas” (MEIHY; HOLANDA, 2015, p.136).

Colaborou com isso a leitura do jornal institucional da CSN, *O Lingote*, das décadas de 1960 e 1970 e, também, foram utilizadas notícias do jornal *O Fluminense*, de Niterói (RJ). Um dos questionamentos para realizar este trabalho partiu do fato de que o Clube Palmares, apesar de ter sido criado e composto por funcionários da Companhia, não tinha seus feitos divulgados no periódico da empresa, ao contrário dos outros clubes associativos da cidade, que eram divulgados com frequência. Durante o mesmo período, encontramos alguns registros sobre os eventos realizados pelo Clube Palmares, porém, no periódico de Niterói (RJ).

No decorrer da pesquisa serão citadas referências bibliográficas começando pelo processo de instalação da CSN e de formação da cidade de Volta Redonda, através do que foi analisado por Eduardo Ângelo da Silva (2010), Regina da Luz Moreira (2000) e Leonardo Ângelo da Silva (2022).

Ainda contribuirão para o nosso debate, apontamentos feitos por Oliveira Silveira (2008), Fernanda Oliveira da Silva (2011) e Petrônio Domingues (2023) sobre o conceito de Associativismo Negro. As pesquisadoras e ativistas Luiza Helena de Bairros (1995), Kimberlé Crenshaw (2002) e Sueli Carneiro (2003), para compreender como se dá a opressão da mulher negra. E, para finalizar, utilizaremos Lilia Moritz Schwarcz (2012) e Silvio Luiz de Almeida (2019), para explicar como o racismo opera na sociedade e como ele foi o principal motivo para a criação do Clube Palmares em Volta Redonda.

Com base nestas indagações, esta pesquisa tem como um de seus principais fundamentos, o método da Escrivivência, de Conceição Evaristo (1946-), que não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela tem como objetivo carregar a vivência da coletividade¹¹. Para isto, a escritora retoma a apropriação de "epistemicídio" feita pela filósofa Sueli Carneiro, pois acredita que o termo envolve a escassez de referências bibliográficas negras nos estudos das diferentes áreas do conhecimento¹².

¹¹Sobre isso, ver mais em: “*A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo*”, por Beatriz Hermínio. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 11/01/2024.

¹²Idem.

Capítulo 1 “Volta Redonda: um sonho feito de aço e ousadia” ... e exclusão

1.1 O processo de formação da cidade – quando tudo começou

A formação da cidade de Volta Redonda é posterior ao surgimento da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, portanto seguiremos aqui a ordem cronológica dos fatos da mesma forma que eles decorreram. O início do século XX trouxe a discussão sobre a industrialização no país quando Getúlio Vargas assumiu a presidência da República. A sua ascensão no poder marcou uma série de medidas tomadas pelo Estado no sentido de avaliar a situação da indústria siderúrgica, considerada um fator central e indispensável para a expansão do país. Com isto, durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos em troca da instalação de bases militares no Nordeste, concedeu ao Brasil um crédito para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, demarcando a dependência econômica, política e militar entre os dois países.

Dentro dessa perspectiva, o Decreto-lei nº 2.054, assinado em 30 de janeiro de 1941, iria determinar a criação da CSN e Getúlio Vargas encerraria uma longa etapa da formação da siderurgia no Brasil¹³. De acordo com Sandra Mayrink Veiga e Isaque Fonseca,

a CSN seria um projeto visceral para Vargas, que vinha de 30 em 30 dias para visitar o canteiro de obras. E a partir dele, com exceção de Sarney, todos os presidentes da República vieram a Volta Redonda, dada a sua força de expressão simbólica, na medida em que o gigantismo da CSN continuaria a exprimir “o sonho do progresso nacional” (VEIGA; FONSECA, 1990, p.18).

Em 1942, denotando a importância da Companhia para o país, o Decreto-Lei nº 4.937, de 9 de novembro, seria implantado a fim de “assegurar o funcionamento dos estabelecimentos fabris militares e civis produtores de material bélico”. No Decreto-lei ainda constava que:

Art.1º Mediante aprovação do Presidente da República serão considerados de interesse militar os estabelecimentos fabris civis que os Ministérios da

¹³Informação retirada do site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2054-4-marco-1940-412037-norma-pe.html>. Acesso em: 12/10/2023.

Guerra, da Marinha e da Aeronáutica indicarem como necessários à indústria bélica do país¹⁴.

Comprovando que a vanguarda deste processo estava com os militares ao longo do Estado Novo, foi nomeado para a chefia da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional, criado por Vargas em 1940, o coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva¹⁵, que participaria de todo o processo de discussão, negociação, elaboração e construção da CSN (VEIGA; FONSECA, 1990, p.15). Macedo Soares seria também um dos principais representantes da ideologia do nacional e do progresso que encarnou, dentro de uma concepção militar de organização da fábrica, o novo ordenamento e a formação da classe operária de Volta Redonda, de que o trabalho era o caminho da riqueza e de obtenção da cidadania (VEIGA; FONSECA, 1990, p.15).

O tempo dedicado à construção da usina seria o tempo necessário para a formação de uma mão de obra mais especializada e, uma das saídas, segundo Macedo Soares, nomeado diretor técnico da CSN, foi “colher nas escolas industriais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, alunos que estavam sendo transformados em operários e levá-los para Volta Redonda”, como pontuou Regina Moreira (MOREIRA, 2000, p.46). As experiências com a formação de mão de obra especializada seriam o embrião da Escola Técnica Pandiá Calógeras e, segundo Regina Morel,

a companhia pretendia ser para o Brasil um exemplo bem-sucedido na formação de trabalhadores, e a Escola Profissional [...] seria peça indispensável no sentido de, por um lado, lhe fornecer operário “sob medida” para manipular seus equipamentos; por outro, também introduzia o aluno na hierarquia, disciplina e ritmo de trabalho da empresa, além de contribuir para difundir o “espírito” de colaboração entre os integrantes da “família siderúrgica” (MOREL apud MOREIRA, 2000, p.47).

De acordo com Moreira, se o pessoal especializado fora selecionado por Macedo Soares, quem eram os operários que largavam suas cidades de origem e se sujeitavam a condições precárias como residir em alojamentos provisórios feitos de madeira, para construir

¹⁴Informação retirada do site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4937-9-novembro-1942-414955-norma-pe.html>. Acesso em: 12/10/2023.

¹⁵Nasceu no Rio de Janeiro no dia 9 de junho de 1901 e faleceu ao dia 10 de agosto de 1989. Foi um militar, engenheiro e político brasileiro filiado ao PSD. Chegou a ser governador do Rio de Janeiro no período de 1947 a 1951.

algo que nem sabiam bem o que era? (MOREIRA, 2000, p.50). Em seguida, a autora respondeu que

estes operários tinham vindo de várias partes do país, principalmente Minas Gerais, talvez por destino ou por ouvir falar que ali se encontrava o futuro do Brasil, ou ainda por acompanhar o programa do Departamento de Imprensa e Propaganda, a *Hora do Brasil*, que divulgava os feitos do Estado (MOREIRA, 2000, p.50).

O historiador Leonardo Ângelo da Silva expôs que estes trabalhadores de Minas Gerais eram majoritariamente negros e

adentraram uma estrutura que disseminava nivelar a todos, e no período inicial da CSN, a sensação deveria ser justamente essa, pois a massa de trabalhadores migrantes compartilhava alojamentos, áreas de lazer, trabalho braçal e leis trabalhistas (SILVA, L. 2022, p.89).

Não por acaso, a figura do malandro brasileiro: mestiço, avesso ao trabalho regular, bem-humorado e bom de bola, começou a ganhar notoriedade e a valorização do trabalho seria um mecanismo utilizado por Vargas para garantir a ordem e o progresso no país. Essa ideologia veio juntamente com a Lei de Contravenção Penal ou popularmente conhecida como “Lei da Vadiagem”, de 1941, ou seja, mesmo ano em que um Decreto-lei iria estabelecer a fundação da CSN. Eram considerados “vadios” (aspas minhas), àqueles que fossem pegos na ociosidade, ficando evidente que esta lei era direcionada à população negra pelo passado escravista do país e a memória estatal que atribui esse termo – “vadios” – ao corpo negro, sempre depósito de suspeitas¹⁶.

Outra coincidência foi a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT ter sido decretada alguns anos depois, em 1943, unificando toda a legislação trabalhista do país e regulamentando jornadas de trabalho, proteção ao trabalho da mulher e do menor, Previdência Social, férias anuais, salário-mínimo e sindicatos. Mediante a isto, é muito provável que o ócio fosse um problema que Vargas insistia em combater, enquadrando os “vadios” e regulamentando o trabalho, fazendo com que “o trabalhador brasileiro seguisse uma cartilha de bons modos, nas

¹⁶Sobre isso, ver mais em: RAMOS, Jair de Souza; CUNHA, Olivia Maria da. *Os muitos sentidos da identificação criminal*. Resenhas e Crítica Bibliográficas, Physis 13 (2), Dez. 2003.

quais palavras como honestidade, hombridade e família tinham um peso significativo”, como apontou Ynaê Lopes dos Santos (SANTOS, 2022, p.194).

Leonardo Silva contribui expondo que

o processo vivido pela classe trabalhadora transformava não apenas o significado de ser “trabalhador”, mas também o significado de ser “nacional”, e ser nacional era ser composto por três raças formadoras que conviviam harmonicamente. Se no século anterior estávamos em processo de racialização, na primeira metade do século XX o discurso de brasilidade e nacionalismo a negava e ao mesmo tempo negava o racismo (SILVA, L. 2022, p.89-90).

No discurso oficial “o mestiço vira nacional” ao lado de um processo de desafrikanização de vários elementos culturais, como apontou Lilia Schwarcz (SCHWARCZ, 2012, p. 58). É neste contexto que surgem novas datas cívicas como o Dia do Trabalho e o “Dia da Raça”¹⁷, consolidando o processo de unificação da população brasileira, fomentando o mito da democracia racial no Brasil.

Apesar de Vargas muita das vezes utilizar da repressão e da violência de Estado, se manteve através de estratégias discursivas, sentimentais e propagandísticas como estas para seduzir a grande massa em prol de suas causas. As ações empreendidas pelo ex-presidente do Brasil iam além do exercício do político, seriam como gesto afetivo, um favor pessoal e paterno que configurou um mecanismo do governo que passou a ser chamado de Paternalismo. O termo sugere

calor humano, numa relação mutuamente consentida; o pai tem consciência dos deveres e responsabilidades para com o filho, o filho é submisso ou complacente na sua posição filial. [...] Em forma de mito ou ideologia, paternalismo promove uma visão retrospectiva, que idealiza o passado, confundindo “atributos reais e ideológicos”. De tudo isso resulta, o não reconhecimento do conflito de classes e, portanto, o desconhecimento da história das classes subalternas. (NEGRO, 2004, p.16).

O paternalismo e o conceito de família siderúrgica foram usados quase como sinônimos durante esse período, e como pontuou o historiador Eduardo Ângelo da Silva sobre a “família”,

foi uma expressão que aparecia com bastante frequência nos documentos e jornais internos da Companhia e consistia em um projeto para além da construção de uma forma de recrutamento e formação de uma força de

¹⁷Há um certo dissenso sobre quando foi criado o “Dia da Raça”. A historiadora Lilia Schwarcz, por exemplo, aponta que a data comemorativa foi criada em 30 de maio de 1939. Já o pesquisador Luiz Camões Filho, destacou que o feriado foi criado em abril de 1939 e comemorado todo dia 8 de setembro.

trabalho, pois implicava também uma tentativa de disciplinamento e domesticação dos trabalhadores que extrapolava o espaço fabril (SILVA, E. 2010, p.9).

De acordo com Regina Morel, o termo aludia “ao espírito de colaboração e união que deveria existir entre todos e, expressaria as relações paternalistas e clientelistas estabelecidas pela hierarquia da empresa com seus funcionários” (MOREL apud SILVA, E. 2010, p.25). Ainda citando a mesma autora,

após serem atraídos por esses discursos, a usina detinha o controle dos seus funcionários por meio de benefícios sociais, uma ideia de tutoria do Estado através da oferta de planos assistenciais como construção de moradias e concessões acima do previsto pela Consolidação das Leis do Trabalho (MOREL apud SILVA, E. 2010, p.10).

A Diretoria da CSN, através de seu Regulamento de Pessoal e concessão de benefícios sociais, demonstrava que a usina pretendia estar acima das leis trabalhistas, regendo a relação com os seus trabalhadores. Os benefícios sociais ajudavam a criar essa imagem de bem-estar que era um dos motivos de atração da mão de obra que veio se fixar na região. “Particularmente naquele período, a migração estava envolta em uma perspectiva de ascensão social, tornando-se símbolo de melhoria das condições de vida no imaginário social brasileiro” (FONTES apud SILVA, L. 2010, p.26).

O Alto-Forno da CSN foi aceso em 1º de outubro de 1946, iniciando suas operações no mesmo dia. Através de levantamento de dados deste período, Silva observou que a grande maioria dos operários negros contratados pela Companhia estava destinada a trabalhar no calor do fogo, mais especificamente na Coqueria e, em seguida, alegou que com o passar dos anos diversos trabalhadores dessa área foram atingidos por leucopenia¹⁸. O historiador finalizou destacando que

os graves danos à saúde de uma parcela dos trabalhadores da empresa atingiram de forma desproporcionalmente alta os operários negros com base de que desde o início das operações a CSN operava com critérios étnico-

¹⁸Leonardo Ângelo apontou em suas pesquisas os motivos da preferência de negros para trabalhar na área mencionada entre os anos de 1941 e 1954, de acordo com as palavras de seus entrevistados. SILVA, Leonardo Ângelo. *Industrialização, Relações de Classe e Participação Política: da criação da CSN à emancipação de Volta Redonda (1941-1954)*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

raciais na distribuição dos trabalhadores pelas diversas áreas dentro da empresa (SILVA, L. 2010, p.28).

O que nos leva a questionar se o operariado negro estaria incluído no ideal por trás do conceito de família siderúrgica, visto que grande parte das pessoas que vieram trabalhar na construção da CSN, eram migrantes negros de Minas Gerais. Este questionamento, por mais óbvio que pareça até mesmo para o senso comum, é um dos pontos de partida da nossa análise no próximo tópico, em que pretendemos expor o projeto de exclusão, silenciamento e apagamento da população negra no Brasil e, principalmente, na cidade de Volta Redonda. Mas a priori, se havia uma segregação racial dentro da usina, precisamos pensar no processo de formação da cidade que nascia ao seu entorno e como a segregação socioespacial pode ter influenciado no lazer da população.

Antes da construção da Companhia Siderúrgica Nacional, Santo Antônio de Volta Redonda, 8º Distrito de Barra Mansa, era um pequeno vilarejo ainda dominado por algumas fazendas de café, cortado pela Estrada de Ferro Central do Brasil. A sua emancipação veio somente anos mais tarde, mas no início das obras da usina, já era possível antever a cidade que começava a se formar, pois, de acordo com Regina Moreira, nos primeiros anos da década de 1940,

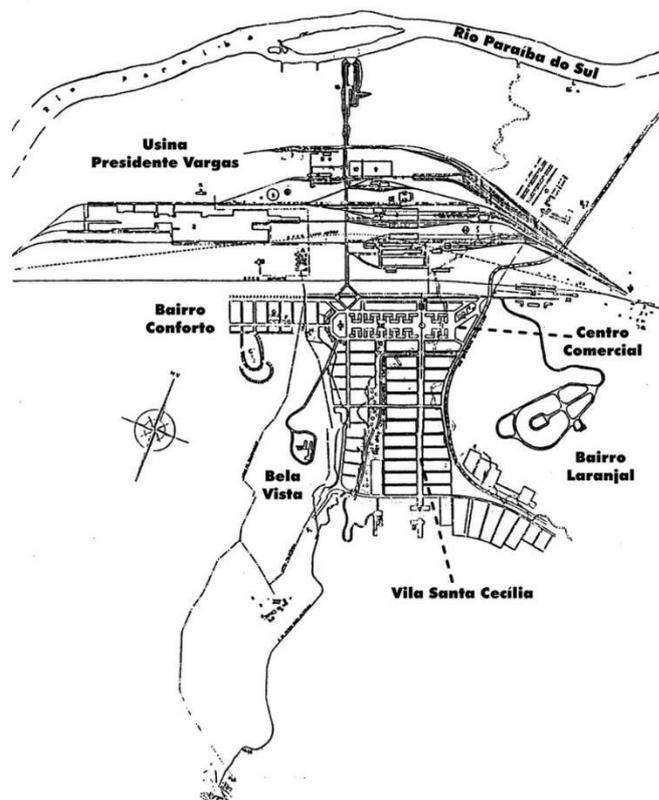
foram instalados a primeira agência bancária da cidade e os primeiros clubes: o dos Funcionários e o Clube Umuarama. No ano seguinte, seria a vez do Hotel Bela Vista, Aero Clube de Volta Redonda, por exemplo. Um pouco mais tarde, surgiram os primeiros jornais – *O Trilho*, *O Guarani*, *O Comércio de Volta Redonda* e a *Tribuna de Volta Redonda* –, lançados quase como contraponto aos informativos da empresa, *O Boletim de Serviços da CSN* (1942), *O Boletim da Superintendência de Serviços Sociais da CSN* (1951) e *O Lingote* (1953) (MOREIRA, 2000, p.66).

Durante este período, o governo do Estado do Rio de Janeiro solicitou ao arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima uma proposta de trabalho para a urbanização das áreas que sofreriam impactos mais imediatos com a implantação da siderúrgica¹⁹. Os pesquisadores Elana Peixoto, Pedro Palazzo, Maria Fernanda Derntl e Ricardo Trevisan, analisaram a proposta que foi entregue por Corrêa Lima em que o Projeto de Vila Operária previa “o máximo

¹⁹Sobre isso, ver mais em: PEIXOTO, Elane Ribeiro; PALAZZO, Pedro P.; DERNTL, Maria Fernanda; TREVISAN, Ricardo. *O Planejamento Urbano na Era Vargas e a Implantação da Companhia Siderúrgica Nacional: o Plano Regional para o Médio Paraíba Fluminense e o Projeto da Vila Operária da CSN de Atílio Corrêa Lima*. Brasília, 2014. Disponível em: <https://shcu2014.com.br/poster/298.html>. Acesso em: 06/01/2024.

rendimento e conforto e o mínimo de despesas e manutenção, estabelecendo categorias e tipos de habitação, equipamentos, centro comercial e infraestruturas” (PEIXOTO; PALAZZO; DERNTL; TREVISAN, 2014).

Figura 2 - O plano urbanístico e a planta industrial da usina eram apresentadas em um plano geral.



Fonte: PEIXOTO, Elane Ribeiro; PALAZZO, Pedro P.; DERNTL, Maria Fernanda; TREVISAN, Ricardo. *O Planejamento Urbano na Era Vargas e a Implantação da Companhia Siderúrgica Nacional: o Plano Regional para o Médio Paraíba Fluminense e o Projeto da Vila Operária da CSN de Atílio Corrêa Lima*. Brasília, 2014.

Na elaboração do projeto, o arquiteto seguiu os preceitos racionalistas, com as funções urbanas separadas e bem definidas: habitar, trabalhar, recrear e circular²⁰. Sendo assim, a constituição do espaço urbano na cidade-usina

refletia a hierarquia da Companhia, prescrevendo a cada um o seu lugar: as mansões nas colinas, com uma bela vista sobre o Rio Paraíba do Sul, para os

²⁰PEIXOTO; PALAZZO; DERNTL; TREVISAN. *Op.cit.*

diretores; logo abaixo, os gerentes e engenheiros; perto da fábrica, supervisores, técnicos e pessoal de escritório, e mais adiante os bairros operários, tudo dentro das normas mais modernas urbanísticas, como já propunha o Relatório da Comissão Executiva do Plano Siderúrgico Nacional (SILVA, E. 2010, p.77).

No Projeto de Vila Operária também constava o planejamento de um bairro-acampamento, ou Acampamento Central, para os operários menos qualificados com casas de pau-a-pique, com supervisão sanitária de especialistas, comprovando o avanço deste tipo de habitação no país²¹.

Na vila operária, território da CSN, era mantido um controle quase que absoluto da vida social. Para garantir a ordem a empresa dispunha de uma polícia própria com controle fortemente militarizado, tanto na usina quanto na cidade. Trabalhadores tiveram problemas psicológicos motivados pelo rígido controle e pelo fato da usina ser vista de toda a vila operária. Técnicos que deixaram o lugar comparavam Volta Redonda a uma guarnição militar (SOUZA apud PEIXOTO; PALAZZO; DERNTL; TREVISAN, 2014).

Houve, também, os trabalhadores que não foram contemplados com moradia e àqueles que estavam apenas de passagem pela cidade para as obras civis de ampliação da CSN e precisavam de um lugar temporário para morar²². Esse déficit habitacional levou à formação de outros espaços em áreas distantes e periféricas de Volta Redonda como o Morro de São Carlos (Morro dos Atrevidos) e a Vila dos Índios, em 1949 (LOPES apud PEIXOTO; PALAZZO; DERNTL; TREVISAN, 2014). No Conforto, “vários pequenos eixos viários deixaram a cidade planejada rumo a áreas periféricas e ali surgiram bairros como: Eucaliptal, São Lucas, Minerlândia, Jardim Ponte Alta, Mangueira, entre outros” (SILVA, 2010, p.64).

“Esta área ficou conhecida como ‘cidade velha’ pelo aspecto de suas ruas e casas de padrão sensivelmente mais baixo e de precária manutenção, em oposição à ‘cidade nova’ dos bairros planejados”, ressaltou Renata Assis (ASSIS, 2013, p.98). As únicas exceções de morros ocupados pela elite branca da cidade foram para construir o melhor hotel da cidade, o Bela Vista, e o bairro Laranjal, que seria destinado aos técnicos e diretores da CSN.

A instalação do município, ao contrário do discurso do governo, não estabeleceu a unidade territorial. “Eram dois mundos numa mesma cidade: dois espaços geográficos bem

²¹PEIXOTO; PALAZZO; DERNTL; TREVISAN. *Op.cit.*

²²Sobre isso, ver mais em: ASSIS, Renata Oliveira. *Usina e Cidade: Harmonia, Conflitos e Representações do/no Espaço em Volta Redonda, RJ. Viçosa, Minas Gerais, 2013.*

delimitados, nos quais a situação físico-urbanística e as condições de vida, por extensão, eram flagrantemente contrastantes” (SILVA, E. 2010, p. 62).

Os primeiros indícios para a emancipação da Cidade do Aço, diante do exposto, procederam do seu crescimento desordenado e desvinculado dos interesses mais imediatos da empresa, tanto que a partir de 1950, a população de Volta Redonda já ultrapassava 33 mil habitantes²³. Nas palavras de Regina Moreira: “bairros, ruas e praças se multiplicaram, contando com todos os serviços de infraestrutura apenas quando estavam na área administrada pela CSN, que também se encarregaria do lazer” (MOREIRA, 2000, p.68).

Em abril de 1954 foi convocado plebiscito pela Assembleia Legislativa com a emancipação de Volta Redonda sendo aprovada em 17 de julho do mesmo ano e, o processo se encerrou com a eleição do primeiro prefeito e da primeira Câmara Municipal, em 3 de outubro de 1954. O pós-emancipação seria marcado por um fluxo migratório ainda mais intenso e o inchaço das favelas que já vinham sendo formadas. Segundo Fontes e Lamarão,

o processo de ocupação de Volta Redonda gerou uma malha urbana descontínua e rarefeita, com grandes vazios e áreas urbanas enquistadas, subindo os morros e instalando-se em pequenas áreas de baixada. Não apenas as características físicas definiram tal ocupação, mas também, e principalmente, o fato de as melhores terras estarem nas mãos da CSN e de alguns fazendeiros (FONTES; LAMARÃO apud MOREIRA, 2000, p.86).

Com a emancipação da cidade, a Companhia também passou a ser mais seletiva, por exemplo, na venda das casas da referida vila operária. Segundo Morel, a “vida útil da ‘família siderúrgica’ durou da ‘corrida do aço’, até meados da década de 1950, quando a CSN abriu mão do caráter paternalista e iniciou o desmonte gradual de sua estrutura assistencialista” (MOREL apud SILVA, E. 2010, p. 34). Os irmãos Silva apontaram que junto com o golpe militar, houve o fim efetivo dos benefícios sociais, apresentado pela CSN como uma nova etapa de valorização da autonomia e da responsabilidade da comunidade²⁴.

Em meados dos anos 1960 e 1970, a situação política habitacional que esteve em vigor durante o governo de Getúlio Vargas sofreu consideráveis alterações com o Plano Nacional de Habitação através da Lei ° 4.380. De forma resumida, a lei criou uma contribuição compulsória – o salário-habitação – a ser pago por todas as empresas em funcionamento do país e essa

²³Sobre isso, ver em: MOREIRA, Regina da Luz. *CSN: um sonho feito de aço e ousadia*. Rio de Janeiro, 2000.

²⁴Sobre isso, ver mais em: SILVA, Eduardo Ângelo da. “‘Arigós’ e ‘peões’ na Cidade do Aço: experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda – RJ, 1970-1980)”, 2010. E em: SILVA, Leonardo Ângelo da. *Industrialização, Relações de Classe e Participação Política: da criação da CSN à emancipação de Volta Redonda (1941-1954)*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

contribuição seria calculada como um percentual sobre o montante da folha de pagamento pessoal. Dessa forma os trabalhadores passaram a ter dificuldades, que antes não havia, para adquirir estes e outros benefícios²⁵. De acordo com Silva, o processo de venda das casas mudou a geografia social da cidade, pois deslocou os trabalhadores menos qualificados, que não tinham condições financeiras de compra, para as periferias (SILVA, E. 2010, p.29).

Separar e classificar os habitantes da cidade de Volta Redonda segundo os critérios de hierarquia foi uma das estratégias de controle e de poder utilizadas pela empresa, pois dessa forma tudo estaria sob domínio da fábrica. Para Waldyr Bedê,

essa estratificação se fazia presente nos aspectos mais prosaicos do cotidiano da cidade: não somente na qualidade da moradia ou na sofisticação do tipo de urbanização do bairro em que se mora; como também nas relações sociais, no lazer e no entretenimento. Por exemplo, uma briga dentro de um dos clubes de empregados poderia refletir-se negativamente sobre o futuro profissional dos contendores (BEDÊ,2004, p.63).

Ao longo do período que foi analisado, principalmente na década de 1950, raça e classe pareciam conviver em completa harmonia graças ao discurso nacionalista do Estado e de que todos os funcionários da Companhia formavam uma família siderúrgica, contudo, “mesmo essa década já revelava algumas fraturas e exaustões e à década de 1960 ficou reservada a ruptura desvelada: a criação do Clube Palmares” (SILVA, L. 2022, p.218).

1.2 “Ô Nazário, por que a gente não funda um Clube?”

Ao longo do desenvolvimento da luta da Comunidade Negra, é possível notar como todas as organizações formadas tornaram-se redes de apoio e em como elas acabaram contribuindo para o processo de identificação do próprio negro. Ou, como foi bem observado por Lélia Gonzalez, “foi no pós-abolição que o negro buscou organizar-se em associações ou entidades com perspectivas e anseios ideológicos elitistas e culturais de massa” (HASENBALG; GONZALEZ, 1982, p.22). E que perdurou durante todo o século XX.

²⁵Para construir este argumento, utilizei o Jornal *O Lingote* e o trabalho de SILVA, Eduardo Ângelo. “‘Arigós’ e ‘peões’ na Cidade do Aço: experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda – RJ, 1970-1980)”. UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

Se até o presente momento vivemos em uma sociedade preconceituosa e excludente, ao longo do período que estamos analisando o preconceito e a exclusão racial atingiam índices alarmantes. Em paralelo a isto, de acordo com Rita Félix Batista, “na virada do século foi criado um ambiente propício para que a população negra urbana pudesse transformar sua posição de circulação restrita ou negada, para uma situação de criação de seu próprio espaço” (BATISTA, 2015, p.117). Ainda utilizando suas palavras,

no que tange às necessidades de realizar rituais tradicionais, lazer e diversão, a população negra passou a se organizar em grêmios, blocos carnavalescos, ranchos, maracatus, congadas, irmandades, criaram espaços de lazer, confraternização e divertimento. Surgem os Clubes Sociais Negros primeiramente com o propósito de possibilitar momentos de lazer e socialização em lugares de requinte (BATISTA, 2015, p.121).

A partir de outros autores, Petrônio Domingues argumentou que “isto fica mais evidente quando se sabe que, além das atividades recreativas, muitos clubes incluíram em seu projeto o debate da questão racial” (DOMINGUES, 2009, p.4). Através destes espaços, a população negra começaria a se organizar: partindo de um processo de auto-identificação através de suas próprias experiências e que crescia a partir de suas necessidades, como o Renascença Clube, por exemplo. Fundado em 1951, na cidade do Rio de Janeiro, o Renascença surgiu seguindo o modelo de espaço associativo negro com o objetivo de “promover e estimular a união e o espírito de solidariedade entre os sócios e pessoas de suas famílias sem qualquer prevenção de preconceito”²⁶. A sua sede funcionava numa casa antiga, pequena, com grande quintal arborizado no bairro Lins de Vasconcelos e reunia pessoas que, apesar de intelectualmente e economicamente capazes, não tinham acesso a diversos tipos de diversões por serem negros²⁷.

De acordo com Sonia Giacomini,

a origem do clube é tema recorrente nas conversas com antigos e novos associados e, nas narrativas, o momento fundador transparece revestido de um sentido de necessidade, até mesmo de urgência; é como se o Renascença tivesse vindo preencher um vazio existente desde sempre. A iniciativa até hoje tem sua necessidade e relevância ressaltadas, poder-se-ia dizer legitimadas, pelo fato de que os negros eram - e para alguns, ainda são - discriminados. O Renascença nasceu como uma resposta à discriminação, ou melhor, à segregação imposta aos negros na cidade (GIACOMINI, 2006, p.28-29).

²⁶Sobre isso, ver mais em: GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*. Belo Horizonte, 2006.

²⁷Idem.

A sua história, assim como a de outras organizações que serão analisadas neste trabalho, é tomada aqui como exemplo devido as suas semelhanças com o Clube Palmares: um espaço familiar formado por pessoas negras com níveis de escolaridade avançados, apresentando uma noção integracionista, concursos de *miss* e bailes tradicionais. Porém, estes espaços associativos vão se diferenciar na sua atuação durante seus primeiros anos de funcionamento. Enquanto o Clube Palmares surge com o discurso de combate ao racismo desde o início, o Renascimento dos anos 1950, “era tradicionalista, conservador, moralista e colocava os negros (e a mulher em particular) numa posição de subordinação e manipulação” (GIACOMINI, 2006, p.192).

Para contar o início da história do nosso objeto desta pesquisa, o Clube Palmares de Volta Redonda, optamos por utilizar os relatos de João Laureano, um dos idealizadores, e de dona Eunice Santos Dias, sócio-fundadora e esposa de Nazário Dias, outro idealizador. As entrevistas feitas por Gladys Guimarães, foram reproduzidas no documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, do historiador Thompson Clímaco, em 2022.

Inicialmente as reuniões do que viria a ser o Clube Palmares eram realizadas na sede administrativa do Guarani Esporte Clube²⁸ e essas reuniões eram utilizadas para se debater a questão racial na cidade de Volta Redonda. Eunice começou a entrevista contando que:

[...] a CSN arrumava tudo para os seus operários, então tinha também um clube de lazer para os operários. Os operários que mantinham [o clube], tinham carteirinha, mantinham o clube. Iam lá trabalhavam, arrumavam, tudo bonitinho. [...] Eles começaram a segurar a carteirinha dos negros, aí começaram a tirar os negros. Não permitiam mais a entrada²⁹.

Eunice, questionada por Gladys sobre quais clubes passaram a proibir a entrada de pessoas negras, disse que era apenas um, porém, não quis falar o nome para não lhe causar problemas. Em seguida falou: “mas todo mundo aí vai lembrar, foi o primeiro clube que era dos operários”³⁰. Ao utilizarmos a “função do não-dito” como transmissão de lembranças de

²⁸O Guarani Esporte Clube foi fundado por trabalhadores da CSN em 1944 e, sua sede administrativa estava situada no edifício Justino Molica, sala 323, na Praça Brasil em Volta Redonda. Eunice, na referida entrevista à Gladys, contou que seu marido Nazário Dias foi secretário e jogava futebol neste espaço. Trecho retirado em: “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

²⁹Trecho retirado em: “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

³⁰Idem.

Michel Pollak (1989), podemos levantar a hipótese de que ela poderia estar se referindo ao Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, fundado para técnicos e funcionários de baixa qualificação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN³¹. Sobre este clube, João Laureano relatou o seguinte:

O Náutico me deixou um mal muito grande, porque eles fizeram uma covardia muito grande, enorme com a gente. Eu morava no acampamento central, então o galpão lá era a área de lazer do pessoal [do acampamento]. O Náutico foi fundado no escritório, era o pessoal do escritório. Então, como a CSN estava expandindo e precisaria desmanchar os barracos, o Náutico veio para o acampamento central no barraco onde era nossa área de lazer e disse que ia acolher todos os moradores do bairro. Ai viramos sócios do Náutico³².

Em outro momento Laureano contou que sua namorada da época e outras três colegas brancas ouviram um dia no banheiro das mulheres que o Náutico estava ficando muito bom, mas que por ter muitos negros, estava parecendo gafieira³³. Ao final, o idealizador do Palmares disse que, além de ser demitido do Náutico por denunciar o preconceito, o clube passou a impedir a presença de suas dependentes³⁴. Através dos relatos, podemos supor que havia uma noção de que o comportamento do negro era inadequado para o clube mencionado visto que, em outro momento, Laureano contou que Nazário Dias foi demitido do Náutico por tocar tamborim³⁵ em uma escola de samba³⁶.

No momento em que o Clube Palmares foi idealizado, “o Movimento Negro no Brasil teve sua luta política temporariamente derrotada após o golpe militar, quando os militantes foram acusados de criar um problema que supostamente não existia: o racismo” (DOMINGUES, 2009, p.111). Sendo assim, o que se seguiu ao dia 1º de abril de 1964 ficou marcado na história brasileira por se tratar de um período de perda de direitos políticos,

³¹Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. *A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: Os Clubes Sociorrecreativos*. LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 18 (3), 2015.

³²Trecho retirado do documentário “Palmares: o povo negro pode dançar”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

³³Gafieira é um estilo de dança de salão elegante e técnica com fortes influências de ritmos africanos. Um sincretismo de movimentos oriundos do lundu, maxixe, polca e tango. Surgiu no Rio de Janeiro no século XX, como ritmo urbano acompanhado de versos e refrões. Este trecho da entrevista também foi retirado do documentário de Thompson Clímaco.

³⁴Trecho retirado do documentário “Palmares: o povo negro pode dançar”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

³⁵É um instrumento de percussão constituído de uma membrana esticada, em uma de suas extremidades, sobre uma caixa de ressonância, normalmente confeccionada em metal acrílico ou PVC. No Brasil, é utilizado nos ritmos de origem africana, como a batucada, o samba e o cucumbi.

³⁶Trecho retirado do documentário “Palmares: o povo negro pode dançar”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

perseguições e torturas, de maneira geral. Mas, a ditadura militar pôde ser sentida e vivenciada de diversas formas por setores sociais diferentes, principalmente se tratando da população negra.

Quanto à palavra “golpe”, o termo foi rejeitado pelos civis e militares que comandaram o movimento considerado vitorioso, levando os mesmos a adotarem a palavra “revolução”. Mas, o ocorrido no dia 1º de abril de 1964 é comumente considerado um golpe civil e militar³⁷. Construiu-se a ideia de que o golpe e a ditadura que se seguiu foram obra exclusiva de militares porque as principais lideranças civis que participaram da deposição do ex-presidente João Goulart foram logo descartadas.

As duas versões, na visão de Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes seriam insustentáveis porque,

o apoio de diversos setores da população das grandes capitais do país ao golpe que derrubou Goulart da presidência da República foi grandioso e está documentado; e não apenas em periódicos. Por isso, é bom entender tais reações, a começar pelos valores que a chamada “revolução” (grifo meu) vinha colocando sob sua bandeira: a defesa da ordem, da liberdade, da Constituição, da democracia. Enfim, tudo isso contra um presidente considerado, por um lado, extremamente ameaçador e, por outro, muito fraco. Logo, uma versão que combina elementos extremamente negativos, concentrando-os em um único indivíduo, o presidente João Goulart, acusado de promover a comunização do Brasil (FERREIRA; GOMES, 2014, p.12).

Nesta pesquisa, optamos por adotar o termo ditadura militar, de Carlos Fico, sem o acréscimo do civil, pois, de acordo com o mesmo, “existiam interferências diretas dos militares na política brasileira antes de 1964” (FICO, 2004). Ele argumenta que “se a preparação do golpe foi de fato ‘civil-militar’, no golpe, propriamente, sobressaiu o papel dos militares” (idem). Além das movimentações de tropas, desde o início do regime foi indiscutível a preponderância dos militares, em detrimento das lideranças golpistas civis (FICO, 2004).

As sucessivas crises do período foram resolvidas *manu militari* e a progressiva institucionalização do aparato repressivo também demonstra a feição militar do regime. Do mesmo modo, sucessivas levadas de militares passaram a ocupar cargos em importantes agências governamentais. Se podemos falar de um golpe civil-militar, trata-se, contudo, da implantação de um regime militar ou, em outras palavras: de uma ditadura militar (FICO, 2004).

³⁷Sobre isso, ver mais em: FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. *1964: o golpe que derrubou o presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro, 2014.

Devido às diversas nuances do termo, assumir o golpe como ditadura militar se faz necessário neste trabalho, visto que os militares estiveram presentes no momento da criação da CSN e ocupando altos cargos como: o engenheiro militar Edmundo de Macedo Soares e Silva, os generais Oswaldo Pinto da Veiga e Sylvio Raulino de Oliveira que ocuparam a presidência da Companhia e Olímpio Gomes de Oliveira, um interventor nomeado para assumir a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda³⁸. Até 1973, Olímpio promoveria uma política de total alinhamento com os governos militares ao estar à frente do Sindicato³⁹.

Adotar o termo “ditadura militar” de Carlos Fico (2004) é colocar em evidência a trajetória destes personagens que se declaravam vencedores e responsabilizá-los pelo silenciamento e apagamento daqueles que foram considerados vencidos pela chamada “revolução de 1964” (aspas minhas).

Considerações feitas, ao compararmos o governo autoritário de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar, de modo generalizado, nota-se que ambos tinham como ideologia a construção da imagem do Brasil como país do futuro através da força de trabalho e da obediência sistemática dos operários. Para marcar ainda mais esta semelhança, a política de comunicação social da agência de propaganda da ditadura constava, também, como diretriz “o respeito à ordem moral e espiritual e os valores positivos: o amor à pátria, a coesão familiar, a dedicação ao trabalho e a dignificação do homem” (FICO, 1997, p.45).

Outra semelhança que podemos notar é que, até o início dos anos 1970, a busca de singularidade por meio da teoria das três raças iria compor a propaganda política da época, visando uma concepção nacionalista da cultura brasileira e na valorização da mistura racial. Um dos argumentos utilizados pela ditadura militar seria de que: “o Brasil tinha elementos positivos para estabelecer uma democracia popular, repulsa pela hierarquia, falta de base para o preconceito de cor” (FICO, 1997, p.34). A “gilbertarização” do país nesse período contribuiria para tornar a sociedade sem antagonismos e sem conflito social⁴⁰.

³⁸De acordo com Regina Moreira, a edição do Ato Institucional nº 5 iria determinar a destituição da diretoria atual da época, liderada por Wilton de Araújo Meira. Essa diretoria – de Meira – estaria interessada em separar a política partidária da política sindical, trabalhista, e não cogitava lançar mão de propaganda ou de atitudes de enfrentamento – greves e passeatas – que pudessem levar a desordem. MOREIRA, Regina da Luz. *CSN: um sonho feito de aço e ousadia*. Rio de Janeiro, 2000.

³⁹Idem.

⁴⁰Carlos Fico cita o termo “Gilbertarização” fazendo referência à teoria de Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala* (1933) sobre a harmonia entre as três raças no Brasil. Sobre isso, ver mais em: FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

A repressão política e a segurança nacional seriam lados complementares de um mesmo processo, principalmente em fins dos anos 1960 e início da década de 1970. A ditadura militar deu continuidade ao processo de vigilância e de centralização do poder nas mãos do Executivo, mas agora através de aparatos mais específicos e bem menos democráticos, por meio de Atos Institucionais e do Serviço Nacional de Informações (SNI).

A chamada Assessoria de Segurança e Informações (ASI) da estatal, conforme foi abordado por André Borges, “atuou em estreita proximidade com o braço armado do Estado na repressão às mobilizações e greves protagonizadas pelos operários da CSN ao longo das três décadas em que perdurou a ditadura militar”⁴¹. Além da assessoria de segurança, havia ainda o Departamento de Segurança da Usina, cada qual com a sua tarefa⁴². Enquanto a assessoria cuidava da inteligência, o departamento tocava a operação de campo de interesse da empresa e dos militares⁴³.

Sobre os Atos Institucionais, havia uma necessidade de institucionalizar um novo aparato que apoiasse o golpe e já, no preâmbulo do primeiro AI, a autoridade teria de ser decorrente não do povo, mas do exercício de fato do poder. De acordo com Maria Helena Alves,

o Ato Institucional surpreendeu os que haviam apoiado a intervenção dos militares na crença de que a sua intenção era restaurar a democracia, mas, o Ato Institucional nº 1 rompeu com o apoio tácito à coalização civil-militar, dando origem a dialética Estado/oposição (ALVES, 1984, p.54).

Alves também se propôs a analisar o Ato Institucional nº 2 e, sem se atentar a contextos, de maneira geral, as medidas adotadas foram divididas pela autora em três categorias: “aquelas destinadas a controlar o Congresso Nacional, com consequente fortalecimento do poder Executivo; as que visavam especialmente o poder Judiciário; e as que deveriam controlar a representação política” (ALVES, 1984, p.91). Humberto de Alencar

⁴¹Estas informações foram retiradas do artigo de André Borges, porém, os detalhes deste período e das relações umbilicais que a CSN manteve com a ditadura militar foram apurados no projeto “A responsabilidade de empresas por violações de direitos durante a Ditadura”, um trabalho de pesquisa que envolveu 55 pesquisadores e foi conduzido pela Universidade Federal de São Paulo, através do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF/Unifesp) em parceria com o Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://apublica.org/2023/06/racismo-perseguição-e-assassinatos-nas-instalações-da-csn-nos-anos-da-ditadura/>. Acesso em: 08/12/2023.

⁴²Idem.

⁴³Idem.

Castelo Branco (1964-1967), em 1966, editou o Ato Institucional nº 3 estabelecendo eleições indiretas para governador e vice-governador e, no art. 4º ficou estabelecido que:

os municípios das capitais passariam a ser nomeados pelos governadores estaduais a fim de evitar frustrações dos superiores objetivos da revolução e a fim de preservar a tranquilidade e a harmonia política e social do país⁴⁴.

O então presidente da República pretendia colocar nos postos-chaves estaduais e municipais homens que garantissem a continuidade do sistema implantado em 1964. Apesar do AI-3 permitir a eleição indireta no município de Volta Redonda, a cidade só passaria a ter uma pessoa de confiança do regime militar no cargo de prefeito e declarada Área de Segurança Nacional, a partir do Decreto-lei nº1.273, de 29 de maio de 1973, o que denota um espaço de tempo significativo.

A Cidade do Aço, mediante seu longo processo de transformação e desenvolvimento industrial, seria também, junto à cidade de Barra Mansa, interior do estado do Rio de Janeiro, cidades estratégicas para o regime militar. Barra Mansa era sede do Iº BIB – Batalhão de Infantaria Blindada - e vizinha das cidades de Volta Redonda, que foi Área de Segurança Nacional por ser sede da CSN; e Resende, sede da maior academia militar da América Latina, a Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN. De acordo com Fabíola Amaral, “é necessário se atentar ao fato de que estes municípios se localizam entre os estados mais importantes do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo e, essas variáveis fizeram a região relevante para o regime” (SOUZA, 2016, p.1).

Após a implantação do decreto, em 1979, o deputado Peixoto Filho⁴⁵, através do Projeto nº 326, encaminhou à presidência da República que o decreto-lei fosse revogado, excluindo da relação dos municípios declarados áreas de interesse da segurança nacional o município de Volta Redonda. O pedido foi negado pois, Volta Redonda teve as eleições diretas para prefeito reestabelecidas na década seguinte. Os argumentos do deputado são reflexos de um discurso paternalista de períodos anteriores. Dentre os seus argumentos estava:

Volta Redonda é um recanto de tranquilidade social, não obstante colmeia de trabalho e de atividade criadora. Em nenhuma eleição ali realizada, verificou-se qualquer anormalidade. [...] Já tivemos a oportunidade de afirmar que o voto popular é a base de toda a legitimidade política. [...] O valoroso povo de

⁴⁴Informação retirada do site do Planalto. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03-66.htm. Acesso em: 11/10/2023.

⁴⁵O Deputado Federal Peixoto Filho, foi candidato pelo MDB-RJ de 1971 a 1983, quando terminou seu mandato. Foi Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito Universidade Federal Fluminense, 1938.

Volta Redonda, ordeiro, politizado e trabalhador, jamais provocou a instabilidade de paz social e econômica do progressista município fluminense. [...] A devolução de sua autonomia é um imperativo da consciência democrática do povo brasileiro⁴⁶.

Até o decreto oficial do AI-5, houve alguns acontecimentos considerados cruciais para que o marechal Artur Costa e Silva (1967-1969), então presidente, assinasse o Ato. O primeiro acontecimento seria a passeata de protesto de estudantes no Rio de Janeiro que reivindicava melhor qualidade da alimentação oferecida aos universitários pelo governo em 1968, que terminou com a morte de um estudante pela Polícia Militar, marcando o estopim para o crescimento da indignação popular⁴⁷. A Passeata dos Cem Mil contra a Ditadura, ocorrida em junho do mesmo ano, contou com a participação de estudantes, artistas, intelectuais e da população em geral⁴⁸. É preciso ressaltar que, ao fim dos anos 1960, juventude ganhava a cena em todo o mundo ao contestar hábitos e costumes políticos e morais contra os rígidos valores tradicionais da família. O segundo momento, e talvez o mais importante, seria o discurso do deputado Marcio Moreira Alves do Movimento Democrático Brasileiro (MDB - Guanabara) em um dos festejos de celebração da independência do Brasil, em sete de setembro de 1968⁴⁹. O parlamentar defendia em seu pronunciamento,

o boicote popular ao desfile militar, a parada da Independência, e instigava as mulheres para que se recusassem a namorar os oficiais que fossem partidários ou coniventes com a ditadura. [...] O discurso não repercutiu na população em geral; todavia, dos quartéis partiu a maior indignação (ALVES, 1984, p.130).

Isso serviu como motivação imediata para a crise política de dezembro daquele ano e, partindo da perspectiva militar, “tais ofensas à honra e à dignidade das Forças Armadas eram

⁴⁶BRASIL, República Federativa. Projeto de Lei nº 326, de 1979, Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro.

⁴⁷Sobre isso, ver mais em: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Tradução: Clóvis Marques. Petrópolis, 1984.

⁴⁸Denominação com que ficou conhecida a manifestação realizada no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968, da qual participaram cerca de cem mil pessoas que protestavam contra as violências praticadas pela polícia alguns dias antes no centro da cidade, atingindo estudantes e populares. As principais reivindicações dos manifestantes eram o restabelecimento das liberdades democráticas, a suspensão da censura à imprensa e a concessão de mais verbas para a educação. Sobre isso, ver mais em: LAMARÃO, Sérgio. *Passeata dos Cem Mil*. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas.

⁴⁹ALVES. *Op.cit.*

inadmissíveis” (ALVES, 1984, p.130). De acordo com o documento oficial, ao Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, cabia algumas atribuições como:

Art. 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;

II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;

III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) liberdade vigiada;

b) proibição de frequentar determinados lugares;

c) domicílio determinado⁵⁰.

A explicação dada para tanto, se baseia no fato de que se tratava de um regime de exceção, emergencial, passível, portanto, de recorrer a medidas autoritárias legitimadas por sua natureza “revolucionária” (ALVES, 1984). Os autores Maria Celina D’Araújo, Gláucio Soares e Celso Castro pontuaram:

ainda que, num primeiro momento, possamos admitir que essa intrincada estrutura definiu-se de forma reativa, o que se verificou ao fim de muito pouco tempo foi a instalação de um sofisticado sistema de segurança e controle institucionalmente consolidado, cujas características não podem jamais ser atribuídas a situações circunstanciais. O “sistema”, a comunidade de informações faz parte de um bem articulado plano que procurou não só controlar a oposição armada, mas também controlar e direcionar a própria sociedade (D’ARAUJO; SOARES; CASTRO, 1994, p.18).

Os termos “anos de ouro” e “anos de chumbo” trabalhados por Janaína Martins Cordeiro demonstra perfeitamente o paralelo vivido durante os vinte e um anos de regime. Os anos de ouro seriam, de acordo com ela,

a fase dos anos iniciais da ditadura onde houve um expressivo crescimento da economia, discursos sobre a necessidade de um projeto de integração nacional e celebrações caracterizadas como ‘encontros cívicos. Coabitando no mesmo

⁵⁰Informação retirada do site do Planalto. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 11/10/2023.

período, os anos de chumbo, traria consigo a edição do Ato Institucional nº5, perseguições, prisões, mortes e exílios (CORDEIRO, 2009).

E o Clube Palmares, mediante a estes acontecimentos, viveria os “anos de ouro” ou os “anos de chumbo” quando foi fundado? Nos relatos presentes no documentário de Thompson Clímaco (2022), vamos notar que em um primeiro momento existiram outras formas de violência que assolaram a população negra como: a exclusão social e a discriminação racial.

De acordo com a Ata de Fundação, que se encontra no Centro de Documentação Edson Daniel João, o Clube Palmares foi criado no dia 31 de janeiro de 1965, em reunião realizada às dez horas da manhã e com término ao meio-dia e meia, do Guarani Esporte Clube. Dentre os presentes, estavam os três idealizadores e fundadores: João Estanislau Laureano, operário negro da CSN; Nazário Ernesto Dias, engenheiro negro da Companhia; e Maria da Glória Oliveira, mulher negra que foi professora e amiga de Nazário na época.

Em entrevistas concedidas à pesquisadora Gladys Guimarães em 2012, Eunice contou que seu marido, Nazário Dias, veio de Sergipe com sua família e, entre os 13/14 anos de idade ingressou na CSN⁵¹. Nesse período, ele e sua família moraram em um dos barracos cedidos pela empresa, mas, sua vida começou a mudar quando conseguiu uma bolsa de estudos no Colégio Macedo Soares, escola particular de prestígio na cidade⁵². Nice (como também é chamada) acreditava que a conquista de seu marido tenha sido por causa dos convênios que a CSN fazia com as escolas e com algumas universidades na época⁵³.

Ao longo dos anos, Nazário começou a possuir o desejo de cursar engenharia e como seu pai também era funcionário da Companhia, ele pediu uma bolsa em uma universidade no Rio de Janeiro⁵⁴. Por conta de sua cor, o pedido da bolsa foi negado, porém, foi através do chefe que ele conseguiu entrar⁵⁵. Sobre a questão do racismo sofrido por seu marido, Eunice deu o exemplo de um colega de Dias que também queria cursar uma faculdade: o rapaz, que era branco, solicitou a mesma bolsa de estudos, pois era filho de operário e logo foi aceita⁵⁶. Ao final da faculdade, ele voltou para a CSN já trabalhando, agora no cargo de engenheiro, por meio de uma promoção, chegando ao cargo de superintendente geral, cargo mais alto da indústria⁵⁷.

⁵¹Entrevista concedida à Gladys Guimarães no ano de 2012.

⁵²Idem.

⁵³Idem.

⁵⁴Idem.

⁵⁵Idem.

⁵⁶Idem.

⁵⁷Idem.

Não foi possível localizar a universidade que Nazário ingressou, mas localizamos uma documentação do Conselho Deliberativo do Clube Palmares em que seu nome é mencionado de acordo com a sua função na CSN, no topo da lista de “substituições eventuais” (Figura 3).

Figura 3 - Conselho Deliberativo, Instruções para votação da Assembleia Geral, 1969.

CLUBE PALMARES
 Considerado de Utilidade Pública Estadual: Lei 5599, de 16/10/65
 Considerado de Utilidade Pública Municipal: Deliberação n.º 796, Boletim 52/66
 SEDE ADMINISTRATIVA:
 RUA 25 - A N.º 81 - SALA 316 - 3.º ANDAR - EDIF. JUSTINA MOLICA
 VOLTA REDONDA - RJ - ESTADO DO RIO

COMPOSIÇÃO DA CHAPA Nº 01 -	SUBSTITUIÇÕES EVENTUAIS
Hermenegildo Maximiano	Engº Nazario Ernesto S. Dias
Eloydimar Santos Bastos	Amaury Caetano Pereira
José Benedito Valentin	Geraldo Antonio Martins Vida
Engº José Eliasde Souza	Carlos Alberto de Deus
Miguel Archanjo Vieira	Geraldo Patrício Filho
Sebastião Marcelino de Oliveira	Paulo Roberto Procópio
Adilson de Oliveira	Hélio Mancel
Eugênio Gonçalves dos Santos	Mário José do Nascimento
José Lucas David	Maurício Dias Balbino
Waldir do Espírito Santo	Paulo Roberto dos Santos
Walter Baeta de Souza	Lúcio de Paula

- E M CASO SE ELEITOS -

Para presidente do Conselho Deliberativo
 Exmo. Senhor: _____

Para secretário do Conselho Deliberativo
 Exmo. Senhor: _____

Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda.

Com resultados satisfatórios, obtiveram com sucesso o ingresso dos primeiros engenheiros negros no quadro da CSN, até então inexistentes⁵⁸. Essa afirmativa, além de expressar a relevância do clube para a elevação da população negra da região, talvez explique

⁵⁸Informações retiradas do site da instituição. CLUBE PALMARES. Disponível em: <https://www.clubepalmares.org.br/institucional>. Acesso em: 18/07/2023.

a legenda da imagem abaixo, em que um engenheiro chamado José Elias aparece em frente ao Coral Palmares (Figura 4).

Figura 4 – Eng.º José Elias de Souza e o Coral Palmares.



Eng.º José Elias de Souza e o Coral Palmares.

Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda.

Em seguida, ainda na reunião de fundação, foi feita uma votação em que concorreram cinco possíveis nomes e suas respectivas cores, propostos pelos seus sócios: Clube Palmares – cores verde e branca; Clube Operário – cores preta e branca; Clube dos Fenianos – cor não mencionada; e Clube 17 de Julho – cor não mencionada. E, o nome “Clube Palmares” com suas cores verde e branca levou a maioria dos votos, foram quatorze votos no total. Na Certidão do Clube Palmares, ficou estabelecido que suas finalidades seriam: promover reuniões de caráter social, atléticas, educacionais e cívicas; difundir entre seus associados a prática dos desportos – em geral; e desenvolver o intercâmbio social, cultural e desportivo com sociedades com gêneros nacionais e estrangeiros.

Definidas as suas principais finalidades, ao possuir um quadro administrativo formado por diferentes cargos, o Clube Palmares, assim como outras agremiações mais equipadas, tinha um estatuto registrado em cartório, regulamentando a sua natureza, a estrutura, os objetivos e as ações da entidade. O Estatuto do Clube Palmares seguiria a norma padrão dos demais clubes, então nele ia constar: os direitos e deveres dos sócios-fundadores e demais associados, tipos de

sócios e suas respectivas funções. Porém, um tópico específico chama a atenção, que é sobre a admissão dos associados:

a admissão ao quadro social, far-se-á mediante proposta assinada pelo proposto e subscrita por um associado, em pleno gozo de suas regalias sociais, em formulário especial fornecido pelo Clube, acompanhado de três fotografias 3x4, respeitadas as condições seguintes:

- a) Gozar de bom conceito e ter boa conduta;
- b) Exercer profissão lícita;
- c) Não sofrer de moléstia infecto-contagiosa;
- d) Não haver sido punido com eliminação ou expulsão de outra Sociedade por motivo desabonador;
- e) As propostas serão apresentadas à Diretoria a quem cabe determinar as sindicâncias, se necessárias, e concluir pela rejeição ou aprovação.

O trecho em questão aponta para um discurso sobre a moral e os bons costumes da época que foram reproduzidos pela própria população negra. Utilizando as palavras de Giane Escobar,

pode-se comprovar, com essa ação, a rigidez com que eram tratados os associados que não tinham “bom comportamento” dentro da sociedade. Não bastava parecer um “bom sujeito”, mas deveriam demonstrar em atitudes a sua dignidade, os seus valores, sem desvios, pois ali naquele lugar a organização e a moralidade eram a marca dos “negros de nível” e “bem-educados”, ao gosto e padrão das elites dominantes (ESCOBAR, 2010, p.113).

Após a regulamentação do funcionamento do clube, era preciso arranjar um espaço que para a sua sede e, desde então, foram várias lutas para se firmar como entidade oficial. No tópico anterior, apontamos que a cidade de Volta Redonda foi planejada para seguir a hierarquia da CSN e cada área tinha uma determinada função. Como o lazer fazia parte do projeto de Corrêa Lima, a Companhia passou a conceder terrenos aos clubes associativos de seus funcionários, se tornando uma política de vigilância da empresa. Mas, nem todos os funcionários foram contemplados com a mesma “boa ação” (aspas minhas). João Laureano contou em entrevista que quando ele e Maria da Glória se dirigiram à CSN para reivindicar por

um terreno por não serem aceitos nos clubes existentes, receberam acusações de fundar um clube racista e que em Volta Redonda não existia preconceito⁵⁹.

O Clube Palmares, mesmo sem sede, buscou outros meios de manter seu funcionamento e realizar suas reuniões, que aconteciam em residência de seus associados ou às vezes,

aos domingos, em salas de aula do Colégio Trajano de Medeiros, hoje Colégio Manuel Marinho. Ao se instalar em uma sala alugada na Avenida 17 de julho, no Aterrado, permaneceu até 1975, quando a Sede foi transferida para Rua Roma s/nº no Jardim Europa⁶⁰.

E aparentemente os palmarinos não foram bem recebidos no referido bairro, pois, ao murar o terreno comprado em 1978, os moradores fizeram um abaixo-assinado dizendo que o local, que imaginavam ser transformado em praça para as crianças e para os mais velhos, estava sendo tomado por um “grupo de samba”, como relatou Laureano⁶¹.

Este bairro fica na parte sul da cidade e, de acordo com Silva, áreas ao sul e sudoeste também apresentaram forte expansão periférica (SILVA, 2010). Porém, o bairro Jardim Europa está localizado próximo ao centro da cidade, onde se encontravam os equipamentos urbanos mais importantes e infraestrutura urbana mais completa. Embora tivesse problemas com a poluição sonora e do ar, devido à proximidade à usina, com o passar do tempo esta parte da cidade se tornou uma das mais valorizadas.

Portanto, a dualidade imposta entre “cidade nova” e “cidade velha” não condizem exatamente com o processo de ocupação urbana entre 1960 e 1970 pois,

essa percepção da geografia social local, relacionada ao processo de constituição identitária daquele coletivo, possivelmente foi construída no embate com o processo de rearticulação do espaço, onde as áreas valorizadas definitivamente deixaram de ser espaços plausíveis de ocupação pela população pobre e foram ocupadas por categorias profissionais altamente valorizadas pela usina, além da elite local, num processo de fixação seletiva em novos moldes (SILVA, 2010, p.83-84).

⁵⁹Trecho retirado do documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

⁶⁰Essa informação foi coletada por Eduardo Terra, João Pereira, Marcelo Melgaço, Márcia Santos e Ranielly Ferreira, estudantes de História que fizeram uma breve pesquisa sobre o Clube Palmares em 2004.

⁶¹Trecho retirado do documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

Após a sua fundação, o Palmares teve em seu quadro de associados, não só trabalhadores negros, mas, também, os simpatizantes às suas causas⁶². É comum associar o clube ao operariado negro da CSN por ter sido fundado por dois deles, mas, talvez, por trabalhadores negros, possamos imaginar que a composição deste espaço fosse além do chão de fábrica, visto que além de João e Nazário, contou com a presença da professora Maria da Glória na sua idealização, vamos falar melhor sobre isso no próximo capítulo.

Sob a direção do Sr. Lúcio Andrade, inicialmente, o intuito do clube era incluir o negro na sociedade volta-redondense, além de realizar outras atividades como ceder o espaço para a entrega formal de diplomas aos adolescentes e aos diplomados sócios do clube, um incentivo e apoio à formação acadêmica. A palavra “incluir” também aparecia como um dos principais objetivos, por exemplo, do Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento, e de acordo com análises feitas por Amílcar Araújo Pereira,

o TEN procurou não apenas denunciar o preconceito e o estigma de que os negros eram vítimas, mas, acima de tudo, oferecer uma via racional e politicamente construída de integração e mobilidade social dos pretos, pardos e mulatos (GUIMARÃES apud PEREIRA, 2010, p.92).

A inclusão da população negra na sociedade brasileira, tal qual ela se apresentava, era uma característica importante dos clubes associativos no início do século XX. Ademais, a busca pela mobilidade social a fim de superar uma barreira imposta pela cor, fica explícita quando localizamos na lista de associados do Clube do Palmares que o cargo vinha junto ao seu nome, por exemplo: Engenheiro Nazário Dias e Engenheiro José Elias, traduzindo o objetivo do clube nos primeiros anos de funcionamento e, aparentemente uma espécie de respeito e orgulho pelo título alcançado.

Na década de 1970, auge da ditadura brasileira e dos movimentos civis norte-americanos, a nova geração de palmarinos sentiu-se motivada pelas visões e ideais antirracistas, politizadas e combativas. Passaram então a trabalhar com os jovens a conscientização de que deveriam estar inseridos em uma entidade negra e que atuasse também politicamente. Os princípios ideológicos e posições políticas deste período estariam bastante ligados ao internacionalismo e às ideias da esquerda marxista, em que a solução para combater o racismo estaria na adoção de medidas concretas por parte do Estado brasileiro (DOMINGUES, 2007).

⁶²TERRA; PEREIRA; MELGAÇO; SANTOS; FERREIRA. *Op.cit.*

A pesquisadora sobre o tema, Karin Sant' Anna Kössling apontou que durante os anos mais repressivos da ditadura militar

a polícia política considerava tais grupos (militantes negros) como “subversivos” porque estes estariam ligados ao comunismo internacional, mas também (quiça, principalmente) porque estariam a introduzir no Brasil uma “falsa problemática” criando antagonismos sociais “inexistentes”, com base na ideia de raça. Em geral, a atuação repressiva às associações afrodescendentes, sustentada pela visão policial que classificava essas associações como “introdutoras” da questão racial no país, ocorreu desde a década de 1930. Durante o regime, novos conceitos foram introduzidos para debater ideias já existentes no meio policial (KOSSILING, 2007).

Em uma parte da entrevista Gladys perguntou à Dona Eunice se o Clube Palmares teve algum problema com os militares durante o regime e ela respondeu que não, mas que o clube tinha que prestar contas ao Iº BIB, ou seja, relatar tudo o que ia acontecer nos eventos, por ser um grupo de negros que estava surgindo⁶³. Em seguida complementou que apareciam agentes à paisana pra vigiar os eventos e afirma que Nazário nunca teve problemas com o regime militar⁶⁴.

O Clube Palmares, até o momento presente desta pesquisa, era a única referência de espaço associativo formado por negros e para pessoas negras da região do Vale do Paraíba, então acolhia pessoas não só de Volta Redonda e Barra Mansa, mas, também, de outras cidades. No final da década de 1980 devido a conflitos de ideais entre a antiga geração e os novos associados, os primeiros passaram a abandonar o clube e o mesmo começou a entrar em declínio até quase sucumbir completamente⁶⁵.

Diante das demais considerações, nos seus primeiros anos de funcionamento, o Clube Palmares se dedicou a promover o lazer ao mesmo tempo em que se preocupava com a instrução de seus associados, se caracterizando como um espaço para além da sociabilidade. Ao se reunirem para debater a questão racial, os fundadores chegaram à conclusão de que estavam sendo excluídos de alguns clubes de Volta Redonda, apontando discriminação por parte deles. A seguir, vamos analisar o processo de formação dos clubes de lazer de Volta Redonda e, em seguida, comparar com os eventos do Clube Palmares.

⁶³Entrevista concedida à pesquisadora Gladys Guimarães no ano de 2012.

⁶⁴Idem.

⁶⁵Nesta pesquisa, focalizamos nossas análises nos anos iniciais do clube em decorrência da debilidade de fontes primárias do início das décadas de 1970 e 1980, períodos em que o Clube Palmares foi mais combativo em relação à ditadura militar.

1.3 O lazer na cidade de Volta Redonda: alguns apontamentos

De acordo com o mencionado no tópico anterior, a hierarquização dentro da CSN foi fator determinante na constituição de Volta Redonda, ou seja, a estratificação e a segregação a partir da diferenciação dos trabalhadores iria influenciar diretamente na disposição das habitações e, também, na localização dos clubes e nos tipos de eventos oferecidos.

Sobre o lazer, propriamente dito, foi prática da direção da CSN doar terrenos para a construção de clubes associativos, já que ela era proprietária de grande parte do território da cidade. Os clubes mais populares, como veremos a seguir, acabaram mesclando trabalhadores de vários níveis da empresa e, “como tinham a maioria dos frequentadores oriundos dos níveis mediano e baixo, conseqüentemente enegreceu estes espaços e, é nessa questão que entra a história do Clube Palmares” (SILVA, L. 2022, p.254). De acordo com Fábio Araújo,

estes espaços fomentados pela Companhia seriam como instrumentos de políticas de lazer, uma forma de forjar a identidade coletiva e subjetiva através do entretenimento de massa e da propaganda do governo, promovendo a família siderúrgica (ARAÚJO, 2015, p.6).

De acordo com Leonardo Silva e Thompson Clímaco, nos primeiros anos de funcionamento da Companhia, aproximadamente 70% de seus operários eram negros, ocupando postos de trabalho considerados pouco qualificados⁶⁶. Nesta mesma época, entre 1940 e 1950, o número de clubes associativos voltados para os funcionários da CSN cresceu significativamente. Sendo assim, havia espaços voltados para o lazer operário, mas nem todos permitiam o acesso de pessoas negras em seus eventos.

Ao analisar o trabalho e a recreação na década de 1940, Angela Brêtas

entendeu que havia uma expressiva interação entre os modos de vida considerados moral, social e culturalmente aceitáveis, baseados nos valores das classes dominantes e os estilos de vida dos jovens moradores de favelas e da periferia das grandes cidades são calcados num cotidiano considerado, por várias razões, inadequados (BRÊTAS, 2006, p.200).

⁶⁶Sobre isso, ver mais em: CLÍMACO, Thompson; SILVA, Leonardo Ângelo da. Lugares de Memória dos Trabalhadores #60: Clube Palmares, Volta Redonda (RJ). Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-60-clube-palmares-volta-redonda-rj-leonardo-angelo-e-thompson-climaco/>. Acesso em: 06/01/2023.

Os modos de vida inadequados eram controlados pelo próprio Estado, que criou aparatos repressivos para inibir a liberdade de expressão da população em geral durante os governos autoritários no Brasil. Porém, existiram formas específicas de coibir a população negra e suas manifestações culturais, como em 1941, quando o Estado através do Decreto-Lei nº 3.688, enquadrando a Capoeira para mantê-la sob a vigilância policial na Lei de Contravenção Penal.

Então, sabendo que o Estado sempre perseguiu a população negra, tratando sua cultura como ameaça à sociedade e aos “bons costumes” (aspas minhas), construiu-se no imaginário social que o modo de vida inadequado seria o modo de vida do negro. Como, por exemplo, o caso em que Nazário Dias foi expulso do quadro de associados do Náutico por tocar tamborim em escola de samba. Portanto, era fundamental que se buscasse ordenar o tempo de repouso do operário através do lazer, pois se acreditava que condições de trabalho nocivas o levariam a buscar distrações como jogos de azar, a prostituição e o alcoolismo, que eram ilegais. Utilizando Brêtas para concluir,

o acesso a atividades culturais diferenciadas como música, literatura, teatro, cinema, dança e esportes, poderia possibilitar aos trabalhadores o acesso a conhecimentos que, de certo modo, poderiam lhes dar novas chances de melhor compreender o mundo (BRÊTAS, 2006, p.201).

Através de autores que se debruçaram sobre o tema, vamos analisar os espaços de lazer oferecidos aos operários da CSN, quem compunha estes locais e apontar a relação deles com a empresa. Em seguida, vamos levantar algumas hipóteses sobre o porquê a Companhia se recusou a ceder um terreno para o funcionamento da sede do Clube Palmares, mesmo ele sendo composto por funcionários da empresa. Ao final, será possível perceber que havia uma iniciativa destinada a organizar o lazer dos trabalhadores e de suas famílias com o objetivo de coordenar os meios de recreação da classe operária, efetivado através de aparatos forjados pelo Estado ou independente a eles. Será possível perceber também que, apesar disso, a CSN já estava colocando essa ideologia em prática ao se vincular a quase todos os clubes associativos da cidade que vinha se formando.

O Clube dos Funcionários da CSN foi fundado no ano de 1942, por iniciativa de um grupo de funcionários com o intuito de desenvolver atividades de lazer e recreação⁶⁷. O

⁶⁷Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. *A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: Os Clubes Sociorrecreativos*. LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 18 (3), 2015.

objetivo do Clube, de acordo com Araújo, “era promover atividades de alto nível para seus associados e, desde o primeiro instante, era caracterizado como uma associação destinada a chefes de setor, engenheiros e técnicos qualificados” (ARAÚJO, 2013, p.109).

No carnaval deste mesmo ano, o futuro idealizador do clube e mais um grupo de funcionários da CSN, teriam sido barrados no Clube Municipal de Barra Mansa e a partir deste episódio, “começaram a surgir ideias da criação em Volta Redonda, de um clube que permitisse o lazer, livre dos constrangimentos passados na cidade vizinha”⁶⁸.

Em 18 de fevereiro de 1942, com a maioria dos funcionários no alojamento em razão do tempo ruim reinante, Demétrico Bouéri, Éver da Silva, Milton Guanabara e Augusto Dias de Souza, no decorrer de uma conversa, sugeriram a criação de um clube destinado a unir os funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional. [...] A criação então sugerida oferecia a possibilidade de os funcionários terem seu próprio clube (COSTA, 1988, p.13).

A primeira sede social do Clube dos Funcionários foi instalada em 9 de abril de 1942, no alojamento nº26, após muitos esforços, comemorando sua inauguração na mesma data do primeiro aniversário da CSN. Como forma de manter seu funcionamento, ficou estabelecido que fosse feito um desconto no salário em folha de pagamento dos associados⁶⁹.

Possuindo sede social própria, o Clube passou a realizar um maior número de eventos para associados e convidados e, tais eventos seriam destinados a um público restrito. Eram bailes sofisticados, salões ornamentados e as pessoas portavam trajes finos (ARAÚJO, 2013, p.112).

O Clube dos Funcionários da CSN mantém uma postura que se assemelha àquela dos tempos de sua fundação e o fato de estar localizado em um bairro afastado do centro, de classe média alta, no topo de uma colina, contribui para essa exclusividade⁷⁰. No ano seguinte à

⁶⁸Na época de carnaval, em fevereiro de 1942, um grupo de funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional vai a um baile em Barra Mansa. Os foliões, entretanto, são impedidos de entrar na festa porque torceram contra o time da cidade. Surge aí, a ideia de criar um clube onde pudessem se divertir. CLUBE DOS FUNCIONÁRIOS DA CSN, 2023. Informações retiradas no site da entidade: <https://clubedosfuncionarios.com.br/site/clube/história>. Acesso em: 23/04/2023.

⁶⁹Sobre a primeira sede social do CFCSN e seu funcionamento, ver mais em: Informações retiradas do livro comemorativo de COSTA, Alkindar. *Clube dos Funcionários da CSN – 45 anos de história*. Volta Redonda-RJ, 1988.

⁷⁰Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. *O lazer em Volta Redonda-RJ: dos clubes sociorrecreativos vinculados à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) aos novos investimentos esportivos da prefeitura*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2013.

fundação do Clube dos Funcionários, o Serviço de Recreação Operária - SRO, criado em 1943 pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, durante a gestão de Alexandre Marcondes Filho, teria objetivos como:

auxiliar na diminuição do número de acidentes de trabalho; estimular a sindicalização; integrar o conjunto de realizações que possibilitam a concretização do discurso político da época acerca da preocupação do Estado com aspectos da vida do trabalhador, situados para além da proteção das leis trabalhistas e do amparo da previdência social; controlar e disciplinar o tempo livre do operário; formalizar uma experiência de educação não-formal do trabalhador; fortalecer física e espiritualmente o operário de modo a fazê-lo participar do esforço de guerra e elevar seu nível cultural (BRÊTAS, 2006, p.204).

A CLT havia sido anunciada por Vargas durante o mês de maio de 1943 e, o Órgão ter sido criado no mesmo ano, para Ângela Brêtas, não era uma mera coincidência. No seu entendimento, “a criação do SRO estaria relacionada a diversos fatores que formam um conjunto moldado sobre bases morais, éticas e pedagógicas que comporta muitos objetivos” (BRÊTAS, 2006, p.203). A CLT, o SRO e a Lei de Contravenção Penal foram elaborados como forma de combater o ócio no tempo do não trabalho. E, como apontado anteriormente, essa lei estaria direcionada à população negra devido à vigilância constante de seu comportamento e às suas manifestações culturais, que representariam os ditos maus costumes, considerada como desordeira e preguiçosa.

Poucos anos depois a estes acontecimentos, em 17 de novembro de 1945, o Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva – GACEMSS seria fundado por um grupo de mais ou menos dezoito pessoas e a ideia era criar em Volta Redonda, um Grêmio Artístico e Teatral, como apontou o pesquisador Arthur de Carvalho Junior (JUNIOR, 2019). A decisão de nomear o espaço com o nome do general Edmundo de Macedo Soares e Silva veio de Bernardo Paulino de Oliveira⁷¹, numa homenagem que considerou ser justa, “ao homem de vastíssimo conhecimento e especializações no Brasil e no exterior, que viabilizou a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda” (CARVALHO, 2019, p.18).

⁷¹De acordo com Arthur de Carvalho, entre tantos “arígós” (alculha dada aos trabalhadores que migraram para Volta Redonda), um de Passa Quatro, no sul de Minas Gerais, Nelson Carneiro da Silva, era entusiasta da arte teatral, à qual se dedicava em sua terra natal. Em meio à turbulência das obras, o “arigó” Nelson buscou outros forasteiros e pensadores como ele. Encontrou Orlando Alvisi e Bernardo Paulino de Oliveira Bemfeito. Os três trocavam ideias no ambiente de trabalho e, depois de algum tempo, começaram a promover reuniões em sala do Grupo Escolar Trajano de Medeiros (atual Instituto de Educação Manuel Marinho). CARVALHO. *Op.cit.*

Desde a fundação, o GACEMSS esteve ligado a CSN simbolicamente ao nomear Macedo Soares como patrono, tendo em vista que o espaço carregava o seu nome. A participação massiva de funcionários de alta qualificação da CSN a ocupar o cargo da Diretoria do Grêmio, evidencia que o espaço seria frequentado por pessoas majoritariamente brancas que também possuísem um alto poder aquisitivo e, o trecho abaixo indica que o local teve o apoio da empresa para o desenvolvimento das suas atividades devido aos seus primeiros dirigentes que pertenceram na quase totalidade, ao quadro de funcionários da Companhia:

muitos da Alta Administração da Companhia ocuparam cargos de Diretoria no Grêmio. Destaca-se: Edgar Magalhães da Silva (diretor na CSN), Antônio Carlos Gonçalves Penna (presidente, vice-presidente e diretor na CSN), Hermínio Correa de Miranda (contratador-geral e diretor da CSN), Newton de Coimbra Bittencourt Cotrim (diretor da CSN) e Heitor Lopes Correia (presidente da Fábrica de Estruturas Metálicas 'FEM', subsidiária da CSN) (CARVALHO, 2019, p.22).

Em 1955, através da compra de terreno vendido pela CSN, o GACEMSS iniciou um longo período de estudos, análise de projetos e criação de comissões para viabilizar a construção da sua sede, pois, conforme exigência da Companhia, ao vender o terreno, deveria incluir a construção de um teatro⁷².

Nos idos de 1946, o Clube Círculo Operário de Volta Redonda começou como um barracão de madeira que proporcionava aos trabalhadores lazeres populares como *shows*, peças de teatro e domingueiras dançantes. Em 1948, o Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, mencionado no tópico anterior, seria fundado para atender os funcionários técnicos e de baixa qualificação, onde havia uma estrutura de madeira para promover entretenimento para os funcionários da CSN e que mais tarde também passou a possuir sede própria, através do apoio da usina⁷³.

Seguindo a lógica de construir um espaço para a prática de eventos esportivos e culturais, de acordo com o estabelecido pelo SRO, reservou-se na planta geral da cidade de Volta Redonda, um local para a construção de um terreno plano na Vila Santa Cecília. No ano

⁷²CARVALHO. *Op.cit.*

⁷³Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. *A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: Os Clubes Sociorrecreativos*. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, 18(3), 2015.

de 1951 foi inaugurado o Clube Recreio do Trabalhador, mais tarde chamado Clube Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas⁷⁴.

O Clube tinha como objetivo atender, preservar, recuperar e aumentar a capacidade de produzir do trabalhador, sendo considerado pela Companhia como um importante elemento do programa de assistência social que ela dispensava aos seus empregados e, era destinado somente aos trabalhadores da CSN e suas famílias, aberto a pessoas de fora apenas para visitaçãO (ARAÚJO, 2013, p.116).

Para se associar ao clube, assim como os demais espaços de lazer que possuíam vínculo com a empresa, era descontado um valor no contracheque do trabalhador da CSN, dando direito ao cônjuge e aos seus filhos de usufruir a infraestrutura e as atividades oferecidas⁷⁵.

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, destacavam-se as atividades esportivas, principalmente os esportes coletivos como futebol, basquete e vôlei. Essas modalidades tinham equipes formadas por trabalhadores da CSN que disputavam campeonatos regionais e nacionais. Através das competições, destacavam e divulgavam não somente o Clube, mas também a empresa enquanto exemplo da “família siderúrgica” (ARAÚJO, 2013, p.119).

Já em 1956, o Clube Umarama foi construído exclusivamente para engenheiros, técnicos, supervisores, gerentes e diretores⁷⁶, onde a esmagadora maioria dos operários não entrava e era vedado o acesso de pessoas negras⁷⁷. Em 1965, mesmo ano que o Clube Palmares foi fundado, a CSN cedeu outro terreno a engenheiros, gerentes e diretores da Companhia para a construção da sede social do Clube Laranjal, em um bairro nobre da cidade, e que continha toda uma infraestrutura de piscinas e campos de futebol⁷⁸.

A tabela abaixo demonstra que antes do Clube Palmares, entre os anos de 1940 e 1960, foram criados aproximadamente sete espaços voltados para o lazer cujo terreno seria fornecido

⁷⁴Em sua dissertação de mestrado, Fábio Salgado Araújo se debruçou sobre alguns espaços de lazer de Volta Redonda e dentre esses espaços, ele analisou o RTGV. Sobre isso, ver mais em: ARAÚJO, Fábio Salgado. *O lazer em Volta Redonda-RJ: dos clubes sociorrecreativos vinculados à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) aos novos investimentos esportivos da prefeitura*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2013.

⁷⁵ARAÚJO. *Op.cit.*

⁷⁶Idem.

⁷⁷Trechos retirados do documentário: “*Palmares: o povo negro pode dançar*” de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

⁷⁸ARAÚJO. *Op.cit.*

pela CSN ou que estariam vinculados a ela por serem fundados/frequentados por seus funcionários⁷⁹.

Tabela 1 - Clubes Associativos de Volta Redonda e seus respectivos fundadores (1940-1960)

Clube dos Funcionários da CSN	1942	Demérico Bouéri.
Teatro GACEMSS	1945	Bernardo Paulino de Oliveira Bemfeito.
Clube Círculo Operário de Volta Redonda	1946	Não consta.
Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília	1948	Não consta.
Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas	1951	Não consta.
Clube Umuarama	1956	Não consta.
Clube Laranjal	1965	Não consta.

Fonte: ARAÚJO, Fábio Salgado. *A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: Os Clubes Sociorrecreativos*. LICERE – Revista Do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer; 18 (3), 2015.

Apesar de tantos clubes, os trabalhadores negros da cidade de Volta Redonda tiveram que fundar um espaço próprio. E por que ceder tantos terrenos aos engenheiros e supervisores mediante à quantidade de espaços que já haviam ocupado? Por que proporcionar lazer às pessoas que obviamente não eram alvos da vigilância do Estado? Como mencionado no tópico anterior, João Laureano e Maria da Glória foram à CSN reivindicar por um terreno por acreditarem que, como estes clubes, também mereciam, visto que dois funcionários da Companhia estavam à frente do Clube Palmares, porém não foram atendidos.

Durante a ditadura, o discurso sobre a valorização do lazer ganhou novos significados. É preciso ressaltar que o regime militar abalou e praticamente destruiu o movimento operário brasileiro, mas, a relação entre a Companhia e os clubes-empresa se estreitava cada vez mais

⁷⁹Para este levantamento, utilizei uma tabela dos clubes-empresa de Volta Redonda feita por Fábio Araújo, porém, acrescentei o Clube Palmares e seus fundadores.

ao longo dos anos à medida que eles iam se formando. De acordo com Humberto Inácio, Hermann Muller, José Falcão e Astrid Ávila,

em meados dos anos de 1970 os sindicatos voltaram a se organizar, com uma vasta lista de reivindicações voltadas especialmente para as questões salariais e de direitos trabalhistas e estes sindicatos relegaram o lazer do trabalhador a um segundo plano (INÁCIO; MULLER; FALCÃO; ÁVILA, 2010, p.7).

Na visão destes autores, as atividades de lazer era um tipo de instrumento rápido, barato e eficaz para atenuar conflitos internos e, é neste contexto que surge novas maneiras de reordenar o desenvolvimento do lazer-empresa (INÁCIO; MULLER; FALCÃO; ÁVILA, 2010). De acordo com este novo reordenamento, o Estado assumiria o papel de destaque quando identificou nas atividades desporto-recreativas mecanismos de controle da massa trabalhadora através da Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975, que tratou de incentivar essas atividades e instituir normas gerais sobre a prática desportiva no país e a dividiu em quatro categorias: comunitária, estudantil, militar e classista. No Art.36 da referida Lei, sobre as atribuições do Desporto Classista, ficou estabelecido que “qualquer empresa poderá organizar uma associação desportiva classista, com personalidade jurídica de direito privado, integrada, exclusivamente, pelos seus empregados e dirigentes”⁸⁰.

Porém, como exposto na Tabela 1, os espaços de lazer de Volta Redonda surgiram anos antes da lei citada e já possuíam vínculos com a CSN por causa de seus operários e, aos poucos, a Companhia foi monopolizando os mesmos em troca de vendas de terrenos para sua construção, salvo o Recreio do Trabalhador, que foi criado sob os moldes da Companhia por ter nascido da relação entre a empresa e o Estado para cumprir a função de disciplinar os operários.

No próximo tópico, vamos expor a invisibilidade do Clube Palmares através de análises das colunas sociais do *O Lingote*⁸¹, fazendo uma breve comparação com os eventos que ocorriam nos demais espaços associativos da Cidade do Aço.

⁸⁰Informações retiradas do site do Planalto. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16251.htm#:~:text=LEI%20No%206.251%2C%20DE%208%20DE%20OUTUBRO%20DE%201975.&text=Institui%20normas%20gerais%20sobre%20desportos,Art. Acesso em: 11/10/2023.

⁸¹É de suma importância ressaltar que por se tratar de um periódico institucional, não tomamos como verdade absoluta todas as notícias veiculadas no mesmo.

1.1.3 O lazer em Volta Redonda através das fontes

Dentre as propostas de análise desta pesquisa, como foi discorrido até aqui, está o projeto de exclusão, silenciamento e apagamento da população negra que se empreendeu no Brasil e, principalmente, na cidade de Volta Redonda em todos os âmbitos: social, cultural e econômico. Através da análise do jornal institucional – *O Lingote* – em específico, podemos chegar a uma conclusão de que, para a CSN e para a sociedade no geral que frequentava estes clubes-empresa, o lugar demarcado para os negros de Volta Redonda seria às margens da sociedade.

A criação do periódico em 1953 ia de encontro ao discurso e metodologia de Alexandre Marcondes Filho, Ministro do Trabalho na época, e “deveria funcionar como um meio de comunicação oficial da CSN para com os seus trabalhadores, mostrando a empresa como mãe e evidenciando o Estado como agente do progresso” (SILVA, 2022). Mesmo que não estivesse explícito quem poderia ou não ser parte da “família siderúrgica”, é notório que o operário negro não era incluído neste discurso pois, a cidade de Volta Redonda foi planejada para separar os mais ricos (brancos), dos mais pobres (majoritariamente negros).

O fato é que o Clube Palmares, nesta época, era ativo e bastante conhecido, personalidades importantes do país passaram por lá como o campeão Olímpico de Atletismo Ademar Ferreira da Silva e o sociólogo Edson Carneiro⁸², e ainda assim, o espaço era invisibilizado pela empresa que um dia já foi considerada uma “mãe” para seus funcionários.

Para pensarmos na invisibilidade do Palmares é preciso ressaltar que a realidade da segunda metade do século XX, colocaria o negro pobre, inculto, de gosto vulgar e morador de favela em oposição ao negro não pobre, culto, de bom gosto, morador de bairros de classe média⁸³. Essa elite negra do século XX iria forjar um modo diferente de “ser negro” que não fosse necessariamente apegada as práticas africanas que estavam totalmente desconectadas do seu momento histórico, ou seja, uma forma moderna, no caso em questão, de serem “pretos modernos”⁸⁴.

⁸²Informações retiradas do site do Clube Palmares. Disponível em: <https://www.clubepalmares.org.br/institucional>. Acesso em: 12/10/2023.

⁸³Sobre isso, ver mais em: GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*. Belo Horizonte, 2006.

⁸⁴O termo “elite negra” será usado sempre entre aspas para lembrar a particularidade da expressão. O grupo social objeto deste estudo, é uma parcela da população negra de São Paulo que recebeu esta denominação por se diferenciar da grande massa dos negros de São Paulo. O critério diferenciador não é exatamente o econômico, pois as pessoas deste grupo estiveram longe de serem os detentores dos meios de geração de riqueza da capital, a maioria trabalhava nos setores burocráticos, domésticos e de serviços. A “elite negra” tinha como principal critério diferenciador das massas, o papel intelectual e cultural desempenhado por seus membros que se engajaram em

A “elite negra” procurava, portanto, afirmar-se como negra, mas de forma oposta ao negro pobre dos porões. Procuravam marcar a alteridade e estabelecer suas fronteiras, a partir da afirmação contraditória da condição negra, porém, sob os padrões brancos de conduta social (SILVA apud FERREIRA, 2010, p.9).

Os “negros finos”, nas palavras de Maria Angélica Motta-Maués seriam aqueles que,

promoviam festas e desfiles elegantes, que ensinavam receitas culinárias e se vestiam com tecidos da moda, de acordo com a tendência e a estação do ano. Que elegiam misses da beleza ou da elegância, no mesmo estilo do “café soçaité” carioca – dentro dos seus limites, obviamente – e, mais do que tudo, que se designavam como “elite negra” (MOTTA-MAUÉS, 2009, p.721).

Rita Félix também expôs que é preciso considerar a existência de uma “elite negra” que encontrava resistência no convívio social com a elite branca urbana e se destacava ao galgar seu lugar na dita sociedade que direta e indiretamente negava a interação racial e social (BATISTA, 2015, p. 122-123). Em contribuição a este argumento levantado pela pesquisadora, Roger Bastide partiu do pressuposto de que o chamado “novo negro” seria aquele que ascendeu à classe média e investiu seus esforços para se distanciar da classe baixa, criando para si uma aura de “respeitabilidade” e “honorabilidade” (BASTIDE apud ABREU; XAVIER; MONTEIRO, 2018, p.285). Mas, estar em posição de prestígio não impedia a explicitação de atitudes racistas por parte das pessoas que frequentavam o Clube Náutico, apontado como o espaço que mais reproduziu atitudes discriminatórias.

Ademais, de acordo Thales Azevedo em seus estudos sobre a população negra da Bahia,

os clubes sociais e recreativos seriam o setor de mais difícil acesso às pessoas de pele mais escura. Havia obstáculos à entrada em tais organizações por influência de preconceitos de cor e, simultaneamente, porque as mesmas eram dominadas por famílias tradicionais, que resistiam à admissão de sócios que não fossem do seu grupo social e econômico (AZEVEDO, 1955, p.166).

O Clube Palmares, apesar de permeado por negritudes, buscava alcançar prestígio na cidade sendo composto por uma “elite negra” aos moldes do que foi discutido, promovendo

um projeto sócio-político diverso que pretendia galgar uma ascensão social. Será utilizada também as expressões, “elite de cor”, “escol negro” e “classe de cor”. Sobre isso, ver mais em: FERREIRA, Flávio. *Os “ Pretos Modernos”, um estudo da “Elite Negra” Paulistana e sua atuação na década de 1920.* – UFS, Sergipe, PE, 2010.

eventos em que se usavam roupas estilo *Black Tie* ou *sport* fino, as mulheres com cabelos ornamentados em penteados da época, se assemelhando aos clubes vinculados à CSN, mesmo que esse não fosse o objetivo. Era através da vestimenta que eles expressariam a “dignidade negra”, do espírito que se pretendia fino, elevado e culto, contudo, sem mudar a cor (GIACOMINI, 2006, p.105). Para o historiador Daniel Roche,

a vestimenta tem o poder de passar a relação que cada pessoa tem com a sua comunidade e a “estética do vestir” sempre foi capaz de unir a moral e o consumo, refletindo o imaginário social e os valores que são predominantes em uma sociedade (ROCHE apud PEREIRA, 2017, p.47).

E mesmo a “elite negra” se portando como a elite branca, se vestindo como ela, ou promovendo eventos culturais muito semelhantes, a cor seria uma barreira que impediria o seu reconhecimento. A população negra de Volta Redonda, especificamente, sofria com a invisibilidade da CSN – em que dois dos idealizadores do Palmares trabalhavam e, também, sofriam com a discriminação do clube de funcionários que moravam no acampamento central, onde o próprio Nazário e Laureano também moraram. Talvez seja este um dos motivos da indignação dos entrevistados para com as atitudes preconceituosas do Clube Náutico.

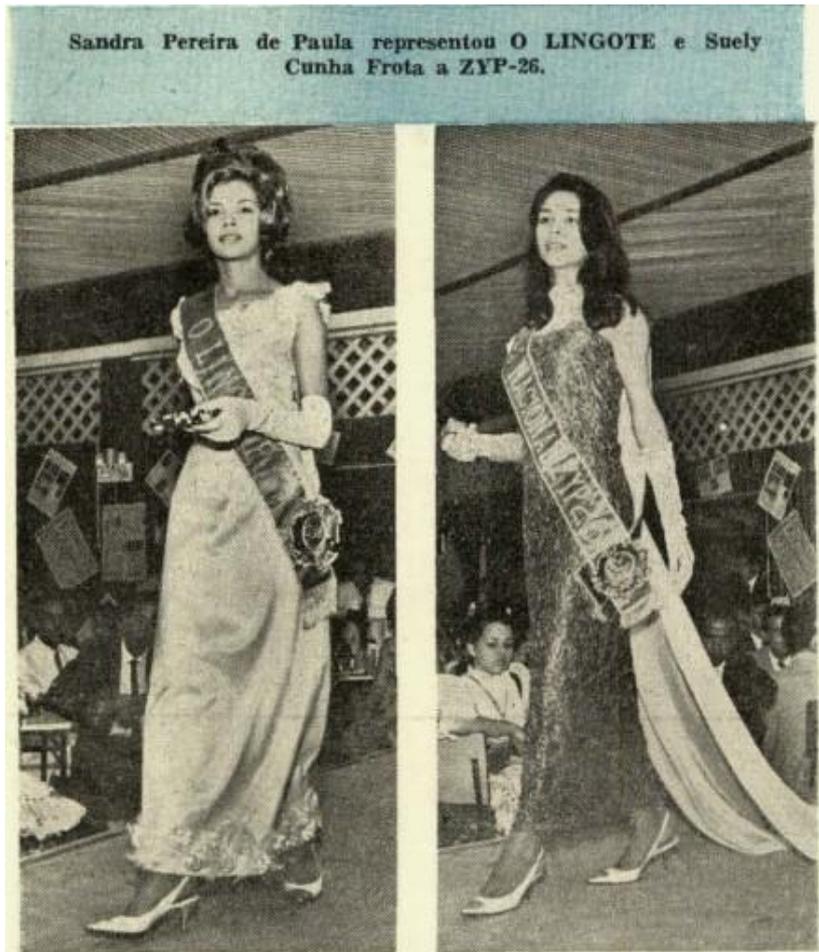
Sobre a questão da invisibilidade, começamos nossa análise pela edição de março de 1965, ano que o Clube Palmares foi criado. *O Lingote* noticiou em sua coluna social sobre o Carnaval nos clubes de Volta Redonda – Náutico, Aero Clube, Comercial, Umuarama e Funcionários, além de festejos do “1º Ano da Revolução” com desfile e Marcha da Liberdade. Já em outubro do mesmo ano, aconteceu o “Baile de Debutantes”⁸⁵, uma homenagem às debutantes de Volta Redonda oferecida pelo Clube dos Funcionários, cuja patronesse era a senhora Adelaide Faria Pinto da Veiga, esposa do então presidente da CSN, o general Oswaldo Pinto da Veiga.

Em 1966, o Clube Náutico Recreativo Santa Cecília coroou a “Rainha da Imprensa” (Figura 5), e quem recebeu o título foi a candidata Wilma Gomes da Rocha, representante da revista “Clã” do Clube dos Funcionários, com 192 votos. A coroação foi feita em grande baile e ainda contou com a participação de Suely Cunha Frota, representante da Rádio Siderúrgica Nacional; Sandra Pereira de Paula representante do *O Lingote*; Wanda Costa Pereira

⁸⁵Os bailes de debutantes promovidos por clubes sociais durante esse período eram considerados um evento que marcava o rito de passagem das adolescentes para a vida adulta. Esse era o momento em que se apresentavam a jovem para sociedade. Podendo depois do evento, participar de ocasiões sociais vestindo-se de forma mais adulta, esse baile ainda tinha a intenção de atrair futuros pretendes para jovem debutante. FEIO, Steffani Gabrielle de Andrade. *O Grande Baile: O significado do baile de debutantes para jovens belenenses*. - Pará, Belém, 2017.

representante da Rádio Sul-Fluminense; Darcy Reis Barbosa representando o jornal *O Sul do Estado*; Edelzia Pereira Lima Resende representando o jornal *Sul Fluminense*; e Suely Hermanson representante da revista “Cineminha”.

Figura 5 - “Rainha da Imprensa de 1966”. À esquerda, a candidata Sandra Pereira de Paula, representando *O Lingote*. À direita, a candidata Suely Hermanson representante da revista “Cineminha”.



Fonte: Jornal *O Lingote*, Rio de Janeiro, janeiro de 1967, nº 190. Volta Redonda, RJ.

Em outra edição, de novembro e dezembro de 1967, o Clube Náutico fez outra festa para a Imprensa chamada de “Baile da Imprensa” e houve coroação de “Miss Imprensa” (Figura 6).

Figura 6 – “Náutico Faz Festa Para a Imprensa”.

Candidatas da esquerda para a direita: Nádia Nolasco (representante de O Lingote), Magda Nolasco (representante da Revista “Clã”) e Márcia Helena de Carvalho (pela Rádio Siderúrgica Nacional).



Fonte: Jornal *O Lingote*. Novembro e dezembro de 1967, nº198, p. 9. Volta Redonda, RJ.

No mesmo ano, o Clube Palmares também estava realizando um concurso de miss, como mostra a imagem (Figura 7), mas não foi encontrado nenhum tipo de divulgação no periódico da empresa. Além dos concursos para as jovens moças, também havia concurso de “Mini Rainha Palmares”, voltado para o público infantil (Figura 8).

Figura 7 - “Eleição *Miss Colored* 1967”. À mesa, Maria da Glória junto à diretoria da Associação Renovadora dos Homens de Cor do Brasil – São Paulo.



Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda, RJ.

Figura 8 – “Concurso Mini Rainha Palmares”.



Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda, RJ.

Não sabemos as razões exatas que levaram os fundadores e associados do Clube Palmares a organizar concursos de beleza, mas, é possível que esses eventos fossem oferecidos por motivos como: incluir as mulheres de suas famílias – mãe, filhas, esposa, sogra; e trabalhar a autoestima das meninas desde cedo com os concursos de mini-rainha. Vamos debater melhor sobre este assunto no próximo capítulo. Se havia crianças participando dos eventos, conseqüentemente havia a presença de famílias no Palmares e, de acordo com João Laureano,

havia uma carência muito grande, principalmente das famílias, das filhas, as moças. Nós, rapazes, ainda íamos aos bailes que eles ainda chamam de gafeira. Os pais de família, as moças não tinham para onde ir⁸⁶.

E Eunice completou através de uma reflexão: “nós estamos aqui, batendo um papo na praça. E as famílias? Quem tem filho vai para onde?”⁸⁷. A elite negra organizada que frequentaria esses eventos se aproximava dos padrões das famílias brancas de classe média e, o uso do termo “família” – podemos remeter até mesmo ao termo “família siderúrgica” – tinha referência a um setor privilegiado que se identificava como a “sociedade respeitável” (aspas minhas). Segundo Caulfield, “a ‘família’ se constituía como um sistema simbólico de comportamentos que seriam adequados para se viver em uma sociedade moderna e civilizada” (CAULFIELD apud PEREIRA, 2017, p.41). Giacomini explica que, “é como se a simples presença de famílias estáveis, estruturadas segundo o dominante modelo conjugal monogâmico da família restringida, conferisse ao grupo um atributo de distinção” (GIACOMINI, 2006, p.56).

⁸⁶Trecho retirado do documentário “*Palmares: o povo negro pode dançar*” de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

⁸⁷Idem.

Figura 9 – “Baile Mensal”.



Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda, RJ.

Com relação a divulgação do Clube Palmares, localizamos apenas duas edições em que seu nome foi mencionado, mesmo depois de anos de sua fundação. A primeira, na edição de fevereiro de 1967, ano que ocorreu o “Almoço da Amizade”, encontro de confraternização realizado no Dia de Reis para funcionários e ex-funcionários da CSN e que teve a presença do Coral Palmares como presença cultural (Figura 10). Essa mesma edição de 1967 trazia uma coluna com título “Vida Social nos Clubes: Funcionários, Náutico e Umuarama”, noticiando sobre os eventos que estavam acontecendo nesses espaços. Ressaltando que os eventos do Clube Palmares não estavam sendo publicados nestas colunas.

Figura 10 – “Almôço da Amizade”.

Coral Palmares da Igreja N.S da Conceição sob a regência de Jorge Timóteo.



Fonte: Jornal *O Lingote*. Janeiro e fevereiro de 1967, nº199, p.4. Volta Redonda, RJ.

A segunda e última vez que o clube apareceu foi na edição de janeiro e fevereiro de 1969, quando o embaixador do Senegal, o senhor Henri A. Senghor visitou a cidade para importação de trilhos e proferiu discurso dizendo: “Esta usina siderúrgica de Volta Redonda trabalha, agora, para outra abolição, que atinge a todos nós, a emancipação sócio-econômica desta nação-continente” (Figura 11). O embaixador ainda foi recepcionado no Hotel Bela Vista por várias pessoas, dentre elas, os diretores do Clube Palmares: o engenheiro Nazário dos Santos Dias, Sebastião Marcelino, Lúcio Andrade e Sigero do Patrocínio.

Figura 11 – “Embaixador do Senegal: VR é outra abolição”. O Cel. Antônio Carlos Gonçalves Penna e elementos de sua equipe prestaram detalhadas informações ao Embaixador Senghor, durante toda a visita, em Volta Redonda.



Fonte: Jornal *O Lingote*. Janeiro e fevereiro de 1969, nº205, p.4. Volta Redonda, RJ.

Enquanto no *O Lingote* eram raras as menções sobre o Palmares, no jornal *O Fluminense* de Niterói, Rio de Janeiro, nos primeiros anos da década de 1970, havia edições que traziam colunas sociais e os eventos que estavam para acontecer pelas cidades do Estado, e os clubes de Volta Redonda, incluindo o Clube Palmares, também tinham seus eventos divulgados⁸⁸.

Em maio de 1973, além de noticiar o evento “As Belas e as Feras – Miss Beleza da Cidade do Aço” no Recreio do Trabalhador Getúlio Vargas, na coluna “Pelos Clubes” havia também o evento da semana que seria realizado no Clube Palmares e lia-se o seguinte: “No dia 11 de maio, o Clube dos Palmares estará promovendo o “Baile da Abolição” com início previsto às 23 horas. Para o dia 15, “Dia das Mães”, o clube programou uma Sessão Cultural a partir das 18 horas”. No dia que iria acontecer o “Baile da Abolição” no Clube Palmares, “O Fluminense” trouxe a programação completa sobre o evento: “Será hoje, às 23 horas o ‘Baile da Abolição’ com o conjunto ‘Os Labaredas’ e no domingo, haverá uma sessão cultural com a participação do ‘Coral Palmares’”.

⁸⁸O jornal *O Fluminense* de Niterói é utilizado aqui como uma fonte de pesquisa dos eventos econômico-industriais no estado do Rio de Janeiro, no caso Volta Redonda. A escolha deste periódico em específico é devido à cobertura dos eventos que aconteciam no Clube Palmares, tendo em vista a escassez de folhetins que mencionaram o clube durante o período analisado.

A tabela abaixo demonstra de forma mais específica a quantidade de vezes que o Clube Palmares foi mencionado pelo periódico da empresa em que dois de seus fundadores eram funcionários, em comparação aos outros clubes da cidade, evidenciando a invisibilidade da população negra por parte da CSN.

Tabela 2- Clubes Sociais de Volta Redonda mencionados pelo Jornal *O Lingote* (1960-1970)

1964	Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, Clube Umuarama, Clube dos Funcionários da CSN.
1965	Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, Aero Clube, Clube Comercial, Clube Umuarama, Clube dos Funcionários.
1966	Clube dos Funcionários da CSN, Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, Recreio do Trabalhador.
1967	Clube Palmares, Clube dos Funcionários da CSN, Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, Clube Umuarama.
1969	Clube Palmares.
1970	Recreio do Trabalhador.
1972	Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília.

Fonte: Jornal *O Lingote*, Volta Redonda – RJ.

Através das falas de João Laureano e Eunice, esposa de Nazário, expostas ao longo deste capítulo, é possível antever que, para além de um racismo estrutural, a população negra de Volta Redonda também sofria com o racismo institucional. Estrutural por ser impedida de frequentar determinados clubes da cidade por causa da cor da pele, ocasionando na discriminação racial; institucional porque, além de João Laureano e Maria da Glória ser acusados de fundar um clube racista quando tentou adquirir um terreno junto à CSN para construir o Clube Palmares, o espaço que formaram por conta própria foi invisibilizado pela Companhia, como podemos notas nas fontes analisadas.

Capítulo 2 Um Palmares na Cidade do Aço – Representatividade e Resistência

2.1 O Associativismo Negro no Vale do Paraíba

O Clube Palmares, no período que estamos analisando, se comprometeu a atuar como um espaço de entretenimento e formação, não era apenas um clube dançante. O próprio fundador do local, o senhor João Laureano, tinha esta visão sobre a função do clube: “para ele o objetivo do Palmares era integrar o negro na sociedade, não havia objetivo político, a questão do Clube era estritamente social” (SILVA, L. 2022, p.267). A partir desta premissa, para compreender o sentido de Associativismo e as diferenças e semelhanças com o conceito de Movimentos Sociais, posteriormente, precisamos recordar alguns acontecimentos importantes do país em paralelo à formação destes locais.

Como estamos trabalhando com o período de 1960 e meados de 1970, falaremos especificamente do “milagre econômico”, nome dado à política implantada no governo de Castelo Branco entre 1964-1966 e, direcionada por Otávio Gouveia de Bulhões e Roberto de Oliveira Campos, respectivamente ministros da Fazenda e do Planejamento. Esta política econômica visava aumentar o investimento em setores diversificados, valorizar o setor privado diminuindo o papel do setor público e expandir o comércio exterior elevando a taxa da oferta de emprego⁸⁹. Nas palavras de Lélia González seria “o casamento entre estado militar, as multinacionais e o grande empresariado nacional onde as massas ficariam completamente excluídas da partilha do bolo do ‘milagre’” (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.12.). E massa, refere-se ao grande contingente de negros.

Com o *boom* das multinacionais diante da desvalorização do setor público durante este período, os negros que trabalhavam em pequenas empresas, posto que perderam seus empregos no campo, migraram para as cidades que cresciam cada vez mais. Afinal de contas, o setor agrário não era o principal objetivo do governo de 1967 a 1973 e sim, o aumento da industrialização pesada na área urbana⁹⁰.

González assinalou que “o setor de prestação de serviços de atividades menos qualificadas como: limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança e transportes urbanos, foram os lugares onde era mais provável encontrar um trabalhador negro”

⁸⁹Mais informações em: LAGO, Luis Aranha Correia do. *O Milagre Econômico Brasileiro*. CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>. Acessado em: 17/10/2020.

⁹⁰Idem.

(GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p.12). Para complementar, Abdias Nascimento apontou que,

a realidade dos afro-brasileiros é aquela de suportar uma tão efetiva discriminação que, mesmo onde constituem a maioria da população, existem como minoria econômica, cultural e nos negócios políticos; enquanto a categoria dos brancos empregadores tem o comando dos meios de produção, do mercado, dos recursos financeiros, enfim detém nas mãos a economia do estado em todo seu peso e extensão (NASCIMENTO, 1978, p.83).

Na cidade de Volta Redonda, a CSN separou os ricos e os pobres, os negros e os brancos, mas, a segregação ia muito além do espaço da fábrica e da distribuição de moradias entre cidade nova e cidade velha, como vínhamos debatendo até aqui. Ao abordar a situação econômica da população negra durante o referido “milagre”, é possível perceber através da fala de González que

o lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento [...]. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...]. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p15).

É por essas razões que precisamos pensar o Clube Palmares como um espaço associativo negro que, ao longo do tempo se transformaria em movimento negro, ou seja, é necessário discutir os principais objetivos da comunidade negra, em geral, que passou por um processo não apenas de exclusão social, mas de apagamento histórico e cultural ao longo dos anos e se viu diante de situações em que se fez necessário criarem uma rede de apoio para reivindicar por seus direitos.

Em primeiro lugar, muitos estudos apontam uma dificuldade em definir o associativismo negro, pois, de acordo com Jonatas Ribeiro, “sua definição é elástica e está ligada a determinantes, como tempo e espaço” (RIBEIRO, 2018, p.55). Mas, como veremos a seguir, o Associativismo no século XX pode ser considerado como um dos responsáveis por despertar a organização negra, evidenciando a busca desses protagonistas por um lugar respeitado na sociedade em que viviam e cujos seus descendentes ainda vivem. Para Petrônio Domingues,

o conjunto dessas experiências constitui o “associativismo negro”, que consiste na articulação de mulheres e homens africanos e seus descendentes em torno de uma atividade ou instituição no espaço público, tendo em vista o fazer coletivo em nome do grupo que procuram representar. Surgiu e se desenvolveu ainda no período escravista, tendo adquirido novas configurações, dimensões e capilaridade no decurso do pós-abolição (DOMINGUES, 2023, p.3).

A historiadora Fernanda Silva, que teve como objeto de pesquisa o associativismo negro em Pelotas, Rio Grande do Sul, expôs que,

os anos 30 no Brasil representaram um marco para o associativismo negro, pois ainda que esses espaços fossem voltados para o lazer, incluiu em suas atividades a preocupação com a situação social dos negros durante esse período. Os negros buscaram assim possibilidades de estarem entre os *seus* em princípio não referenciando espaços físicos determinados. Buscava-se então conviver com os seus comuns, os quais apresentassem *costumes em comum* ou objetivos semelhantes, a fim de manterem laços de identidade com os *seus* (SILVA, 2011, p.31).

Ao longo do tempo, os Clubes Sociais Negros constituíram-se como lugares de negros empoderados pela mobilidade social proporcionada pelo trabalho remunerado e, seriam considerados espaços exclusivos para a prática do associativismo negro. O termo é contemporâneo e, foi elaborado por Oliveira Silveira⁹¹ e os integrantes da Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros dos Estados do RS, SC, SP, RJ e MG, onde ficou definido que

os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio⁹².

⁹¹Oliveira Ferreira Silveira, poeta negro brasileiro, nascido em 1941, na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Graduado em Letras - Português e Francês com as respectivas literaturas – pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Ativista do Movimento Negro, idealizador do “20 de novembro” como Dia Nacional da Consciência Negra e idealizador do Movimento Clubista.

⁹²Sobre isso, ver mais em: Ata da Reunião da Comissão Nacional de 29 de fevereiro de 2008. Disponível em: <https://clubesnegrosbr.blogspot.com/>. Acesso em: 22/11/2023.

A pesquisadora Giane Escobar chegou a fazer um levantamento de Clubes Negros no Rio Grande do Sul que surgiram exatamente no período em que esta dissertação está analisando e, segundo ela,

Silveira (2008) chama a atenção para as datas de fundação dos Clubes Sociais Negros, pois elas evidenciam que essa forma associativa corresponde a uma necessidade continuada, presente em diferentes períodos: há clubes relativamente novos, como a Sociedade Cultural e Beneficente Rui Barbosa, de Canoas – RS, de 1968; a Sociedade Recreativa Harmonia de Caçapava do Sul – RS, de 1971, o Clube Palmares de Volta Redonda – RJ, de 1965, um clube jovem com o nome Zumbi dos Palmares, fruto do movimento relativamente recente de consciência negra (ESCOBAR, 2010, p.62).

E a necessidade na qual Oliveira Silveira (2008) se refere é a de reagir contra o racismo presente na sociedade que impedia a população negra de adentrar determinados espaços de lazer, e isso fica explícito no discurso para se criar estas entidades. Porém, Domingues discorda em partes desta afirmação feita por Oliveira Silveira e assinalou:

entende-se que a necessidade de reagir ao “preconceito de cor” foi uma das principais causas para a emergência do associativismo negro. No entanto, esse fazer coletivo não teve apenas um caráter reativo. Isto é, posicionar-se contra a discriminação racial não foi a única motivação que levou a população negra a investir no associativismo. Também havia a expectativa de autonomia, para não dizer autodeterminação, de viver por si como forma de solidariedade social semelhante à experiência de outros grupos étnicos (DOMINGUES, 2023, p.3).

Outra pesquisadora que debruçou suas análises nas diferentes formas de organização e resistência da população negra do Rio Grande do Sul durante os anos de 1970, foi Isadora dos Santos e, ao contrário de Escobar, ela foi um pouco mais específica e buscou compreender o processo de formação dos Centros de Tradições Gaúchas Negros – CTG'S Negros, uma espécie de entidade que podia ser lida, também, como Clube Social Negro⁹³. Para Santos, “os Clubes Sociais Negros no Rio Grande do Sul, a exemplo dos CTG's Negros, têm origem na segregação racial, onde a discriminação, o racismo e o preconceito impediam o direito à permanência dos negros nos mesmos espaços recreativos que os brancos” (SANTOS, 2022, p. 32).

⁹³Sobre isso, ver mais em: SANTOS, Isadora Bispo dos. *Negrosul: Centro de Tradições Gaúchas na contramão do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro*. Santa Maria, RS, 2022.

As motivações para se formar estes espaços é bem semelhante à do nosso objeto porque, “ao povo negro do Rio Grande do Sul não era dado o direito de usufruir dos espaços hegemonicamente brancos nas esferas do CTG’s, gerando a reação de resistir e criar suas próprias entidades, o CTG’s Negros” (SANTOS, 2022, p.33). Por exemplo, ao apresentar a história do CTG Clareira da Mata, Santos expôs que o mesmo “teve sua idealização em 1970 com o Sr. Elio Lopes, pois este, pelo fato de ser negro, não podia frequentar os bailes e festas promovidas pelos CTG’s do município”⁹⁴. O segundo CTG analisado pela pesquisadora e que, também, se assemelha à experiência vivida pelos idealizadores do Palmares foi o Ronda Crioula, fundado no ano de 1979, como uma resposta à discriminação racial sofrida por um dos idealizadores por parte de um espaço onde aconteciam alguns bailes⁹⁵. O mesmo caso de João Laureano e Nazário Dias, em que ambos foram barrados do Clube Náutico, em Volta Redonda, décadas antes.

Arthur Ramos, que se propôs a estudar a população negra na civilização brasileira, expôs que o desequilíbrio quantitativo demográfico de negros e brancos foi um fator determinante para o desenvolvimento associativo⁹⁶. Em suas análises, São Paulo e Rio Grande do Sul, por exemplo, seriam os lugares onde haveria maior opressão sobre a população minoritária negra, por apresentarem predominância da população branca⁹⁷. Ao contrário do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, onde Ramos acreditava que os negros teriam passado um processo de assimilação pela ausência de desequilíbrio entre os brancos⁹⁸.

Nestes casos, a historiadora Alessandra Barbosa apontou que o silenciamento da cor⁹⁹ em muitos espaços associativos seria como uma estratégia diante da exclusão caracterizada pelo racismo (BARBOSA, 2018). A pesquisadora continuou argumentando que o silenciamento

pode ter sido um caminho consciente que determinados grupos produziram nos anos seguintes após a assinatura da lei de abolição da escravatura e que persistiu como estratégia posterior, uma vez que o racismo continuou e continua promovendo a exclusão social feita pela cor da pele. A própria lógica da exclusão social feita pela cor, já é um motivo para os grupos formados por pessoas negras não construírem discursos ressaltando as

⁹⁴SANTOS. *Op.cit.*

⁹⁵Idem.

⁹⁶Sobre isso, ver mais em: BARBOSA, Alessandra Tavares de Souza Pessanha. *A Escola de Samba “Tira Negro do Local da Informalidade”*: Agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940). Rio de Janeiro, 2018.

⁹⁷Idem.

⁹⁸Idem.

⁹⁹Alessandra Barbosa faz referência à obra de Hebe Mattos, *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista, Brasil século XX*. Rio de Janeiro, 1995.

características de seus integrantes, mas aquilo que se colocaria como “positivo” naquela sociedade (BARBOSA, 2018, p.162).

As observações feitas por Barbosa abrem precedentes para citarmos os integrantes do Clube Palmares como uma exceção à regra, pois, mesmo deixando explícito que o objetivo do local era *incluir* a população negra que sofria com a exclusão social na cidade, eles se firmaram como um clube sem silenciar a sua cor. E, contrapondo o que disse Arthur Ramos sobre a ausência de desequilíbrio entre negros e brancos no Rio de Janeiro, podemos reafirmar que durante a construção da CSN e, posteriormente, com o fim das suas obras, os negros constituíram a maioria da mão de obra e, mesmo que alguns ascendessem socialmente ao ocupar um cargo mais alto, representavam a minoria de direitos básicos como o lazer, fazendo com que um grupo começasse a pensar em formas de acolher os seus semelhantes.

A partir da organização dos palmarinos neste período, analisemos a seguir as rupturas e permanências entre os conceitos de Associativismo e de Movimentos Sociais e, sua atuação na cidade de Volta Redonda, que é popularmente conhecida por sua luta sindical e até mesmo pela atuação da Igreja Católica na defesa por direitos civis, fazendo com que a atuação da população negra acabasse sendo pouco explorada pela historiografia.

2.1.1 A participação feminina no Clube Palmares

O Clube Palmares, como apontado no capítulo anterior, contava com uma forte presença feminina exercendo determinadas funções, a começar pelas sócio-fundadoras. Para fazer este levantamento, nos baseamos em duas listas: a lista de Relação de Associados Contribuintes do Clube Palmares – Participantes, em que constava somente a matrícula CP (Clube Palmares) dos sócios-fundadores e a Relação de Associados Contribuintes do Clube Palmares, em que o associado era identificado com a matrícula CP e a matrícula da CSN.

De acordo com a primeira lista de Associados Contribuintes (Figura 12), além do nome de Maria da Glória, ou somente *Dagó* (Figura 13), como foi apelidada, havia mais onze nomes de mulheres que compunham a lista de sócio-fundadores do clube, com suas respectivas matrículas (CP). Apesar de também ser considerada uma sócio-fundadora, o nome de dona

Eunice Nazário não apareceu nesta listagem. É possível notar, também, que o Coral Palmares era composto majoritariamente por mulheres e não somente mulheres negras (Figura 14)¹⁰⁰.

Figura 12 - Relação dos Associados Contribuintes do Clube Palmares (Participantes).

CP;	NOME
002	Lucio Andrade
008	Maria da Glória de Oliveira
008	José Gonçalves Dias
011	Aristides Caldas de Rezende
018	Procedirio Pereira
019	José Rosa da Silveira
022	Raimundo Otávio dos Santos
032	José Geraldo da Silva
034	José Clarindo Laureano
057	Raimundo Nonato Almeida
063	Jorge Lima do Carmo
067	José de Souza
081	José Dionízio Alves
163	Mário da Aparecida Padilha
179	Waldir do Espírito Santos
190	Luiz Afonso de Souza
199	Ranulfo Gonzaga
223	Sebastião Manoel da Silva
232	João Sabino
237	Carlos Adilson da Silva
252	Milton Antonio da Silva
263	José Valentim das Neves
265	Joaquim Francisco Filho
269	Marlene Dias Belbino
278	Osmar Francisco de Oliveira
292	Nelson Thomé Vieira
301	Pedro Paulo Cassiano do Carmo
305	Walmir Irineu
309	Sebastião Francelino
312	Benedito dos Santos
323	João José Euziário Júnior
325	Antonio Ollito da Silva
329	Maria Aparecida Sebino
350	Dionízio Manoel Sobrinho
353	Clarisse Guilherme Silva
359	Lina da Silva
377	Hilóito Fari

Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda, RJ

¹⁰⁰A nossa análise compreende os aspectos gerais destes eventos, pois, não foi possível localizar as meninas/mulheres que participaram dos concursos, para contar suas experiências.

Figura 13 - Da esquerda para a direita: Maria da Glória, Marlene Balbino e Cléia Lúcia de Paula.



Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda, RJ.

Figura 14 – Coral Palmares.



Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João, Volta Redonda, RJ

Através de uma fala de Eunice, analisada no capítulo anterior, percebemos a sua preocupação em se criar um espaço que atendesse principalmente mulheres negras com filhos que, devido à discriminação não tinham muitos lugares onde pudessem levar suas crianças. O senhor João Laureano, assim como a dona Eunice, também chegou a presenciar um episódio de discriminação contra duas mulheres negras mas não ficou explícito qual clube ele estava se referindo (provavelmente era o Clube Náutico) e relatou o seguinte:

Tinha duas meninas de Barra do Pirai [cidade ao lado] e elas frequentavam a casa dos tios delas lá na São João [rua] mas para entrar no clube tinha que ser dependente de alguém, então elas ficaram como minhas dependentes [...]. Num determinado dia eu chego na portaria e eles não deixaram as meninas entrar. [...] ‘O que houve? Não, elas não podem entrar’. Eu não entrei pois eu estava com elas, no domingo seguinte eu voltei sozinho [...] e na portaria disseram que eu falei que lá tinha preconceito e lá não tinha preconceito (SILVA, L. 2022, p.256).

Na época era muito comum que as mulheres e seus filhos frequentassem os clubes associativos como dependentes dos associados, incluindo o Clube Palmares. Entretanto, de acordo com a sua lista da Relação dos Associados Contribuintes (Figura 15), em um total de 370 sócios, na década de 1960, 20 contribuintes eram mulheres. Uma quantia razoavelmente baixa se compararmos ao número expressivo de homens, porém, através desta informação,

chamamos a atenção para as mulheres que não eram sócio-fundadoras e que, aparentemente, tinham poder aquisitivo para contribuir financeiramente com o clube.

No momento de sua fundação, o Clube Palmares identificava as pessoas no documento citado acima com a própria matrícula CP e a matrícula da CSN, caso houvesse. Não por acaso, localizamos algumas mulheres identificadas desta forma, por exemplo: Izabel Rosa da Silva, CP – 315, Matrícula – 677; e Cecília Lima da Silva, CP – 365, Matrícula – 17665. Também havia mulheres identificadas apenas com a matrícula do clube como a *Dagó*, que era professora e não possuía vínculo com a Companhia e, as demais sócio-fundadoras do clube.

Figura 15 - Relação dos Associados e Contribuintes do Clube Palmares.



CLUBE PALMARES

Considerado de Utilidade Pública Estadual: Lei 5599, de 16/10/66
Considerado de Utilidade Pública Municipal: Deliberação n.º 796, Boletim 52/66

SEDE ADMINISTRATIVA:
RUA 25 - A N.º 81 - SALA 316 - 3.º ANDAR - EDIF. JUSTINA MOLICA
VOLTA REDONDA -:- ESTADO DO RIO

RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS CONTRIBUINTES DO CLUBE PALMARES

CP-	Matrícula	Nome
266	66	Antonio R. de Souza
424	165	Manoel Santos Dias
174	176	Sígero do Patrocínio
335	300	João Marques Sobrinho
253	302	Djalma de Assis Melo
406	504	Paulo Nogueira
41	603	Joaquim Antonio da Silva
315	677	Izabel Rosa da Silva
76	916	Sebastião Godofredo
341	1116	Therézinha Santos Dias
235	1344	Decilides Antonio
215	1429	Luiz Fernando de Araujo
65	1441	Hélio Magalhães
332	1482	Hiderval Santos da Rosa
103	1526	Benedito Vitor
224	1594	José Arlindo dos Santos
334	1672	Orlando Joaquim
371	1639	José Gomes de Souza
95	1921	Antonio Albano
457	1954	Miguel das Dóres Costa
133	1991	Carlos Augusto de Lenc
25	2011	Jorge Leonardo Cernago
119	2091	Geraldo Patrício Filho
330	2243	Roberto Silva
20	2308	Jorge Timóteo
101	2309	Astrogildo Izabel
335	2339	Salvador de Sena
28	2371	Hélio Manoel
46	2490	Rosário Barbosa
230	2633	Manoel Více de Paula
465	2710	Fernando dos Santos
51	2839	João Antonio de Oliveira Filho
56	2842	Hélio de Souza

Fonte: Centro de Documentação Edson Daniel João. Volta Redonda, RJ.

Apesar de contribuir financeiramente e participar de forma ativa dos eventos, não localizamos nenhuma mulher concorrendo nas chapas para constituir o Conselho Deliberativo

do Clube Palmares. De acordo com a própria documentação, do ano de 1969, o objetivo principal da Assembleia Geral era julgar as decisões de todos os poderes do Clube e eleger os membros do Conselho Deliberativo e seus suplentes. Ou seja, é notório que fazer parte do Conselho era algo de extrema importância e não havia mulheres participando de um cargo importante como este.

Não se sabe quais eram os cargos ocupados pela ala feminina do Clube Palmares que era identificada com a matrícula da CSN, mas, a hipótese que podemos levantar é de que algumas mulheres negras estavam de alguma forma dentro da Companhia, frequentando e ajudando a manter o Clube Palmares e, isto reforça a teoria de que esse espaço era permeado por diferentes negritudes que possuíam determinado poder aquisitivo, mas, devido ao racismo, não podiam adentrar outros espaços associativos.

De acordo com análises dos Censos de 1960, 1970 e 1980, Flávia Rios e Márcia Lima perceberam uma carência de dados capazes de fornecer indicadores sociais básicos relativos à educação e ao setor da atividade econômica da mulher negra no Brasil. As autoras pontuaram que,

o censo de 1960 conserva o quesito cor apenas no sentido de avaliar sua distribuição pelos estados brasileiros, fato que de nada nos adianta para uma informação precisa sobre a situação da mulher negra na força de trabalho. Já o Censo de 1970 acaba por excluir esse quesito. A justificativa dada se refere a dificuldades de ordem técnica, por exemplo: como decidir o que vem a ser preto, pardo ou branco em regiões tão diferentes como Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul? (RIOS; LIMA, 2020, p.33).

As mesmas autoras finalizaram ressaltando que

por maiores que fossem estas dificuldades de ordem técnica existentes, não se deve permanecer na ignorância de dados quantitativos que permitam melhores informações a respeito da população negra em nosso país. Estas alegações só serviam para esconder a situação de miséria e desamparo, além do interesse em comprovar a inexistência da discriminação racial no Brasil (RIOS; LIMA, 2020, p.33-34).

Os dados referentes a este período específico da história do Brasil são escassos, porém, há um movimento de mulheres negras que vem fazendo um trabalho de resgate destas informações, como a precursora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, Sueli Carneiro, que fez uma análise sobre como o movimento de mulheres está expondo a distância que separa

negros e brancos, de modo geral, no mercado de trabalho. Inicialmente, é importante salientar que a filósofa não desconsidera

os ganhos obtidos pela luta feminista no mercado de trabalho, mas, as propostas universalistas da luta das mulheres não só mostram a sua fragilidade, como a impossibilidade de as reivindicações que daí advém, tornarem-se viáveis para enfrentar as especificidades do racismo brasileiro (CARNEIRO, 2003, p.120-121).

E é mediante as estas propostas universalistas que as mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro sentiram a necessidade de “enegrecer o feminismo”¹⁰¹. O tipo de opressão à qual a mulher branca sofria/sofre sempre foi diferente dos tipos de opressão vividos por mulheres negras e indígenas. São demandas que “não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso” (CARNEIRO, 2003, p.119).

A saber, o Movimento Negro lutava em defesa do direito de toda a população afro-brasileira, mas, sem tratar da questão do gênero. As pautas eram estabelecidas a partir da vivência do homem negro, fazendo com que as mulheres negras não tivessem tanto destaque, à exceção de Lélia González e Beatriz Nascimento, que já vinham pensando sobre o assunto. Utilizando novamente as análises de Rios e Lima,

a presença feminina dentro dos movimentos negros, contribuiu significativamente para a formação dos primeiros grupos organizados por mulheres, a fim de se tornar um espaço para discutir estas e outras questões como o seu cotidiano, marcado pela exploração e pela discriminação racial, além do machismo de homens brancos e negros. Nesse sentido, o feminismo negro possuía sua diferença específica em face do ocidental: a solidariedade, fundada numa experiência histórica comum (RIOS; LIMA, 2020, p.93).

O feminismo negro no Brasil só se efetivou anos mais tarde, quando houve um maior engajamento das mulheres negras nas lutas empreendidas pelo Movimento Negro e Movimentos de Mulheres nos planos nacional e internacional e entre as principais críticas que a ação política das mulheres negras introduziu no feminismo estão

¹⁰¹Expressão citada por Sueli Carneiro para assinalar a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista e, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em Movimento*. Estudos Avançados 17 (49), 2003.

o viés eurocentrista do feminismo brasileiro, ao omitir a centralidade da questão da raça e ao universalizar os valores da cultura ocidental para o conjunto das mulheres e, o distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar toda uma história de resistências e lutas (GONZÁLEZ apud CARNEIRO, 2003).

A pesquisadora Luiza Helena de Bairros explicou, de forma ampla, que o uso do conceito de “mulher”

traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico, como a construção social de gênero. Entretanto, a reinvenção da categoria *mulher* frequentemente utiliza estereótipos criados pela opressão patriarcal como forma de lidar com os papéis de gênero. [...] Dessa perspectiva, a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que, no entanto, fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais (BAIRROS, 1995, p.459).

E para definir “opressão”, Bairros apontou que “o feminismo lança mão do conceito ‘experiência’, segundo o qual, opressiva seria qualquer situação que a mulher defina como tal, independentemente de tempo, região, raça ou classe social” (BAIRROS, 1995, p.459). A opressão da mulher negra também pode ser analisada através do conceito de paradigma interseccional de Kimberlé Crenshaw que, apesar de ser posterior ao período de nossa análise, se faz necessário utilizá-lo para conseguirmos entender como a opressão atravessou – e atravessa – as mulheres negras na sociedade.

A defensora dos direitos civis norte-americanos, ao fazer críticas ao universalismo da Declaração dos Direitos Humanos apontou que neste documento, “a discriminação racial que se assemelhava à negação da cidadania plena, do tipo apartheid, foram enquadrados nos parâmetros prevaletentes dos direitos humanos” (CRENSHAW, 2002, p.) e que por isso, haveria a necessidade de desenvolver outros tipos de análise que pudessem tratar das dimensões de gênero e raça.

As análises de Crenshaw ainda reforçam que todas as mulheres estão sujeitas ao peso da discriminação de gênero, mas, “outros fatores relacionados às suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, entre outros, são diferenças que fazem diferença” (CRENSHAW, 2002, p.). Homens e mulheres não vivenciam o racismo da mesma forma e o paradigma interseccional serve para expor violações de direitos que ficavam obscurecidas por não considerarem as vulnerabilidades da mulher, ou seja,

a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram (CRENSHAW, 2002).

Podemos citar alguns exemplos de opressões combinado ao silenciamento, que perpassa a vivência da mulher negra e, para isso, retomamos nossa análise do jornal *O Lingote*. De acordo com um levantamento feito por Leonardo Silva,

as mulheres apareceram em apenas 4,3% do universo de personagens do periódico, de um montante de 369 indivíduos, apenas 16 eram mulheres e, eram majoritariamente mulheres brancas. Às mulheres negras foram reservadas apenas 0,8% das histórias de trabalhadoras relatadas em todo *O Lingote* (SILVA, L. 2022, p.192).

Silva ainda chamou a atenção para o fato de o jornal ser escrito dentro de uma perspectiva masculina, o que explicaria o esconder das mulheres em suas folhas ou apenas as evidenciando nas seções de festas e atividades de entretenimento (SILVA, L. 2022, p.194). Ainda assim, as mulheres que apareciam em destaque eram brancas da classe média que frequentavam os clubes associados à Companhia, como analisamos no primeiro capítulo, ou exaltando algum feito específico delas, como veremos agora.

No *O Lingote* havia uma seção exclusiva sobre “O Homem no Trabalho” e essa parte do jornal se dedicava a apresentar os seus funcionários, contar a história deles e sua trajetória na CSN, porém, no ano de 1965, uma edição do mês de março, foi a vez de apresentar as mulheres no trabalho (Figura 16). Para o jornal reservar uma parte da edição para falar sobre o assunto, significa que, talvez, essa fosse uma área ocupada por uma quantidade significativa de mulheres.

O artigo intitulado como “O Homem e (hoje, também) a Mulher no Trabalho”, começou falando um pouco sobre o projeto de Farmácia Industrial da CSN que foi inaugurada em 1957 e, em seguida, informou que naquele momento a farmácia contava com 24 funcionários ocupando funções no receituário, na hipodermia e nas embalagens, por exemplo. E é nessa última função que localizamos uma das poucas mulheres negras que Leonardo Silva se referiu no levantamento que fez.

Figura 16 - “O Homem e (hoje, também) a Mulher no Trabalho”.



Fonte: Jornal *O Lingote*, Rio de Janeiro, março de 1965, nº172. Volta Redonda, RJ.

A mulher em questão era a Dona Maria José, mãe de três filhos e avó de quatro netos que estava trabalhando na CSN desde 1953. Assim que a Farmácia Industrial foi inaugurada, trabalhou na seção de hipodermia, mas, quando a reportagem foi feita, Dona Maria José foi remanejada para a seção de embalagens. Este caso pode ser encaixado dentro do conceito de paradigma interseccional, pois, além da Farmácia Industrial contar com a mão de obra feminina, dentre as funcionárias que aparecem na imagem abaixo (Figura 17), ela é a única negra.

Figura 17 – Da esquerda para a direita as sras. Florisbela Malta de Oliveira, Maria José, Elza do Carmo Fernandes Tedesco e Clarice Mat’oli Zucari, trabalhando juntas na seção de embalagem.



Fonte: Jornal *O Lingote*, Rio de Janeiro, março de 1965, nº172. Volta Redonda, RJ.

Ainda em 1965, mesmo ano que o Clube Palmares foi fundado, *O Lingote* noticiou que a sede da Associação de Donas de Casa seria inaugurada na Avenida Amaral Peixoto, Volta Redonda Velha, em abril daquele e,

o ato, a que estiveram presentes as figuras mais representativas das sociedades volta-redondense, representa a concretização de um ideal daquela Instituição, a qual terá, agora, possibilidades de ministrar aulas de decoração, corte e costura, arte culinária, higiene e prevenção contra a tuberculose (*O Lingote*, Rio de Janeiro, abril de 1965, nº 173).

D. Maria Ivete Mendes Barroso, secretária do Conselho Deliberativo, fez um relato das dificuldades desde a fundação, em 1958, e agradeceu ao Gen. Pinto da Veiga a contribuição da Companhia. Em um trecho do discurso ela disse o seguinte:

somos um punhado de mulheres que, inconformadas de viverem egoisticamente, apenas para si e sua família, uniram-se em torno de um denominador comum – o desejo de utilizarem, para o bem, os mananciais de dedicação e de amor que Deus colocou em seus corações (*O Lingote*, Rio de Janeiro, abril de 1965, nº 173).

Figura 18 - As senhoras Esmeralda Pinheiro Pereira e Anália Veiga, quando desceram a cortina, inaugurando o retrato do Gen. Pinto da Veiga.



Fonte: Jornal *O Lingote*, Rio de Janeiro, abril de 1965, nº 173. Volta Redonda, RJ.

A opressão e o silenciamento, neste caso, diz respeito à forma que um clube formado por mulheres negras foi tratado pela CSN: enquanto o Clube Palmares encontrou dificuldades de conseguir um terreno para ser construída a sua sede, um grupo de mulheres da classe média e esposas de operários da Companhia agradeciam a boa ação do então presidente da empresa. Podemos atribuir este feito à dois elementos que elas adotaram em seu discurso e que o regime militar também pregava: Deus e família. Muito diferente do discurso dos palmarinos da primeira geração, que defendiam a inclusão através da elevação da cultura negra, o que incomodava os militares.

A insatisfação destas donas de casa por viverem somente em função da família, fez com que elas se organizassem para compartilhar aquilo que aprenderam com suas mães e avós e isso não significa que elas tinham discursos feministas ou faziam parte de algum movimento. O mesmo caso das principais sócio-fundadoras do Clube Palmares, Maria da Glória e Eunice Nazário, que agiram em defesa das mulheres negras por acharem que era o certo a se fazer,

prova de que mulheres negras já desafiavam o sujeito mulher determinado pelo feminismo por todos os lugares¹⁰². De acordo com Silva,

essa visão de engajamento e autoconsciência é tônica dos relatos de dona Eunice. Essa descoberta e o apoio constante do marido, bem como o envolvimento de ambos com o Palmares trouxeram a ela uma nova forma de se posicionar que chegou a romper com padrões de comportamento para mulheres da época (SILVA, L. 2022, p.263).

As mulheres da primeira geração do Clube Palmares buscaram, além de ocupar cargos de liderança, outras formas de se posicionar na sociedade e isso inclui a sua participação no coral e nos concursos de beleza. Durante o período que está sendo trabalhado nesta pesquisa, é notável que houve um aumento no número de concursos de beleza e bailes de debutante realizados em Clubes Sociais Negros. Ao deixar de lado a questão moral, o que estaria em jogo era o lugar da mulher e, em particular, do corpo feminino no projeto de promoção ou dignificação dos negros (GIACOMINI, 2006, p.127).

Para iniciarmos o debate sobre a presença das mulheres negras nos concursos de beleza do Palmares, se faz necessário expor alguns conceitos a fim de problematizá-los, assim como o fez Giane Escobar (2017) em sua tese. De acordo com a pesquisadora, é imprescindível “problematizar os conceitos de identidade e representação, com vistas a entender como se deu a formação das complexas identidades das rainhas e das princesas negras” (ESCOBAR, 2017, p.97). Ela buscou refletir, através destes conceitos, as construções sociais da palavra negro/negra, “naturalizadas como algo ruim, obscuro, feio, permanentemente repetidas e representadas de forma estereotipada e estigmatizadas” (idem). Sobre isso, Neusa Santos Souza levantou a questão do “mito negro” e, em suas análises, ela mostrou como o mesmo se construía através da desvalorização sistemática dos atributos físicos do sujeito negro. Em seguida expôs que,

o mito é uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história. Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômicas, políticas e ideológicas. [...] O mito negro, na plenitude de sua

¹⁰²Como exemplos, Giane Escobar citou Sojourner Truth, ex-escravizada que se tornou oradora e que escandalizou a sociedade branca estadunidense, em 1851, ao proferir o seu famoso discurso intitulado “Não sou eu uma mulher?“, na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio. Destacou, também, a intelectual negra Carolina Maria de Jesus, que em sua obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960) fala da sua experiência como mulher, negra, mãe solteira, pobre que viveu e sentiu intensamente a fome, que cuidou sozinha dos filhos sobrevivendo do lixo da cidade. ESCOBAR, Giane Vargas. “Para encher os olhos”: Identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal *A Razão* (1960-1980). Santa Maria, 2017.

contingência, se impõe como desafio a todo negro que recusa o destino da submissão (SOUZA, 1983, p.11).

E por “recusa do destino da submissão”, ela atribuiu ao desprezo, vergonha ou hostilidade que os seus depoentes se referiram ao “beijo grosso” do negro; “nariz chato e grosso” do negro; “cabelo ruim” do negro; “primitivismo” sexual do negro e assim por diante (SOUZA, 1983). Dentro desta perspectiva, a autora de “*Tornar-se negro – As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*” (1983), fez observações importantes acerca da maneira que o negro era possuído pelo ideal de embranquecimento e como isso o forçava a querer destruir os sinais de sua cor, de seu corpo e de sua prole¹⁰³.

Em paralelo a isto, Lilia Schwarcz, através de suas pesquisas, percebeu que houve um aumento proporcional da população preta e parda, e justificou dizendo que

desde o final dos anos 1970, e principalmente durante os anos da redemocratização, quando ocorreu a emergência de uma agenda de direitos civis – pautada no direito a diferença dentro da igualdade e da universalidade, e vice-versa -, brasileiros têm mudado seus critérios de autodefinição e, progressivamente, se declarado negos ou pardos (SCHWARCZ, 2019, p.32-33).

Porém, utilizando Souza novamente para rebater,

a discriminação de que seu corpo (negro) é objeto, não dá tréguas à humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de “inferior”. É no momento mesmo em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem de seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade (SOUZA, 1983, p.12).

O discurso racista, desta forma, se estrutura em um conjunto de oposições que levam um grupo a opor-se ao outro por meio das características biológicas ou físicas da “raça negra” e da “raça branca” (ESCOBAR, 2017). Tal oposição se torna evidente quando há necessidade de criar um clube negro em Volta Redonda para proporcionar lazer àqueles que eram barrados de outros clubes, denunciando o sistema segregacionista da cidade.

¹⁰³Sobre isso, ver mais em: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro – as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, 1983.

A discriminação e a opressão atravessou a mulher negra de maneira bem mais agressiva, afetando a sua autoestima. Em um dos trechos da entrevista realizada com dona Eunice, a pesquisadora Gladys questiona sobre a questão da entrevistada sentir a discriminação, mas não se posicionar por um determinado período, ao passo que ela respondeu: “[...] A gente foi criado assim, achava que tava tudo normal, mas sentia. Ah, tinha apelido nas escolas, as professoras colocavam, os próprios professores colocavam”¹⁰⁴.

Na contramão ao ideal de beleza que valorizava os traços brancos, os “concursos de beleza racial”, durante o I Congresso do Negro Brasileiro no Distrito Federal, foram defendidos e recomendados por pessoas como Guerreiro Ramos e Darcy Ribeiro¹⁰⁵. A partir de então, concursos de beleza deste tipo seriam comumente promovidos através de nomes que faziam menção explícita à cor, acionando a especificidade étnica, dentre eles: “Boneca de Pixe”, “Rainha das Mulatas” e “Rainha do Café”¹⁰⁶. No intuito de restituir a autoestima negada às mulheres negras, o Teatro Experimental do Negro - TEN, promoveu os concursos “Boneca de Pixe” e “Rainha das Mulatas” em que os critérios de julgamento incluíam o talento criativo, os dotes intelectuais e a postura ética da candidata¹⁰⁷.

Abdias Nascimento, no momento em que estes concursos começaram a ser realizados pelo TEN, chegou a comentar que,

houve críticos esquerdistas fazendo confusão dos concursos com exploração meramente sexual da mulher negra. Essas pessoas não compreendiam, não podiam compreender a distância que nos separava qual uma linha eletrificada, de tais preocupações. Pois o alvo desses concursos era exatamente pôr um ponto final na tradição brasileira de só ver na mulher negra e mulata um objeto erótico, o que vem acontecendo desde os recuados tempos do Brasil-Colônia¹⁰⁸.

O caso mais famoso de uma mulher negra que estourou a bolha foi o de Vera Lúcia Couto do Santos, uma jovem de dezoito anos, que ganhou o título de *Miss Estado da*

¹⁰⁴Sobre isso, ver mais em: SILVA, Leonardo Ângelo da. *Uma cidade em preto e branco: relações raciais, trabalho e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1988)*. Curitiba, 2022.

¹⁰⁵Sobre isso, ver mais em: GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*. Belo Horizonte, 2006.

¹⁰⁶Idem.

¹⁰⁷Sobre isso, ver mais em: *Seção TEN, IPEAFRO*. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/acervo-ipeafro/secao-ten/>. Acesso em: 05/12/2023.

¹⁰⁸Idem.

Guanabara¹⁰⁹ de 1964, concurso famoso no Rio de Janeiro por sempre levar candidatas para o *Miss Brasil*¹¹⁰. A candidata representante do Clube Renascença, recusou o convite por dois anos seguidos com medo de sofrer preconceito racial, mas, acabou aceitando participar deste e dos demais concursos¹¹¹. Além disso, Vera acreditava que o preconceito era muito mais socioeconômico do que racial e que a superação dependia da integração social¹¹² e, nas palavras da *ex-miss* Guanabara,

o negro tem que se preparar, que estudar, que se posicionar e participar. Negros e brancos, não separar. Eu acho que aqui no Brasil uma minoria tem preconceito racial, eu acho que existe mais o preconceito socioeconômico. Se o negro estiver preparado, bem vestido, bem intencionado e souber se colocar, ele vai ser bem aceito [...] (GIACOMINI, 2006, p.117).

De acordo com as análises de Sonia Giacomini, Vera Lucia seguia o modelo de mulher que era valorizado pelos fundadores do Renascença, ou seja, era considerada moça de família e bem educada, ao contrário da dançarina, a “mulata” dos *shows* noturnos⁴⁰. Ao concorrer com candidatas brancas no *Miss Guanabara*, “o bom gosto e refinamento foram colocados à prova e fortemente testados por um tipo de pressão claramente discriminatória porque não exercida sobre a totalidade das candidatas” (GIACOMINI, 2006, p.115-116). Mas, entre os seus, nos concursos de *Miss* do Rena, Vera se impôs por ser portadora de atributos normalmente atribuídos às mulheres brancas das classes médias¹¹³.

O caminho que escolhem (os clubes negros) para a afirmação dessa mulher, e por via dela de todo o grupo, passa, porém, por privilegiar o terreno em que julgam haver maior espaço - abertura, receptividade -, ou menor resistência, isto é, o terreno estético. [...] Todavia, a vitória das misses mulatas acabava se transformando na confirmação do que a tradição ensinava desde sempre: a mulher negra e mulata é atraente, sedutora, *excessivamente* sensual (GIACOMINI, 2006, p.132-133).

¹⁰⁹O Miss Estado da Guanabara (ou popularmente conhecido somente como Miss Guanabara) foi uma competição que escolhia a melhor representante do extinto estado da Guanabara para o concurso de Miss Brasil. A competição existiu desde a criação da unidade federativa, em 1960 até sua completa extinção, em 1974.

¹¹⁰Sobre isso, ver mais em: “*Vera Lucia Couto, primeira miss Guanabara negra*”, por Tânia Regina Pinto. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/vera-lucia-couto-primeira-miss-guanabara-negra/>. Acesso em: 13/11/2023.

¹¹¹Idem.

¹¹²GIACOMINI. *Op.cit.*

¹¹³Sobre isso ver mais em: GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*. Belo Horizonte, 2006. E ver mais em: “*Vera Lucia Couto, primeira miss Guanabara negra*”, por Tânia Regina Pinto. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/vera-lucia-couto-primeira-miss-guanabara-negra/>. Acesso em: 13/11/2023.

Na cidade de Volta Redonda não havia abertura e muito menos receptividade mesmo no terreno estético, pois, se os bailes mensais do Clube Palmares já não eram noticiados, principalmente no jornal *O Lingote*, os concursos de beleza aparentemente não tiveram nenhum tipo de divulgação.

Além dos concursos mencionados anteriormente, havia também o *Miss Colored* (Figura 6) e, o evento em questão era promovido pela Sociedade Cultural Beneficente 28 de Setembro com a intenção de oferecer recreação para a comunidade negra de Sorocaba, São Paulo¹¹⁴. Através de informações retiradas do periódico on-line *Jornal Cruzeiro do Sul*, em 1966, a participante Elisa Correia de Moraes foi coroada como Rainha da Sociedade Cultural Beneficente 28 de Setembro, sendo este o último desses concursos a serem realizados pelo local¹¹⁵. Porém, de acordo com outra reportagem do *Jornal Cruzeiro Sul*, o *Miss Colored* surgiu no Brasil na década de 1970, com o objetivo de aumentar a autoestima das mulheres negras, que cresciam envoltas a um estereótipo de beleza que não se encaixava nos “padrões da sociedade” da época¹¹⁶. A reportagem ainda reforça que em Sorocaba, o concurso era exclusivamente realizado na sede da Sociedade Recreativa Beneficente 28 de Setembro¹¹⁷.

A partir das informações que foram expostas podemos levantar pelo menos três hipóteses: 1) o *Miss Colored* pode ter sido algo que de fato surgiu no clube negro sorocabano sob algum tipo de inspiração de fora do país - devido ao nome em inglês - ter sido patenteado e considerado algo grandioso para os seus associados na década de 1970, quando a ideia supostamente se instalou no Brasil; 2) O Clube Palmares pode ter se inspirado tal qual a Sociedade Recreativa Beneficente 28 de Setembro e realizado seu próprio concurso sob o mesmo nome, tendo em vista que o último concurso em Sorocaba foi em 1966; 3) Devido a fragilidade de suas fontes, pode haver um conflito de datas no que se refere aos registros do Clube Palmares. A hipótese que mais se encaixa em nossa análise é a de que o Clube Palmares possa ter se inspirado e, com isso, realizado o seu próprio concurso *Miss Colored* no ano de

¹¹⁴Sobre isso, ver mais em: *Sociedade Cultural 28 de Setembro inicia calendário de comemorações*. Maira Fernandes, 24/09/2015, *Jornal Cruzeiro do Sul*. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/641755/sociedade-cultural-28-de-setembro-inicia-calendario-de-comemoracoes>. Acesso em: 05/12/2023.

¹¹⁵Sobre isso, ver mais em: *#TBT: Miss Colored* por Manuel Garcia, 14/ 05/2020, *Jornal Cruzeiro do Sul*. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/presenca/tbt-miss-colored/>. Acesso em: 05/12/2023.

¹¹⁶Idem.

¹¹⁷Idem.

1967, com a presença da diretoria da Associação Renovadora dos Homens de Cor do Brasil, de São Paulo¹¹⁸.

O objetivo do Clube Palmares de “incluir o negro” na sociedade volta-redondense cumpria, de certa forma, com o seu papel de abranger também a inclusão da mulher negra que sofria em dobro com a exclusão social. Sem se limitarem ao papel de coadjuvantes, as mulheres negras do Palmares buscaram se posicionar como protagonistas de seu lazer através da participação em determinadas áreas e chamando a atenção para os atos de racismo contra a sua pessoa. Ademais, as palmarinas já praticavam o feminismo negro sem saber que anos mais tarde suas demandas seriam pautas de um movimento ainda maior.

2.2 Associativismo ou Movimento Social?

Os conceitos de Associativismo e Movimentos Sociais podem até se confundir na teoria, porém, é na prática que conseguimos distinguir as suas motivações. No Associativismo, notamos um tipo de demanda mais específica mediante a preocupação da população negra com a sua situação social e, seria através dos Clubes Sociais Negros que eles iriam buscar estreitar os laços de identidade com os seus, por meio de manifestações em favor da defesa e promoção de seu grupo. O conceito de Movimentos Sociais é mais contemporâneo e, são organizações mais amplas que visam a luta por direitos das minorias: as mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, a população negra e indígena.

De acordo com as sociólogas Karine Pereira Goss e Kelly Prudencio, até o início do século XX, o conceito de Movimentos Sociais contemplava apenas organizações e ações de trabalhadores em sindicatos (GOSS; PRUDENCIO, 2004). Porém, em um determinado momento da História do Brasil, a ênfase recai na microestrutura, ou seja, “os autores deixam de analisar os sujeitos políticos apenas na relação classe-partido-Estado e passam a analisar os movimentos populares que ocorrem no bairro e no espaço social da moradia” (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p.77).

¹¹⁸Não há nenhum registro sobre esta associação em específico, apenas registros sobre a Federação dos Homens de Cor (FHC), fundada em 1909, em São Paulo e que, no ano de 1920, transferiu-se para o Rio de Janeiro. A Associação Renovadora dos Homens de Cor do Brasil pode ter sido uma extensão da FHC, porém, sem qualquer outro registro além da imagem que está no Clube Palmares.

Com o golpe e, posteriormente, com a instauração do AI-5, em 1968, houve uma eclosão de novas identidades coletivas e de novos sujeitos da História. O sociólogo Cauê Krüger utilizou o também sociólogo Marcelo Ridenti para explicar que,

as manifestações brasileiras estavam em sintonia com o que ocorria no mundo todo, mas tiveram a particularidade de inserir-se na luta contra a ditadura militar que interrompeu o processo democrático e, as três frentes de contestação social e política proeminentes seriam: o movimento estudantil, o movimento operário e a agitação cultural promovida por intelectuais e artistas (RIDENTE apud KRÜGER, 2010, p.143).

Apesar de frear os canais de comunicação com o povo, “o governo Castelo Branco não impediu a circulação teórica ou artística do ideário esquerdista, que embora em área restrita, floresceu extraordinariamente” (SCHWARZ apud KRÜGER, 2010, p.143). Os apontamentos feitos por Thomas Skidmore corroboram com tais argumentações, pois, desde os anos de 1965 e 1966, os estudantes mais ativistas recusaram-se a ser intimidados e a atmosfera repressiva nas universidades continuou a radicalizar muitos dos estudantes mais politizados¹¹⁹. É ainda neste período que haveria movimentos contra o regime militar como os protestos pela morte do estudante Edson Luís e a Passeata dos Cem Mil, mencionadas no capítulo anterior e, nos meses de abril e maio de 1968, o governo começou a enfrentar a oposição de outro setor, menos esperado e potencialmente mais perigoso: o movimento operário (SKIDMORE, 1999, p.156).

Os trabalhadores de Contagem, cidade industrial de Minas Gerais, protestavam contra a constante queda do salário e exigiam o aumento de vinte e cinco por cento. A informação é de que aproximadamente 15.000 pessoas desafiaram a ordem de volta ao trabalho dado pelo Ministro do Trabalho Jarbas Passarinho. Como consequência, a cidade foi ocupada pela polícia, as reuniões proibidas e os patrões ameaçaram demitir os que não quisessem voltar ao trabalho¹²⁰. Na cidade de Osasco, subúrbio industrial de São Paulo, os grevistas eram metalúrgicos e fizeram exigências mais ambiciosas: trinta e cinco por cento de aumento salarial, contrato de trabalho de dois anos e reajustes trimestrais¹²¹. Para Skidmore, esta greve foi muito mais política do que a de Contagem.

O presidente do sindicato de Osasco, José Ibraim, não era somente um metalúrgico, mas também um universitário das fileiras dos ativistas católicos. Os militantes antigoverno desse sindicato foram encorajados pela

¹¹⁹Sobre isso, ver mais em: SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. São Paulo, 1999.

¹²⁰Idem.

¹²¹Idem.

mobilização dos estudantes do Rio, conseguida a despeito (e no fim por causa) da repressão do Exército e da polícia (SKIDMORE, 1999, p.158).

A greve não durou muito ao passo que, logo no segundo dia, “o presidente do sindicato fugiu e, forças policiais e militares ocuparam a área e houve prisões em massa de trabalhadores, alguns dos quais sendo levados diretamente para sessões de tortura” (SKIDMORE, 1999, p.159).

A luta operária na Cidade do Aço também chamou a atenção do governo militar, já que nessa época eles haviam garantido um espaço dentro da Companhia. O historiador Marcos Aurélio Gandra assinalou que,

o golpe de 1964 pode ser considerado trágico para o movimento sindical do país e de Volta Redonda: duas intervenções, prisões e torturas de diretores do Sindicato, fazendo emergir o caráter governista da entidade, que segue o mesmo caminho do restante do país, aplicando uma política assistencialista. A presença militar foi intensificada com a doação, por parte da CSN, de casas para sargentos e oficiais do Batalhão do Exército de Barra Mansa residirem em Volta Redonda, estreitando o contato com a direção da empresa (GANDRA, 2009, p.38-39).

Houve casos de despejo das famílias operárias que viviam em residências oferecidas pela CSN, em decisões que foram tomadas antes mesmo da conclusão do inquérito¹²². As investigações apontam diversos episódios de atuação favorável da empresa ao golpe de 1964, garantindo que a ação militar fosse bem-sucedida no sul fluminense¹²³. Esse envolvimento incluiu, até mesmo, a criação de um Plano de Segurança da Usina, ainda em março de 1964, nas vésperas do golpe¹²⁴. O plano, que foi engendrado com participação do Comando Militar da região, traçava medidas para uma eventual reação dos trabalhadores, com instruções claras a supervisores e chefes de departamentos em casos de “perturbação da ordem”¹²⁵.

“A CSN-mãe passava a tratar mal seus ‘filhos’, a ideologia se voltava contra ela, afirmando que toda dominação tem suas ambiguidades” (GANDRA, 2009, p.41) e, o

¹²²Esta informação faz parte de um artigo escrito por André Borges, porém, os detalhes deste período e das relações umbilicais que a CSN manteve com a ditadura militar foram apurados no projeto “A responsabilidade de empresas por violações de direitos durante a Ditadura”, um trabalho de pesquisa que envolveu 55 pesquisadores e foi conduzido pela Universidade Federal de São Paulo, através do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (CAAF/Unifesp) em parceria com o Ministério Público Federal e o Ministério Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://apublica.org/2023/06/racismo-perseguição-e-assassinatos-nas-instalações-da-csn-nos-anos-da-ditadura/>. Acesso em: 08/12/2023.

¹²³Idem.

¹²⁴Idem.

¹²⁵Idem.

movimento sindical de Volta Redonda se caracterizou como um movimento social na luta por direitos e de resistência ao golpe militar. Em seguida, foi a vez da Igreja se transformar em um importante campo de batalha contra o regime, mas, é preciso ressaltar que nem todos os seus representantes encaravam as atitudes do novo governo como algo ruim.

No momento do golpe, a hierarquia da Igreja foi uma das fontes de opinião da elite que apoiou a intervenção militar, ao passo que, bispos influentes elogiaram o golpe, reforçando os receios da classe média de que a luta contra o governo Goulart fosse na verdade uma luta pelo seu futuro¹²⁶. Para Alejandra Estevez, “nesses primeiros anos, tem lugar uma cooperação entre a hierarquias militar e eclesiástica e, portanto, uma proximidade de objetivos e ideologias” (ESTEVEZ, 2015, p.212). A posição tomada pela Igreja não agradou, por exemplo, os católicos mais jovens que militavam em alguns grupos como a Ação Católica Brasileira e a Ação Popular¹²⁷.

O mesmo equilíbrio de forças começou a ser abalado nos anos 1960, quando esses setores progressistas já se encontravam mais ou menos desenvolvidos. Skidmore pontuou que durante esse período, mediante a uma tentativa do governo de controlar a Igreja, a mesma foi apanhada nas mesmas correntes que estavam radicalizando os estudantes universitários e os trabalhadores das indústrias (SKIDMORE, 1999).

Na cidade de Volta Redonda, em novembro de 1967, quatro jovens pertencentes ao movimento católico Juventude Diocesana Católica - Judica, foram presos pelos militares após serem detidos distribuindo panfletos julgados subversivos¹²⁸. O grupo foi levado à sede do I° BIB para prestar depoimentos e em seguida, foram detidos e mantidos em solitária, permanecendo incomunicáveis durante um mês¹²⁹. O panfleto em questão,

denunciava as péssimas condições de vida a que estava submetida a maioria da população brasileira, sobretudo a classe trabalhadora, e seu conteúdo era crítico à política imperialista dos Estados Unidos no país. Concluía conclamando a mobilização de trabalhadores da cidade ou do campo, estudantes e intelectuais para tomarem parte da luta contra a ditadura (ESTEVEZ, 2015, p.213).

¹²⁶Sobre isso, ver mais em: SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. São Paulo, 1999.

¹²⁷Idem.

¹²⁸Organizada em 1966, sob a orientação do padre Barreto e com o apoio do bispo D. Waldyr Calheiros, com o intuito de reunir diversos movimentos da juventude católica que se encontravam espalhados pelos bairros de Volta Redonda, tais como Juventude Operária Católica (JOC), Associação Católica Juvenil (ACAJ), Comunidade de Jovens Cristãos, entre outros. Sobre isso, ver mais em: ESTEVEZ, Alejandra Luisa Magalhães. *Relações Igreja-Estado em cidade operária durante a ditadura militar*. São Paulo, 2015.

¹²⁹Idem.

Na memória coletiva da cidade, o bispo D. Waldyr Calheiros segue sendo um dos personagens mais emblemáticos quando o assunto é ditadura militar. Desde a sua chegada a Volta Redonda, o bispo já havia deixado clara a sua proximidade com as classes populares e uma postura crítica ao governo, pois, como

integrante dos setores progressistas da Igreja católica, D. Waldyr desagradou os militares pela primeira vez quando se recusou a celebrar missa em comemoração ao aniversário da “Revolução de 1964”, em abril de 1967 (ESTEVEZ, 2015, 215).

Para finalizar, Estevez resgatou uma importante declaração do bispo local publicada pelo *Jornal do Brasil* e que ficou conhecida como “Os sete pecados capitais”. O documento na íntegra, de acordo com a mesma, “é representativo da intervenção de padres e bispos nas questões políticas, entendidas por eles como questões sociais” (ESTEVEZ, 2015, p.2015). Porém, dois tópicos específicos da carta chamam a atenção e vão de encontro aos assuntos que já abordamos neste trabalho.

O primeiro, que na carta está sinalizado como tópico de número cinco, dizia: “estou preocupado com a manutenção de casas sociais: Laranjal é para... a Vila é para... apartamentos é para... Isto é para criar rivalidades entre classes. São ilhas criadas”¹³⁰. Uma clara referência ao modo que as casas foram distribuídas, beneficiando de forma positiva os funcionários com cargos mais altos. O segundo assunto que chamou a atenção do bispo diz respeito a reorganização socioespacial da cidade com o fim dos benefícios sociais e, na carta como tópico de número seis, dizia:

estou preocupado com a vida de comunidade dos moradores nas casas que não lhes pertencem. Sei que a própria CSN está preocupada também há vários anos. As casas não lhe pertencendo e não podendo comprá-las, ninguém se sente estável e seguro. Daí, a apatia por qualquer coisa da cidade. Esta indiferença entre pessoas humanas é pernicioso no relacionamento humano¹³¹.

Além do tom de denúncia, a pastoral se mostrou estar ao lado das camadas populares e mais atenta aos problemas de classe, aparentemente sem mencionar os problemas ligados à discriminação racial que estavam sendo denunciadas pelo Clube Palmares por toda a década

¹³⁰A declaração feita por Dom Waldyr Calheiros pode ser encontrada na íntegra no artigo *Relações Igreja-Estado em uma cidade operária durante a ditadura militar*, de Alejandra Estevez. São Paulo, 2015.

¹³¹Idem.

de 1960. Mesmo sabendo do histórico do catolicismo no Brasil e a sua participação massiva ao longo do regime escravista, a sua atuação durante o regime militar abre precedentes para um questionamento sobre o silêncio da Igreja em Volta Redonda, com relação aos problemas enfrentados pelo operariado negro, já que ela se dizia estar ao lado das camadas populares afetadas pelo governo.

Ao tornarem-se sujeitos combativos aos ideais do regime militar somente nos anos 1970, os novos integrantes do Clube Palmares passaram a considerá-lo um Movimento Social, mais especificamente, um Movimento Negro na luta por direitos e na denúncia do mito da democracia racial. E existem alguns acontecimentos que corroboram com esta afirmativa, vejamos. No tópico anterior, apontamos que o senhor João Laureano acreditava que o Clube Palmares tinha que cumprir com o objetivo de integrar o negro na sociedade, sem adotar objetivos políticos¹³². Contudo, ainda de acordo com o mesmo,

surgiu um grupo de rapazes com essas ideias, com a ideia aí de movimento americano. Os Panteras Negras, enfim. Ficaram sabendo que existia o Clube Palmares. O Clube Palmares foi fundado com o objetivo de integrar negros na sociedade, não tinha nenhuma questão política. [...] Então esse grupo de rapazes com a ideia diferente de uma sociedade formada no movimento negro [...]. Resumindo, foram para o Palmares com a ideia de movimento negro. Palmares era uma entidade, tinha estatuto, regimento e eles não assimilaram essa organização de Palmares [...] (SILVA, L. 2022, p.268)

O Clube Palmares foi pensado, inicialmente, para ser um espaço associativo que combinaria lazer, cultura e educação em um só lugar. Apesar de ter sido fundado durante a ditadura, a primeira geração palmarina não buscava afrontar os militares ou fazer qualquer movimentação que levasse a algum tipo de represália dos mesmos, ao passo que a população negra de Volta Redonda já sofria o bastante com a negligência e o silenciamento daquela que um dia foi uma “mãe” para seus operários, a CSN. Ademais, quando Laureano cita “eles não assimilaram essa organização de Palmares”, parece que ele quis dizer que este novo grupo não adotou o modelo de organização da primeira geração: se reunir somente para debater sobre a discriminação racial, buscar uma maneira de conseguir superar a barreira imposta pelo racismo de forma passiva ao se integrar na sociedade volta-redondense, sem se indispor com os militares.

¹³²Sobre isso, ver mais em: SILVA, Leonardo Ângelo da. *Uma cidade em preto e branco: relações raciais, trabalho e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1988)*. Curitiba, 2022.

É muito provável que o referido grupo com ideias de movimento americano fossem os jovens negros integrantes Movimento *Black* em Volta Redonda, que surgiu entre as décadas de 1970 e 1980. Em entrevista com Sérgio Gabriel dos Anjos, integrante do referido grupo, Gladys questiona quando o mesmo começou no Movimento Negro da cidade e ele responde:

eu comecei através de uma atividade recreativa porque, na época, estava acontecendo no Rio de Janeiro um movimento chamado *Black Music* e os jovens negros, e até as meninas também, começaram a frequentar esses bailes. Mais os meninos né, mais atirados, iam nesse baile. [...] A primeira vez que fui a um baile desse e aí realmente era um baile de *black*. Mais aí eu me interessei em saber por que estavam reunidos tantos negros naquele ambiente e ao som de uma determinada música, uma música americana¹³³.

Na cidade do Rio de Janeiro, houve uma crescente insatisfação entre alguns jovens sócios com o que consideraram um domínio da geração mais velha do Renascença Clube. O grupo, que permaneceu coeso até por volta de 1975, foi posteriormente identificado por seus participantes como “a geração que revolucionou o Renascença”¹³⁴.

Vindos da classe média, alguns deles universitários, com acesso a espaços sociais e de lazer da classe média branca de Zona Sul, vão, aos poucos, construir um projeto cultural e político típico de vanguardas militantes: querem atuar entre os negros jovens, querem contribuir para a criação de uma consciência negra e a constituição de um movimento negro (GIACOMINI, 2006, p.190).

A nova geração acabou elaborando seu projeto em torno do *soul* e do baile Shaft (personagem do detetive negro de um filme e de um seriado da TV americana dos anos 70), dando origem a uma das primeiras vertentes do que viria a ser conhecido como movimento *soul*, *black-rio* ou *black-music* no Rio de Janeiro¹³⁵. De acordo com Chistopher Dunn,

a música *soul* fazia parte da paisagem sonora brasileira desde o final dos anos 1960 e tornou-se o ponto focal para um movimento cultural entre os negros

¹³³Esta entrevista também faz parte do acervo de Gladys Guimarães e é muito provável que tenha sido feita em 2012, mesmo ano em que foram feitas as entrevistas com Dona Eunice Nazário.

¹³⁴Sobre isso, ver mais em: GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube*. Belo Horizonte, 2006.

¹³⁵GIACOMINI. *Op.cit.*

jovens que se reuniam no fim de semana nos bairros de classe trabalhadora da zona norte do Rio (DUNN, 2019, p.90)

Ainda na visão de Dunn, o *Black Rio* foi um movimento da contracultura negra que surgiu em meados dos anos 1970, quando a contracultura hippie entrou em declínio (DUNN, 2019). Portanto,

estava em jogo uma combinação de fatores e motivos como, por exemplo, a crise da esquerda tradicional e a profunda insatisfação com a vida sob o regime autoritário. No caso específico do *Black Rio*, pressões adicionais de discriminação racial e preconceito incentivavam os negros jovens a abraçarem os símbolos e discursos de orgulho negro (DUNN, 2019, p.92).

Para Cinthia Jardim Silva, “a singularidade da contracultura como fenômeno histórico estava em propor uma mudança não apenas política, mas também estrutural, em áreas da sociedade até então não discutidas abertamente ou jamais discutidas sob o viés revolucionário” (DA SILVA, 2015, p.12). E ser revolucionário, no caso do Movimento *Black* em Volta Redonda, era perceber o racismo a sua volta, questionar e denunciar. Sobre isso, Gladys perguntou se havia consciência de negritude e vítimas de preconceito quando Sérgio e seus colegas aderiram ao Movimento *Black* e o entrevistado respondeu que “não, essa consciência foi adquirida ali através dos bailes e do recorte racial nas músicas. Antes disso, não se falava do racismo, ao contrário do Palmares”¹³⁶. Através das letras das músicas americanas, Sérgio passou a compreender que nos Estados Unidos tinha racismo, mas ainda não tinha a percepção de que em Volta Redonda também existia:

aí é interessante, eu mesmo fui uma pessoa que pensou assim “ué, nossa, mas nos Estados Unidos tem negócio de racismo”. E depois, participando e discutindo, nós fomos descobrindo que aqui também, só que nós não sabíamos disso¹³⁷.

No momento seguinte da entrevista, Sérgio relatou que junto ao movimento musical, crescia a movimentação de negros se encontrando com outros negros para conversar sobre a

¹³⁶Trecho retirado de entrevistas do acervo de Gladys Guimarães, provavelmente do ano de 2012.

¹³⁷Idem.

discriminação racial, se aprofundar nos estudos sobre esse tema e se posicionar politicamente, incluindo ele próprio¹³⁸. A aproximação com o Clube Palmares aconteceu após o entrevistado ir a um de seus bailes quando funcionava no Aterrado e em seguida disse:

quando cheguei na portaria tive contato com pessoas negras, ali cuidando da entrada do clube e, lá dentro do espaço, no salão, todas as pessoas que estavam cuidando das atividades, eram negras. Mas ainda não tinha essa conotação de *Black*¹³⁹.

No capítulo anterior, ao analisarmos o comportamento das pessoas que frequentavam o Clube Palmares durante a segunda metade da década de 1960, identificamos que uma parte dos sócio-fundadores faziam parte de uma “elite negra”. O estilo de vida e o modo de pensar da primeira geração palmarina acabou se refletindo nos eventos do clube e na vestimenta de quem frequentava: os homens usavam ternos alinhados e as mulheres usavam vestidos de festa com os cabelos bem ornamentados, muito parecido com os eventos promovidos, por exemplo, pelo Clube dos Funcionários e pelo Clube Náutico. Em algum momento, que o entrevistado não especifica quando foi, mas, que podemos supor ter sido no final da década de 1970, as pessoas do movimento *black* se encontraram com as pessoas do Palmares e começaram a desenvolver os trabalhos em conjunto, gerando um choque de gerações, o que nos leva de volta ao relato do senhor Laureano quando ele apontou que,

para eles, nós... Para época a gente de terno e gravata e eles com a ideia de *Black Power* [...], assumiam o natural e tal [...], para eles foi uma das grandes... Foi um choque, foi um dos grandes erros que eles cometeram na época. Ao invés de se aliarem a nossas ideias, elevação cultural do negro. Eles não estudavam, tanto é que a maioria deles ficaram por aí (SILVA, L. 2022, p.268).

É provável que nem todos que frequentavam os bailes *black* tenham aderido à militância, mas, havia jovens como o Sérgio dos Anjos que se engajaram na luta contra a discriminação racial de forma mais direta e que, de alguma forma possa ter gerado um incômodo nos militares. Sem dar muitos detalhes sobre as atividades desenvolvidas após a junção do Clube Palmares e do Movimento *Black*, Sérgio afirmou:

¹³⁸Trecho retirado de entrevistas do acervo de Gladys Guimaraes, provavelmente do ano de 2012.

¹³⁹Idem.

não só demos continuidade à luta *black*, mas, já com a linguagem do movimento negro... aí os eventos passaram a ter o olhar de Movimento Negro, não só na música. Aí ficamos dentro do Clube Palmares, cuidando dessas atividades [...] ¹⁴⁰.

Com o passar do tempo, devido a conflitos de ideais entre a antiga geração e os novos associados, os primeiros passaram a abandonar o clube, como descrito nas falas de João Laureano no seguinte trecho:

Então para eles nós éramos negros elitistas, negro burguês né? Nós como funcionários da CSN, nessa época o Nazário já estava formado e eu também, já havia terminado o curso técnico. Já estava como técnico mas para eles nós éramos negros elitistas, burguês, né? E ser negro [para eles] era ser pé no chão, cabelo ouriçado e tal, muita gíria e nos eliminou [...] de dentro do Clube. Eles foram maioria (SILVA, L. 2022, p.268).

Através do que foi exposto por João Laureano e Sérgio do Anjos, fica evidente que, os clubes negros

são territórios onde as pessoas negras inscrevem seus corpos, almejam congregar seus “irmãos e irmãs de cor” e elevá-los do ponto de vista social, cultural, moral e intelectual, o que contribui para despertar ou cimentar entre os membros afiliados o sentimento de pertencimento a um grupo. Por outro lado, essas agremiações foram (e são) locais de formação política, de elaboração de narrativas racializadas, de projetos de inserção social, de discussão de plataformas no campo dos direitos e da cidadania e de retóricas de igualdade. [...] Ao mesmo tempo que essas agremiações servem de base para essas ações coletivas, elas também surgiram e se multiplicaram em função do anseio por espaços de sociabilidade, distinção, reconhecimento e dignidade. Os clubes, mesmo não declarando compromisso com a luta, as reivindicações e os problemas dos negros, decerto se constituíram em arena potencial de sua tomada de consciência (DOMINGUES, 2023, p.21).

Ao longo do que foi exposto neste tópico, podemos chegar ao consenso de que houve um espaço associativo que, mediante a conflitos de gerações, se transformou em movimento social negro dentro da cidade de Volta Redonda. É de suma importância ressaltar que, durante o surgimento do Movimento *Black* e, posteriormente, da sua aproximação com o Palmares, a Cidade do Aço foi considerada Área de Segurança Nacional e com isso, o município era

¹⁴⁰Trecho retirado de entrevistas do acervo de Gladys Guimarães, provavelmente do ano de 2012.

constantemente vigiado. Seja como clube associativo ou como movimento social, o Clube Palmares, apesar da vigilância dos militares, cumpriu com o seu papel de denunciar o racismo, apesar dos discursos e atitudes distintas.

Considerações Finais

A frase “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”, mencionada pelo atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Luiz de Almeida (2019), nos permite compreender que o racismo é parte da ordem social e não algo criado pelas instituições, mas é por elas reproduzido¹⁴¹. E para chegar a essa conclusão nos baseamos em uma série de acontecimentos. Vejamos.

Em primeiro lugar, apesar da CSN ordenar as moradias de seus funcionários de acordo com a ocupação na empresa e não de acordo com a cor da pele, fica evidente que a grande maioria dos negros – que ocupavam cargos mais baixos – iria compor os bairros mais precários, com pouca ou nenhuma infraestrutura. Em segundo lugar, o lazer seguiu a lógica da divisão por cargos prevista no Projeto de Vila Operária: diretores, engenheiros e técnicos, cada grupo com seu respectivo local para frequentar no tempo do não-trabalho. E em terceiro lugar, tivemos o caso em que a CSN cedeu o terreno onde funcionava o acampamento central, que serviu de moradia aos operários que chegavam para trabalhar na construção da usina, para se construir um clube que futuramente discriminou pessoas negras que tentavam frequentar o local.

Ademais, temos aqui um conjunto de discriminação que mescla racismo estrutural com racismo institucional. Sobre o primeiro, nas palavras de Almeida,

o racismo é estrutural em decorrência da estrutura social com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. [...] Mas, pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racista e não é um alibi para racistas (ALMEIDA, 2019, p.29).

¹⁴¹ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Enquanto o racismo institucional, Silvio Almeida observou que,

[...] O que se pode verificar até então é que a concepção institucional do racismo trata o poder como elemento central da relação racial. Com efeito, racismo é dominação. [...] No caso do racismo institucional, o domínio se dá com estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder (ALMEIDA, 2019, p.23).

O discurso nacionalista de valorização do trabalho e do trabalhador junto ao mito da democracia racial, fez a discriminação no Brasil combinar inclusão com exclusão social durante todo o período que esta pesquisa se propôs a analisar. Nesse contexto, o racismo acabava sendo mascarado e todos se sentiam, de alguma forma, pertencentes à nação. De acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz,

na música, nos esportes, no corpo da lei, somos um país que sem dúvida inclui e não divide, a partir de critérios raciais. No entanto, se formos aos dados de lazer, trabalho, nascimento, a realidade é outra. Basta entrar nos clubes privados, nos teatros da elite, nos restaurantes luxuosos para perceber a coloração mais branca da população nacional local (SCHWARCZ, 2012, p.111-112).

Na cidade de Volta Redonda, com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, a noção de classe ocorreu antes da noção de raça devido a esse discurso homogeneizante e propagada pela usina através da ideia de família siderúrgica. Porém, com o crescimento dos episódios de discriminação racial por parte do Clube Náutico e Recreativo Santa Cecília, que impedia a entrada de pessoas negras em seus bailes “para não correr o risco de virar uma gafeira”, dois jovens negros e uma professora negra discutiram sobre a possibilidade de formar um espaço para que outros não passassem pela mesma situação. O Clube Palmares surge então como um espaço associativo, com o propósito de incluir o negro na sociedade através da instrução, ou seja, apesar de denunciarem o racismo, os sócio-fundadores reproduziam, mesmo que inconscientemente, o discurso de que a barreira imposta pela cor só seria ultrapassada se o negro ascendesse socialmente.

A historiadora Schwarcz pontou que no Brasil “não só o dinheiro e certas posições de prestígio embranquecem, mas, para muitos, a raça transvestida no conceito cor, transforma-se em condição passageira e relativa” (SCHWARCZ, 2012, p.32). Mas, ascender socialmente e possuir poder aquisitivo na Cidade do Aço, como José Elias e Nazário Dias, ambos engenheiros, não os impediu de sofrer com o racismo.

Ao longo da análise das entrevistas realizadas por Gladys Guimarães, notamos uma certa revolta nas falas do senhor João Laureano, por sentir que estava sendo excluído por aquela que um dia foi considerada uma “mãe” para os seus funcionários. E não só eles, mas, também suas esposas e filhas.

As mulheres negras de Volta Redonda, como pontuamos, foram uma das que mais sofreram com a discriminação racial, sobretudo as mulheres que tinham filhos, pois não havia um espaço que as aceitasse. E destaca-se o fato de que até a década de 1970 não se falava em feminismo negro, portanto, a questão da opressão da mulher negra, aparentemente, ainda não era pauta de discussões. As mulheres sócio-fundadoras do Clube Palmares, como a dona Eunice e a dona Maria da Glória adotavam o mesmo discurso sobre inclusão, reproduzido por Laureano e Nazário, porém, buscando a inclusão das mulheres negras no clube. A título de exemplo, citamos a forte presença feminina no Coral Palmares, na lista de sócios contribuintes e nos concursos de *miss*, promovidos no próprio Palmares.

A partir desta pesquisa foi possível constatar que uma parcela da população negra de Volta Redonda, apesar do contexto da ditadura militar, conseguiu se organizar como um espaço voltado para o associativismo negro que tinha o objetivo principal de oferecer um ambiente de lazer para àqueles que sofriam com a discriminação racial. No início da década de 1970, com o crescimento do Movimento *Black*, o clube foi tomado por outros tipos de objetivos, mas sem alterar o discurso sobre a luta antirracista.

Os conflitos de ideais que ocorreram entre a primeira e a segunda geração palmarina foi algo natural que aconteceu devido ao contexto em que essas pessoas viveram e, também, devido a forma como assimilaram o que era propagado pelo Estado. Porém, isso não significa que um grupo atuou mais ou menos que o outro. Pelo contrário, mesmo como um espaço associativo ao longo da década de 1960, o Palmares foi resistência e referência de luta contra o racismo, mesmo que tenha adquirido um discurso mais passivo.

Esta pesquisa não tem o objetivo de se encerrar por aqui pois, muitas questões ficaram em aberto, por exemplo: qual era o quantitativo de pessoas que foram despejadas com a nova dinâmica de distribuição de casas? Eram na maioria famílias negras ou brancas? Qual era os cargos ocupados pelas mulheres que utilizavam a matrícula da CSN como identificação no

Clube Palmares? Como funcionava a escolha das participantes para os concursos de beleza? Quais os quesitos que receberiam notas? Havia jurados ou era por voto popular? Como ocorria a vigilância militar no Palmares na prática a partir da década de 1970? Devido à debilidade das fontes orais e da dificuldade de acesso à muitas documentações, não foi possível responder estas perguntas no momento, mas, deixo em aberto para que futuramente essas dúvidas possam ser sanadas.

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; MONTEIRO, Livia; BRASIL, Eric. *Cultura negra vol. 2: trajetórias e lutas de intelectuais negros*. – Niterói: Eduff, 2018.

ALVES, Marcelo Paraíso. *R.T.G.V: Uma História de Lazer Operário, Alienação e Construção Nacional (Volta Redonda 1951 e 1956)*. – Vassouras, RJ, 2001.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Fábio Salgado. *A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e as Políticas Sociais de Lazer para os Trabalhadores: os Clubes Sociorrecreativos*. LICERE – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, UERJ, 2015.

_____. *O Lazer em Volta Redonda – RJ: dos clubes sociorrecreativos vinculados à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) aos novos investimentos esportivos da prefeitura*. Rio de Janeiro, UERJ, 2013.

BARBOSA, Alessandra Tavares de Souza Pessanha. *A Escola de Samba “Tira Negro do Local da Informalidade”: Agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940)*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, 2018.

BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. *Clubes sociais negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora/MG*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BEDÊ, Waldyr Amaral. *Volta Redonda na Era Vargas (1941-1954)*. – Volta Redonda: SMC/PMVR, 2004.

BORGES, André. *Racismo, perseguição e assassinatos nas instalações da CSN nos anos da ditadura*. Disponível em: <https://apublica.org/2023/06/racismo-perseguiacao-e-assassinatos-nas-instalacoes-da-csn-nos-anos-da-ditadura/>. Acesso em: 06/01/2024.

BRÊTAS, Ângela. *O Serviço de Recreação Operária (1943-1945): uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho*. Cad. AEL, v.16, n.28, 2010.

BROWN, Diana apud Souza, Fabíola Amaral Tomé de. *Uma História da Umbanda no Rio*. Tradução Sérgio Lamarão. Cadernos do Iser, vol. 18. Rio de Janeiro, 1987.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *Mulheres em Movimento*. Estudos Avançados 17 (49), 2003.

_____. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo, 2005. (Tese de doutorado).

COSTA, Alkindar Cândido da. *Clube dos Funcionários da CSN – 45 anos de história*. Gazetilha, Volta Redonda-RJ, 1988.

CORDEIRO, Janaína Martins. *Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici*. *Estud. hist. (Rio J.)* vol.22, n.43, Rio de Janeiro Jan./June 2009.

_____. *Milagre, comemorações e consenso ditatorial no Brasil, 1972*. CONFLUENZE Vol. 4, No. 2, 2012.

CLÍMACO, Thompson; SILVA, Leonardo Ângelo da. *Lugares de Memória dos Trabalhadores #60: Clube Palmares, Volta Redonda (RJ)*. Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-60-clube-palmares-volta-redonda-rj-leonardo-angelo-e-thompson-climaco/>. Acesso em: 06/01/2023.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero*. Tradução em português publicado em *Estudos Feministas*, v.1, 2002.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. *Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DA SILVA, Cinthia Jardim Negromonte. *Contracultura e Cultura Negra: Resistência à cultura ocidental no Brasil*. CELACC/ECA USP, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. São Paulo, 2007.

_____. *Clubes negros no Brasil: puzzle de um campo emergente*. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 15, 2023.

_____. *Artigo: Fascismo da cor versus racismo estrutural*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2023/06/5100800-artigo-fascismo-da-cor-versus-racismo-estrutural.html>. Acesso em: 06/01/2024.

DUNN, Cristopher. *Black Rio: a contracultura negra dos anos 70*. In: *Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades*. Organização: Leon Frederico Kaminski – 1.ed. – Curitiba [PR]: Editora CRV, 2019.

ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. – Santa Maria, RS, 2010.

ESTEVEZ, Alejandra Luisa Magalhães. *Relações Igreja-Estado em cidade operária durante a ditadura militar*. São Paulo, 2015.

EVANGELISTA, Marcela Boni. *Segredos compartilhados: a transcrição como recurso narrativo em histórias sobre aborto*. X Encontro Regional Sudeste de História Oral, Educação das Sociabilidades: Violência, desafios contemporâneos. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 2013.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil (1969-1977)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

_____. *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Rev. Bras. Hist. 24 (47), 2004.

FEIO, Steffani Gabrielle de Andrade. *O Grande Baile: O significado do baile de debutantes para jovens belenenses*. Pará, Belém, 2017.

FERREIRA, Flávio. *Os “Pretos Modernos”, um estudo da “Elite Negra” Paulistana e sua atuação na década de 1920*. – UFS, Sergipe, PE, 2010.

FERREIRA, Jorge. GOMES, Ângela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GANDRA, Marcos Aurélio Ramalho. *O controle operário, poder popular e ditadura tardia em Volta Redonda (1984-1990)*. XXIX Simpósio Nacional de História - ANPUH, 2017.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. – Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. *O conceito de movimentos sociais revisitado*. EmTese – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, nº1 (2), janeiro-julho 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; MULLER, Hermann Vinicius de Oliveira; FALCÃO, José Luiz Cirqueira; AVILA, Astrid Baecker. *O lazer nas empresas brasileiras: uma perspectiva histórico-crítica de análise*. Pensar a Prática, Goiânia, v.13, n.2, maio/ago. 2010.

JUNIOR, Arthur de Carvalho. *História do GACEMSS*. Volta Redonda, RJ, Gráfica Drumond, 2019.

KRÜGER, Cauê. *Impressões de 1968: contracultura e identidades*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 32, n. 2, 2010.

LAMARÃO, Sérgio. *Passeata dos Cem Mil*. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/passeatados-cem-mil>.

Acessado em: 09/12/2020.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez – Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos. – Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. - 2º ed., 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.

MOREIRA ALVES, Maria Helena. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Tradução: Clóvis Marques. ed. Petrópolis, Vozes, 1964.

MOREIRA, Regina da Luz. *CSN – Um sonho feito de aço e ousadia*. Rio de Janeiro, Iarte, 2000.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. *Negros em bailes de negros: sociabilidade e ideologia racial no “meio negro” em Campinas (1950-1960)*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2009, v.52 n° 2.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Editora PAZ e TERRA S/A, Rio de Janeiro, 1978.

PEIXOTO, Elane Ribeiro; PALAZZO, Pedro P.; DERNTL, Maria Fernanda; TREVISAN, Ricardo. *O Planejamento Urbano na Era Vargas e a Implantação da Companhia Siderúrgica Nacional: o Plano Regional para o Médio Paraíba Fluminense e o Projeto da Vila Operária da CSN de Atílio Corrêa Lima*. XIII SHCU – Tempos e Escalas da Cidade e do Urbanismo Brasília, 2014. Disponível em: <https://shcu2014.com.br/poster/298.html>. Acesso em: 06/01/2024.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *“O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)*. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

PEREIRA, Juliana da Conceição. *“Com que roupa?” O associativismo recreativo e a questão da moralidade entre trabalhadores do Rio de Janeiro da Primeira República*. Departamento de História – PUC, Rio de Janeiro, 2017.

PINTO, Tânia Regina. *“Vera Lucia Couto, primeira miss Guanabara negra”*. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/vera-lucia-couto-primeira-miss-guanabara-negra/>. Acesso em: 06/01/2023.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, v.2, n.3. Rio de Janeiro, 1989.

RAMOS, Jair de Souza; CUNHA, Olivia Maria da. *Os muitos sentidos da identificação criminal*. Resenhas e Crítica Bibliográficas, Physis 13 (2), Dez. 2003.

RIBEIRO, Jonatas Roque. *Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas: associativismo negro e educação no pós-abolição*. Revista de História e Historiografia da Educação, Curitiba, Brasil, v. 2, n. 5, 2018.

SANTOS, Isadora Bispo dos. *Negrosul: Centro de Tradições Gaúchas na contramão do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro*. Santa Maria, RS, 2022.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Racismo Brasileiro: Uma história da formação do país*. – 1. Ed. – São Paulo: Todavia, 2022.

SILVA, Eduardo Ângelo da; SILVA, Leonardo Ângelo da. *Industrialização, urbanização e formação de classe em Volta Redonda (1945-1979): do fim do Estado Novo aos tempos da ditadura*. Revista Mundos do Trabalho, vol.3, n.5, janeiro-junho de 2011.

SILVA, Eduardo Ângelo da. *“Arigós” e “peões” na “Cidade do Aço”: experiências urbanas e fabris, cultura e identidades de classe (Volta Redonda-RJ, 1970-1980)*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2010.

SILVA, Fernanda Olivera da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2011.

SILVA, Leonardo Ângelo da. *Industrialização, Relações de Classe e Participação Política: da criação da CSN à Emancipação de Volta Redonda (1941-1954)*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Uma cidade em preto e branco: relações raciais, trabalho e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1988)*. Curitiba: Appris, 2022.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. *Umbanda e Ditadura Civil-Militar: relações, legitimações e reconhecimento*. Revista Angelus Novus, USP – Ano VII, n.II, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro – as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1º edição. - Rio de Janeiro: LeBooks, 1983.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. - São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. - São Paulo: Editora Terra e Paz, 1999.

TERRA, Eduardo Martins; PEREIRA, João Marcelo da Silva; MELGAÇO, Marcelo Andrade; SANTOS, Márcia Cristina da Costa; FERREIRA, Ranielly. *Clube Palmares*. Fundação Educacional Rosemar Pimentel – Faculdades Integradas Geraldo Di Biase. Volta Redonda, RJ, 2004.

VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. *Volta Redonda: Entre o aço e as armas*. Petrópolis: Editora Vorazes, 1990.

Links pesquisados:

https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Divisao-Regional-do-Estado-do-Rio-de-Janeiro-com-o-municipio-de-Angra-dos-Reis_fig2_304534309

<https://www.voltaredonda.rj.gov.br/8/3086/>

<https://www.voltaredonda.rj.gov.br/cidade/8-interno/12-historia/>

https://cultura.uol.com.br/videos/34956_1964-aparato-repressivo-do-regime-militar-carlos-fico.html

<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2054-4-marco-1940-412037-norma-pe.html>

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4937-9-novembro-1942-414955-norma-pe.html>

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-03-66.htm

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1970-1979/decreto-lei-1273-29-maio-1973-356859-norma-pe.html>

<https://www.clubepalmares.org.br/institucional>

<https://clubedosfuncionarios.com.br/site/clube/história>

https://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16251.htm#:~:text=LEI%20No%206.251%2C%20DE%208%20DE%20OUTUBRO%20DE%201975.&text=Institui%20normas%20gerais%20sobre%20desportos,Art

<https://clubesnegrosbr.blogspot.com/>

<https://ipeafro.org.br/acoes/acervo-ipeafro/secao-ten/>

Fontes consultadas:

Ata de Fundação do Clube Palmares. Volta Redonda, 4 de abril de 1973. Centro de Documentação Edson Daniel João. Volta Redonda, RJ.

Câmara dos Deputados. Projeto nº326, de 1979 (Do Sr. Peixoto Filho). Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1181718. Acesso em: 11/01/2024.

Certidão do Clube Palmares. Volta Redonda, 28 de abril de 1970. Centro de Documentação Edson Daniel João. Volta Redonda, RJ.

Documentário - “*Palmares: o povo negro pode dançar*”, de Thompson Clímaco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo>.

Entrevista de Maria Eunice da Silva Santos Dias, artista plástica, militante dos movimentos negros e atuante no Clube Palmares em Volta Redonda desde 1965, concedida à pesquisadora Gladys Guimarães, na residência da entrevistada, em Volta Redonda, 04/07/2012. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Entrevista com Sérgio Gabriel dos Anjos, integrante do Movimento *Black* de Volta Redonda, entre as décadas de 1970 e 1980. Volta Redonda, sem data. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Jornal *O Lingote*, março de 1965, edição nº172. Volta Redonda, RJ.

Jornal *O Lingote*, Rio de Janeiro, abril de 1965, nº 173. Volta Redonda, RJ.

Jornal *O Lingote*, janeiro de 1967, nº 190. Volta Redonda, RJ.

Jornal *O Lingote*. Novembro e dezembro de 1967, nº198, p. 9. Volta Redonda, RJ.

Jornal *O Lingote*. Janeiro e fevereiro de 1969, nº205, p.4. Volta Redonda, RJ.

Jornal *O Fluminense*, 1º de maio de 1973. Niterói, RJ.

Jornal *O Fluminense*, 1º de maio de 1973. Niterói, RJ. Biblioteca Nacional Digital – BND.

Jornal *O Fluminense*, 11 de maio de 1973. Niterói, RJ. Biblioteca Nacional Digital – BND.

Relação dos Associados e Contribuintes do Clube Palmares, 1969. Centro de Documentação Edson Daniel João. Volta Redonda, RJ,

Relação dos Associados e Contribuintes do Clube Palmares (Participantes), 1969. Centro de Documentação Edson Daniel João. Volta Redonda, RJ.

